



NOVO SISMO EM MANÁGUA

devastada pelo terramoto que causou 2000 mortos

Manágua, a capital da Nicarágua, que no sábado fora quase completamente destruída, foi de novo abalada por um tremor de terra. Este novo sismo ocorreu quando decorriam as operações de salvamento nos escombros da cidade. Segundo as últimas informações teriam morrido duas mil pessoas em consequência do terramoto. O último sismo, de

acordo com o serviço noticioso da América Central, teve a intensidade de seis graus da escala de Richter. Entretanto, a parte mais devastada da cidade tem estado sob recolher obrigatório, entre as seis da tarde e as seis da manhã, mas a maioria dos habitantes partem, aterrorizados, para o interior do país.

APOS 36 HORAS DE INTERRUÇÃO

Recomeçaram os ataques ao Vietname do Norte

«As tripulações aéreas norte-americanas recomeçaram às 13 horas de hoje (6 em Lisboa), as operações sobre o Vietname do Norte, depois de 36 horas de tréguas» — anuncia num

breve comunicado o comando das forças dos Estados Unidos no Vietname. Aparelhos com base na Tailândia e em porta-aviões estacionados no Mar do Sul da China voltaram a ata-

car hoje a região de Hanói — Haiphong em conformidade com as ordens do presidente Nixon — acrescenta-se no comunicado. O comando norte-americano recusou-se a informar se os pilotos norte-americanos efectuaram missões de bombardeamento ao Vietname do Norte durante o período de tréguas decretado pelos aliados, mas a rádio de Hanói anunciou que uma missão de caças-bombardeiros efectuou uma missão sobre Hanói e os arredores pouco depois do início da tréguas, acrescentando que os aviões americanos violaram a tréguas por 28 vezes. O recomeço dos bombardeamentos acima do paralelo 20 seguiu-se a um impasse nas conversações secretas de Paris entre o dr. Henry Kissinger e o delegado de Hanói, Le Duc Tho. Oficialmente, os bombardeamentos foram explicados como uma medida para impedir o Vietname do Norte de organizar outra ofensiva contra o Sul. (A.N.I., R. e D.L.).

lizadas em caso de guerra.

Um informador do hospital disse que Truman faleceu às 8 e 50 da manhã (14 e 50 de Lisboa), mas recusou-se a dar mais pormenores ou a revelar a causa exacta da morte.

Sabe-se, no entanto, que o antigo presidente se encontrava em estado de coma há três dias e sofria de uma deteriorização progressiva das funções vitais, nomeadamente do funcionamento do coração e dos rins, além de outras complicações normais num doente da sua idade.

Harry Truman

morreu esta tarde

KANSAS CITY, 26 (R.) — O antigo presidente Harry Truman acaba de falecer com a idade de 88 anos no Hospital de Kansas City onde se encontrava hospitalizado desde o dia 5 de Dezembro, por ter sofrido uma congestão pulmonar.

O seu estado de saúde tinha vindo a agravar-se nos últimos dias e o doente, devido à sua idade avançada, enfraquecia gradualmente. Morre assim o homem que entrou na História por ter autorizado o lançamento das duas primeiras e únicas bombas atómicas, até hoje uti-

Em Manágua, circulam boatos de que a capital da Nicarágua será reconstruída noutro local. O antigo presidente Anastácio Somoza foi nomeado director de uma comissão de emergência encarregada de organizar o programa de socorro e os planos para uma eventual reconstrução. Em 1931, a capital da Nicarágua fora já destruída por um terramoto. Dentro das operações de socorro, começaram a ser dinamitados os prédios que se mantinham de pé no centro da cidade, suprimindo-se o perigo que representavam para as equipas que andam em busca de sobreviventes entre os destroços. O número de vítimas ainda não é completamente certo, mas estão definitivamente afastadas como exageradas as estimativas feitas pouco depois do terramoto de sábado.



HOJE: 32 PÁGINAS



Aspectos impressionantes das devastações provocadas pelo terramoto na capital da Nicarágua

OS TRANSPORTES EM LISBOA

A FALTA DE TÁXIS



A guerra dos táxis agudiza-se. Não conseguindo que a proposta do aumento da bandeira fosse aprovada pelo Ministério das Comunicações, muitos empresários de táxis de Lisboa, resolveram entrar em linha de resposta, com manobras que consideramos abusivas e prejudiciais. Agora ordenam aos seus motoristas que recolham os táxis entre as 18 e 20 horas, alegando que as dificuldades do trânsito nesse espaço de tempo não lhes permite compensar o desgaste e as despesas dos carros. O mais prejudicado, naturalmente, é o público, que nessas horas cruciais conta com menos táxis que nunca, o que torna o problema um verdadeiro drama para quem tenha de se deslocar na nossa capital. (Pág. 9)

**O MUNDO INTEIRO (INCLUINDO PORTUGAL)
ESTÁ A ENVIAR SOCORROS À NICARÁGUA**

**OS PREJUÍZOS SÃO CALCULADOS
EM 27 MILHÕES DE CONTOS**

DL/NACIONAL

A IGREJA NA MENSAGEM DE NATAL DO PATRIARCA

Nem reaccionária nem alienante

O Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, proferiu na véspera de Natal uma mensagem aos seus diocesanos. Destacamos as seguintes passagens:

«O mundo contemporâneo está, hoje, empenhado na realização de um humanismo novo, cujos alicerces vão sendo penosamente erguidos, no meio das muitas dificuldades do presente e das não poucas incertezas do futuro.

Em maior ou menor grau, já todos nos apercebemos de que os novos tempos, amanhecidos no horizonte, requerem uma nova fisionomia de homem e também um novo modelo de civilização. Todos queremos, para o presente e para o futuro, fazer surgir uma figura de homem que o seja mais e a quem se reconheça a dimensão plena do seu valor singular. Todos desejamos ver estabelecida uma cada

vez menos imperfeita organização da sociedade humana, onde efectivamente, se proclamem e sirvam as justas aspirações dos membros que a compõem. Todos almejamos atingir o meio-dia daquele mundo melhor, em que a Justiça e a prosperidade, como a liberdade e a paz, brilhem no firmamento das consciências e robusteam o tecido ainda débil das relações sociais.

Ninguém deixará de se alegrar perante os múltiplos esforços empreendidos e as acções realizadas em favor da promoção autêntica de semelhantes objectivos. Alegram-se, certamente, os homens de boa-vontade, e, entre outros, rejubila a Igreja que, com tanta frequência, os tem incitado prosseguir, sem desânimo, na tarefa árdua de renovar a face da Terra. Assim, o testemunha a voz

solene do último Concílio Euménico, ao proclamar suas «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje». Assim o demonstra o magistério autorizado do Papa e dos bispos, sempre assíduo em estimular iniciativas e apontar caminhos de verdadeira realização humana. Assim o comprova o comportamento quotidiano de tantos e tantos cristãos, que valorosamente se esforçam por construir o Mundo, na verdade e na justiça na liberdade no amor e na paz.

Hoje, mais do que nunca, seria injustiça manifesta acusar a Igreja de inimiga do progresso e de carcereira das liberdades do homem. Soam a falso as vozes que ainda teimam em catalogá-la entre as forças reaccionárias ou alienantes. Como poderá ser considerada reaccionária uma Igreja que alinha na

vanguarda da proclamação e da defesa dos direitos fundamentais do homem? Como poderá alguém chamar alienante a uma Igreja que, por imperativo da sua missão ou em suplência de carências alheias, assiste os doentes e os desprotegidos, cuida das crianças e dos velhos, oferece casa e pão aos necessitados, promove a educação e a cultura? Será ela reaccionária e alienante só porque, além de tudo isto, continua a afirmar a necessidade imprescindível dos valores éticos e não desiste de propor à aceitação dos homens um conjunto de realidades sobrenaturais que os transcendem?»

O Porto de Leixões vai ser ampliado

Pela Administração dos Portos do Douro e Leixões, foi distribuída a seguinte nota:

«A notícia vinda a lume, segundo a qual as linhas da North Continental Conference (South Bound) e da Portugal-North Continental Conference (North Bound) encariariam uma sobretaxa de frete para as cargas de e para Leixões, se as condições da exploração portuária existentes não melhorassem, surgiu num momento em que aquele porto se debate com uma ponta de tráfego que, apesar de normal no final de cada ano, apareceu com particular acuidade, não só devido ao aumento do número de navios, tal como aconteceu no ano transacto, mas ainda devido às suas maiores dimensões. Tido como uma realidade o congestionamento que neste fim de ano se verifica em Leixões, estão os responsáveis a desenvolver todos os esforços para que a situação seja melhorada, no plano imediato, se bem que entrem dificuldades de vária ordem, incluindo as relativas ao trabalho portuário.

Mas, a curto prazo, a situação será consideravelmente melhorada: com a entrada em serviço de um novo lanço de cais na doca n.º 2, com uma extensão de 370 metros, prevista para meados de 1973, representará um aumento de 16 por cento na capacidade de oferta daquele porto.

Como medidas a médio prazo, há a registar que se encontra aberto concurso para a construção de um novo cais com 500 metros de extensão para tráfegos especiais e que no próximo mês de Janeiro se espera promover a abertura de concurso público para a construção de uma nova doca com a extensão de 1 100 metros de cais.

Com as medidas em curso, espera a administração dos portos do Douro e Leixões garantir, em futuro próximo, uma melhor satisfação da procura dos utentes do porto de Leixões».

Marinheiro afogado

PORTO, 26 — Apareceu, ontem, de manhã, a boiar, no porto de Leixões, o cadáver do grumete da Armada Artur das Dores Brito, de 24 anos, que há dias, caíra ao mar, quando se encontrava a bordo de uma lanca do "Afonso de Albuquerque", quando este navio estava fundeado naquele porto.

Cirurgia cardíaca

PORTO, 26 — Amanhã, às 11,30, o prof. dr. Celestino da Costa faz uma palestra, no anfiteatro novo B, do hospital Escolar de S. João, subordinada ao tema: "Uma Prática de Cirurgia Cardíaca".



Distribuição de um bodo no Casino Estoril

Tal como acontece todos os anos, por ocasião da quadra natalícia, a Sociedade Estoril-Sol distribuiu ontem um bodo por três centenas de famílias necessitadas da zona onde exerce a sua actividade. A distribuição, que decorreu no «hall» do Casino, presidiu a sr.ª D. Gertrudes Rodrigues Thomaz, esposa do Presidente da República, que estava acompanhada por sua filha, Maria Natália Rodrigues Thomaz, e pelas sr.ªs D. Carolina Moreira Baptista, D. Alice Pinto Machado, D. Maria Lúcia de Serra e Moura, D. Marcelina Teodoro dos Santos, D. Maria Emília Teodoro dos Santos Telles, D. Ana Maria Carvalho, Maria Teodoro dos Santos, D. Rita Madeira Telles, D. Berta Barbosa e D. Elisa Telles Pinto. Estavam presentes os administradores da Estoril-Sol, srs. dr. Manuel Telles e Jorge Teodoro dos Santos, bem como o delegado e o secretário da administração, respectivamente, srs. coronel António de Almeida Andrade e dr. Lima de Carvalho.

Após a entrega do bodo, principiou a tradicional festa para os filhos dos funcionários do Casino, em número superior a quinhentos. Todos eles receberam brinquedos e participaram num lanche que foi extensivo aos respectivos pais.

Chefe do Distrito do Porto

Numa cerimónia tradicional, que decorreu ao fim da manhã de hoje, o chefe do distrito, major Paulo Durão recebeu os cumprimentos dos presidentes, vice-presidentes e vereadores das Câmaras Municipais do distrito.

PRÉMIOS CRÉDITO PREDIAL DE TELEVISÃO-4.º TRIMESTRE

Considero que o melhor programa português apresentado neste trimestre pela Rádio Televisão Portuguesa foi _____

Nome _____

Morada _____

Cole este cupon num postal e envie-o pelo Correio para a sede do Crédito Predial Português. Rua Augusta, 237, Lisboa, até ao próximo dia 3 de Janeiro.

No dia 10 de Janeiro de 1973 realiza-se o sorteio de uma conta-depósito de Esc. 15 000\$00, entre todos os cupons recebidos nestas condições.

BOM APETITE

restaurantes
arameiro
LISBOA
Restauradores
Trav. S. António 21
PRÉMIO DO S. N. 1.

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE — LUMIAR — TELEF. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
DOMINGO AO ALMOÇO ORQUESTRA
PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE. (M/14 ANOS)
Encerrado às 2.ªs feiras.

Restaurante
Quinta de S. Vicente
TELHEIRAS DE CIMA, 144 — TELEFONE 790211
REVEILLON 72/73
VARIEDADES
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
MUSICA! MUITA MUSICA! ALEGRIA!
Parque automóvel privativo
(M/ 15 anos)

RESTAURANTE E BAR
DO
HOTEL ALVORADA
ESTORIL
*
REVEILLON
MUSICA, ALEGRIA
BOM AMBIENTE
Magníficas refeições
Inscrições limitadas
na recepção
Telef. 260070 (Frente do casino)

HOTEL
EMBAIXADOR
TRADICIONAL «RÉVEILLON»
COM UM MAGNÍFICO «SHOW»

RICKY MAY
LENITA GENTIL
3 HERMANIS
HIGH SOCIETY BALLET
Música constante por dois conjuntos modernos

PREÇOS: Restaurante e boite — Ceia, com reserva de mesa, 350\$00. (Taxas e impostos não incluídos).
(Grupo C — M/14 anos)

NO DIA DE ANO NOVO
Jantares com ementa especial ao preço de 150\$00
(Taxas e impostos não incluídos)

COZINHA VELHA
QUELUZ — TELEFONE 95 02 32

Informamos os nossos Ex.ºs Clientes que, amanhã, quarta-feira, dia 27, faremos o nosso serviço habitual de Almoços, Chás e Jantares na SALA DE BANQUETES em virtude da Sala COZINHA VELHA se encontrar reservada para um LANCHE DE CASAMENTO.

DIA DE ANO NOVO
ALMOÇOS E JANTARES — EMENTA ESPECIAL
Lembramos a conveniência de reservarem mesas com antecedência.
A DIRECÇÃO.

APÓS-AS REFEIÇÕES CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

DL/OPINIÃO

A barra das perguntas

Nunca, por muito que nos esforcemos, poderemos compreender que se assista, com indiferença, à ruína progressiva de uma obra, à quotidiana anulação do trabalho de gerações, ressaltados, naturalmente, aqueles casos em que essa obra já não corresponda às necessidades de uma actualidade de exigências maiores. Em tal circunstância, a demolição da estrutura antiga é ainda uma homenagem ao esforço dos que nos antecederam: tão atentos como eles se mostraram no seu tempo, erguemos agora, para responder ao nosso, a estrutura que nos servirá hoje e que entregaremos ao futuro.

Alguns leitores acharão que o exórdio se dilatou por de mais e que da matéria que se pretende introduzir não há indício ainda. Têm razão. Mas quer a eficiência da comunicação que nem sempre o «facto bruto» seja tão convincente quanto a sua evidência. Dizer, por exemplo, que a barra do Douro está assoreada em termos de prejudicar gravemente a função do respectivo porto, seria abrir e fechar, em duas linhas secas, uma notícia, uma informação, uma verificação que não traz novidades nem produzirá efeitos. Por isso mesmo é que se juntam palavras a palavras, na esperança de que por acumulação atinjam o grau persuasivo que porá em movimento a lenta máquina das decisões.

Mais certo, porém, é que não logremos nós o que não têm conseguido as vozes dos portugueses. Fique a consciência de um dever que se cumpriu, dentro dos limites em que é possível exercê-lo. Fique também a expressão do costumado espanto por ver que se assiste, com aparente indiferença, ao arruinar de uma obra que todos julgávamos de importância vital para o País, e para a região nortenha, em particular: e porto do Douro. E não falamos, sequer, nos problemas do porto de Leixões, onde o espaço não chega para acolher os barcos que o demandam, e que, sob qualquer tempo, têm de aguardar ao largo oportunidade de carga e descarga...

Já sabemos que o dinheiro não chega para tudo. Que é necessário ordenar hierarquicamente as urgências. Que a primeira condição para realizar um plano é respeitá-lo, recusando improvisações e remediamentos de ocasião. Mas, a acreditar nas informações de que dispomos, a barra do Douro está assoreada porque ao planificarem-se as barragens daquele rio não foram previstas as consequências da inevitável «quebra» da corrente, até aí capaz de arrastar regularmente os bancos de areia que durante o Verão se iam acumulando no canal de acesso... E quanto ao porto de Leixões, as obras das docas arrastam-se desde há anos, como se sempre no País tivesse de haver uma Santa Engrácia para dar vazão ao nosso humor mais ou menos negro...

Vivemos num tempo em que as perguntas ingenuas costumam ser consideradas manifestação de ignorância. Opta-se por uma atitude um pouco sobranceira, sinal de que as coisas mínimas, ou não merecem um minuto de reflexão, ou se consideram arrumadas por natureza: apenas os tais espíritos ingenuos não conseguem aprender o novo estilo. E são esses mesmos espíritos que nos estão perguntando por que bulas um país que vai lançar-se em obra tão gigantesca como o complexo de Sines (o que prova a existência de meios técnicos e financeiros, directos ou não, que ultrapassam a medida comum), não é capaz de resolver problema tão cominho como o de dragar a foz de um rio e construir umas vulgares docas. Mas como, por outro lado, a prova dessa capacidade está feita no simples projecto de Sines, a pergunta volta a formular-se de outra maneira muito mais directa: «Quem é ou que é que impede a realização dos trabalhos necessários para que os portos de Leixões e do Douro funcionem normalmente? Que meios humanos, técnicos e financeiros são necessários para esse trabalho? Quando se reúnem, enfim, esses meios?»

A Mass média» no mundo

Acaba de ser publicado o último anuário estatístico da UNESCO. O documento traça um quadro da evolução dos «mass-média» (televisão, rádio, cinema, imprensa, edição) no mundo e fornece os dados estabelecidos até 1971.

A televisão não deixa de se espalhar, nomeadamente nos países desenvolvidos, tanto no que respeita ao número de receptores por habitantes (412 postos para mil habitantes nos Estados Unidos, 315 nas Bermudas, 312 na Suécia, 292 no Reino Unido) como do número de horas de emissão por semana (mais de 10 000 nos Estados Unidos, 7848 no Canadá, 3137 no Brasil, mas apenas 153 em França). Em contrapartida, uma análise efectuada junto de 80 países, sublinha que, pelo menos, 20 deles transmitem menos de 50 por cento de reportagens directas. Quanto aos programas, por toda a parte o predomínio das variedades apesar de muitas vezes a informação ser pricitária (um terço dos programas no Brasil, no Chile, em França e em Espanha, metade na República Popular do Congo) assim como as emissões educativas (um quarto no Ghana, em Singapura e na Jordânia, um terço na Índia, metade em Cuba, em Israel e na Síria). Quanto à publicidade na televisão, fora os 25 países onde não está autorizada, ocupa um lugar extremamente variável, de 15 minutos em 44 horas na Jordânia, a 19 horas em 110 na Itália.

A rádio também conhece uma grande expansão, sobretudo desde o aparecimento dos transistores. E nos países em vias de desenvolvimento que o seu crescimento é o mais rápido, embora as percentagens sejam ainda fracas (de uma dezena a uma centena de receptores por mil habitantes, enquanto os estados unidos contam 1412 por mil habitantes).

No domínio cinematográfico, o Japão vem à cabeça dos produtores com 423 longas-metragens em 1970, seguido pela Índia (396), pela Itália (240), pela República da Coreia (224) e pela URSS (218). Os números para os Estados Unidos não são conhecidos. É em Macau que o espectador é mais assíduo, pois a taxa de frequência anual das salas de cinema é de 23 por habitante. É de 19 na URSS. Em contrapartida, os bolivianos não vão senão uma vez por ano ao cinema e os habitantes da Suazilândia uma vez em todos os cinco anos.

Quanto à Imprensa, os suecos são os mais favorecidos (534 exemplares de jornais por mil habitantes), seguidos pelos japoneses (511) e pelos islandeses (448). Por outro lado, embora os Estados Unidos possuíssem 1773 jornais em 1970, 6 países da África não tinham senão um único jornal e 44 não têm nenhum.

A produção mundial do livro conhece também grandes progressos — 546 000 títulos em 1970 contra 496 000 em 1969. Este progresso verifica-se na maior parte na Europa (247 000) e na América do Norte (90 000), a Ásia continua a ser estável com 100 000 títulos e a África não passa dos 8000, a América Latina com 15 000 títulos aumentou 3000 em relação a 1969.

Por fim, em matéria de educação, a UNESCO analisou o nível de instrução em relação aos anos de escolaridade: a escolaridade média do americano de 25 anos ou mais era de 10 anos e meio em 1960, a do britânico médio de nove anos e meio em 1950, a do soviético de 5 anos em 1959, a do húngaro de 7 anos em 1963. Mas a escolaridade do indivíduo médio em dois países da América Latina, em 12 países da Ásia e em 15 dos dezoito de África é inferior a um ano.

Por PIERRE VIANSSON-PONTÉ Exclusivo "Le Monde" DL

ELEIÇÕES FRANCESAS

E se a esquerda ganhasse?

A partida, é certo, ainda não foi jogada: mal começou e os dois campos não deitaram ainda os seus trunfos. Mas, apesar de tudo: e se a esquerda ganhasse?

Quando se aproxima uma consulta e, sobretudo, um prazo considerado importante — são-nos ambos, é certo, na Quinta República, dado que continua a tratar-se, para o regime, de deixar ou dobrar, — os peritos em notações e os especialistas da análise eleitoral lançam-se ao trabalho. Pecam minuciosamente a personalidade e a popularidade de cada um dos candidatos em presença.

Examinam com a lupa os resultados dos anteriores escrutínios na circunscrição considerada: no caso presente, os referendos de 1969 e 1972, as eleições presidenciais de 1969, e as municipais de 1971, as cantonais e as eleições parciais ou complementares, se se tiverem realizado. Calculam cuidadosamente a suposta amplitude das deslocações pressões e forças, fazem as suas contas e fornecem o seu veredicto.

Pela sua parte, os institutos de sondagens não estão inactivos. Os grandes partidos antes de encerrarem as suas listas de investidura, personalidades que hesitam entre diversos lugares, candidatos que procuram determinar o tom e o eixo da sua campanha, vêm-lhes confiando à muito a missão de passar ao crivo um certo número de circunscrições. Seguidamente, inicia-se o período das avaliações globais, da pesquisa e da análise das «intencões de voto» das «motivações».

É grande a gama que vai desde a classificação por tendências políticas à divisão segundo a idade, a categoria socio-profissional, o nível de estudos ou de rendimentos, passando pela comparação com as eleições anteriores e com as sondagens precedentes.

Advertido três meses antes sobre a maneira como votará, o eleitor, um pouco confundido, interroga-se se valerá a pena, chegado o dia, incomodar-se. Convém ainda saber que os resultados de todas as operações encomendadas e pagas pelos clientes dos institutos não são, bem longe disso, publicados.

Os dirigentes e os aparelhos das grandes formações não permanecem inactivos, bem

entendido. Reúnem frequentemente os seus responsáveis locais e regionais, estudam as situações duvidosas ou difíceis, procuram confirmar o seu eleitorado de base na sua fidelidade, mas, sobretudo, agitar e atrair os hesitantes, apoderar-se destes «marginais» e este «pântano» que, em definitivo, farão o resultado.

Todos estes responsáveis atravessam períodos de optimismo e momentos de inquietação, e até de abatimento; de acordo com o seu temperamento, oscilam da confiança à angústia e, consequentemente, do ardor ao desânimo.

Durante este tempo, os políticos, os professores de direito, os observadores, os jornalistas calculam as consequências de uma ou outra resposta do corpo eleitoral, voltam e tornam a voltar sobre as grelhas os que estariam encarregados das acções e da escolha da estratégia num ou noutro caso, e, na impossibilidade de penetrarem nos seus segredos, vêem-se forçados a considerar com grande reforço de «se» e de «no caso de» todas as eventualidades.

Qual é, qual será o impacto dos «escândalos», o peso da subida dos preços, o efeito dissuasivo ou atractivo da união da esquerda e da coesão da maioria, ou, então, da falta de cumprimento, aqui e ali, dos contratos? Qual é a realidade, o alcance, a importância deste descontentamento surdo que se julga discernir na massa, deste desejo de mudança ou, pelo contrário, desta vontade de estabilidade que dividem não o país mas sim cada eleitor no fundo de si próprio? E como votarão os eleitores agora que de Gaulle já se não encontra presente? E os dirigentes? E os pequenos comerciantes? E os agricultores? Numa palavra, que decidirão os franceses?

Estatísticas, parâmetros, coeficientes, relatórios, estudos e análises em mãos, todos, os peritos em anotações, os sondadores de opinião, os chefes de estado-maior dos campos em presença, os juristas e os críticos da vida pública, têm agora as suas respostas. São diversas, contraditórias, confusas. No fundo, não se encontram em condições de dizer de uma maneira categórica, sem risco de erro, infalivelmente, o que vai passar-se, e é muito natural.

É natural, pois os franceses são incertos e imprevisíveis: detestando as reformas mas não deixando de as reclamar à custa, aliás, do vizinho, gostam apenas da ordem e da estabilidade, até ao dia em que um golpe de calor ou um vento de loucura os faz inclinar para uma revoluçãozinha. No decurso dos séculos, como se trata de um povo muito civilizado, as suas revoluções são cada vez menos sangrentas; consistem essencialmente na alteração do número da República, na elaboração de uma nova Constituição, e, depois, na resolução, melhor ou pior e sempre penosamente, do problema em que tropeçou o poder precedente.

Na melhor das hipóteses, o novo poder pode aventurar-se ao assumir as rédeas do Governo a levar a efeito algumas das reformas mais reclamadas, isto é, praticamente a regular por meio de leis e decretos alterações já chegadas à maturidade e quase inelutáveis.

Mas os franceses não são menos incertos e imprevisíveis quando tudo vai bem: é gosto da mudança, o velho grito de «Sortez les sortants», que ameaçam então dominar. Dado que a situação não é demasiado má, dado que nenhuma ameaça grave e imediata parece pesar sobre o Estado, parecem que nenhum caso dramático perturba a nação e se desenha no horizonte, é talvez o momento. Por que razão não nos darmos ao luxo de uma desordem controlada, que renovará sem grande perigo as actuais equipas que começamos a estar fartos de ver? Por que razão não acabar com os maus hábitos mesmo que tenhamos de abalar simultaneamente os bons? Vamos acordar os poderes que dormitam, dar talvez alguns passos em frente numa nova direcção após termos durante tanto tempo caminho em sentido inverso ou numa via paralela, pouco importa.

A dois ou três meses de uma eleição cuja data nem sequer é conhecida, para a qual os candidatos estão longe de serem todos designados, que iniciativas, surpresas, golpes de teatro virão talvez colorir e inflectir, que poderia aventurar-se num prognóstico razoável? Quem teria o atrevimento de anunciar a vitória ou a derrota da maioria?

Mas, apesar de tudo: e se a esquerda ganhasse?

MARIA JUDITE DE CARVALHO

O DIA EM QUE NÃO HÁ JORNAL

Quero esquecer-me de que escrevo num jornal para só reparar em como um dia sem jornal para ler me deixa, por assim dizer, frustrada. Os fios estão cortados, é como se o estivessem a partir-se-lhe a ter sido trancada pelo lado de fora e eu ignoro o que está a acontecer na rua. Ando de um lado para outro, não sei o que hei-de fazer.

Como hei-de eu viver até ao próximo jornal, como? O que terá hoje acontecido ao senhor Nixon? Onde terá chegado o senhor Kissinger? Ou será dia de ter partido? Já há tempos

que ando preocupada com o silêncio da Maria Callas. Quem sabe se não escolheu precisamente o dia de hoje para o quebrar? Não terá um país qualquer declarado guerra a outro país qualquer? Não será anunciado nos jornais de todo o mundo o casamento do ano? E não terão finalmente resolvido divorciar-se Liz e Burton, há tantos anos no fio da navalha? E o doutor Barnard, senhores? E o doutor Barnard?

Claro que posso abrir o aparelho de rádio, claro que posso, mais logo, ver televisão. Mas não é a mesma coisa. Gos-

to de folhear o dia, de ler, de reler, de saltar para a última página. A rádio e a TV colocam-me no meu lugar-longo de ouvinte ou telespectadora. Há um cavaleiro visível ou invisível que lê de cátedra e não me deixa sequer espantar-me um pouco, voltar atrás, reflectir. Ligaram-no à corrente, fala como um robot. Não gosto.

Quando o próximo jornal vier, vou lançar-me sobre ele, vou saber do mundo, ficar tanto quanto possível a par. Eis-me satisfeita e tranquila. Os fios telefónicos foram repostos e a porta está aberta. Ou entreaberta. Adiante.

DI/GERAL

Informação económica

IMPOSTOS BAIXOS EM PORTUGAL

PARIS — (ANI) — Portugal é um dos países do mundo em que é mais baixo o nível de impostos. Nos anos de 1968-70, a média dos custos em relação ao Produto Nacional Bruto, representou em Portugal, 16,5 por cento (ou 21,1, incluindo as verbas para o Serviço Social), ao passo que a Suécia, com os maiores impostos, tem 34,8 (ou 43,0, com o Serviço Social).

Segundo as listas agora distribuídas pela O.C.D.E. (Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico) o escalonamento dos diversos países está assim ordenado nos doze primeiros lugares (indica-se primeiro o total de impostos, incluindo a Segurança Social, depois os impostos sem a segurança): Suécia, 43,0 (38,4), Holanda, 39,7 (25,5), Dinamarca, 38,7 (35,6), Noruega, 38,4 (29,3), Inglaterra, 36,6 (31,8), França, 36,3 (21,8), Áustria, 35,8 (26,6), Alemanha, 34,0 (23,2), Bélgica, 33,8 (24,0), Finlândia, 32,8 (28), Luxemburgo, 32,4 (22,9), Canadá, 30,2 (27,8). Os seis últimos lugares estão assim distribuídos: Austrália, 24,4 (24,0) Suíça, 21,5 (18,3), Portugal, 21,1 (16,5), Turquia, 20,4 (17,4), Japão, 19,4 (15,8) e Espanha, 19,2 (11,8).

SAÚDE

O hospital de Huddinge, situado perto de Estocolmo quando, em 1980, estiver completo, será o maior complexo hospitalar do norte da Europa.

Em construção desde 1967, numa área florestal localizada ao sul da capital sueca, o novo conjunto médico-hospitalar custará cerca de 240 milhões de dólares em instalações e equipamentos. Em 1980, poderá internar 1 400 pacientes e tratar mais 1 200 por dia nas suas várias clínicas.

O novo complexo compreende cinco blocos em forma de «H», cada um com cinco andares. No total, existem 11 500 salas com uma área global de 350 000 m². O hospital foi planejado para servir a uma região de 130 000 habitantes e para proporcionar tratamento especializado a cerca de 300 000 pessoas.

Dos 3 000 funcionários do Hospital de Huddinge, 370 serão médicos, havendo estágios de treinamento para mais mil enfermeiras, enfermeiros e estudantes de medicina. Duzentas pessoas farão exclusivamente trabalhos de pesquisa, estando prevista a entrada em funcionamento de uma escola de odontologia. Tanto o corpo de funcionários como os estudantes têm acomodações em 4 000 apartamentos construídos junto do hospital, numa espécie de cidade-satélite.

COMÉRCIO ITALIANO

ROMA — Mantém-se nitidamente positivo o andamento do comércio externo italiano em 1972, como se pode constatar pelos resultados provisórios conhecidos dos 9 primeiros meses de 1972.

Nesses três trimestres do

ano, as importações elevaram-se para 8 079 bilhões de liras, registando um aumento de 10,9 por cento, em relação ao mesmo período de 1971. Por outro lado, as exportações atingiram o total de 7 837 bilhões, realizando um incremento de 14,8 por cento, na maioria, representado por produtos industriais acabados. Esses resultados permitem prever que o intercâmbio italiano superará, largamente, em 1972, o total de 20 000 bilhões de liras.

O positivo incremento das exportações constitui uma demonstração da capacidade e competitividade prodicional da indústria italiana que consegue satisfazer, do melhor modo possível, a procura dos mercados externos assegurando, por outra parte, um relativo equilíbrio da balança comercial. De facto, o «déficit» que outrora se mantinha sensivelmente elevado, vai-se tornando relativamente diminuto.

Este «déficit», que em fins de Setembro de 1971 resultara de 460 bilhões de liras, desceu para 242 bilhões no fim de Setembro deste ano, no qual as exportações cobrem cerca de 97 por cento das importações. (I.P.)

NATAL

Nos Bombeiros Voluntários de Baitar houve, no Dia de Natal, a festa tradicional destinada aos filhos dos componentes da corporação, que decorreu em meio de grande animação e muita alegria.

em 3 linhas

Foram abertos pelo Ministério das Finanças, a favor de diversos Ministérios, créditos especiais no montante de 84 087 880\$00, e autorizada transferência da verba de 18 000 000\$00 no orçamento daquele departamento do Estado.

///

A partir de 5 de Janeiro, será abatido ao efectivo dos navios da Armada o «Cacheu».

///

Os Governos do Senegal e da Bulgária depositaram, respectivamente, os instrumentos de ratificação da Convenção de Viena sobre Relações Diplomáticas e de aceitação da Convenção Internacional de Pescarias do Noroeste do Atlântico.

///

Foi extinta a Secção Consular da Embaixada de Portugal em Caracas, e criado, em seu lugar, um Consulado-Geral.

///

Foram autorizadas transferências de verbas do orçamento do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que atingem 1 200 000\$00.

///

A partir de 1 de Janeiro, diversas receitas atribuídas à Junta Autónoma de Estradas de Moçambique passam a ser entregues directamente à mesma Junta ou depositados, à sua ordem, no Instituto de Crédito de Moçambique.

///

Foram reforçadas verbas da tabela de despesa extraordinária do orçamento geral de Angola para o ano corrente (III Plano de Fomento).



Uma manhã na "bicha" para adquirir uma moeda

Entraram hoje em circulação as novas moedas de 50\$00 com que o Governo resolveu assinalar o VI.º Centenário da Publicação de «Os Lusíadas», para o que mandou cunhar 1 milhão de peças. Para as primeiras trocas dessa moeda, apresentou-se, esta manhã uma verdadeira multidão às portas do Banco de Portugal, muito antes deste estabelecimento bancário abrir as suas portas, como a nossa foto documenta.

A nova moeda comemorativa possui as seguintes características: na orla do anverso tem a legenda «IV Centenário da Publicação dos Lusíadas», com uma figura alada, sobre uma lira simbólica, sustentando na mão direita, como atributo próprio, uma pena, e na esquerda uma coroa de louros, ladeando a figura as duas datas comemorativas de 1572 e 1972; no reverso figurará o volume de «Os Lusíadas», sobre as cinco quinas, sendo os intervalos decorados com ornamentações renascentistas, e contendo a orla a legenda «República Portuguesa» e o valor «50 escudos». O trabalho figurativo da moeda é da autoria do escultor Norte de Almeida.

S. SILVESTRE

CABAÇOS, 26 — Nos dias 31 do corrente e 1 de Janeiro, realiza-se nesta localidade, reguesia de Pussos, concelho de Alvaiázere, a feira anual de S. Silvestre, que todos os anos tem sido muito concorrida.

Do programa consta, além da corrida pedestre de S. Silvestre, várias manifestações desportivas, espectáculos folclóricos, bailes e outros divertimentos.

Consoada de azar para um jovem "rato"

Uma longa história para contar tem já o jovem Martins, um coruchense a viver há alguns meses de expedientes que, durante a madrugada de ontem, viu interrompida, em Moscavide, a sua atribulada actividade de rato de automóveis ao ser surpreendido a tentar pôr em marcha por ligação directa o veículo CH-46-81, estacionado numa artéria daquela zona.

Conduzido para a esquadra mais próxima acabou por confessar diversos furtos da mesma especialidade em que tomou parte, com realce especial para aquele que levou a cabo na noite de 22 para 23, ao apoderar-se, em Coruche, de um carro pertencente a um repórter fotográfico da Associação de Futebol de Lisboa.

O detido apropriou-se de diversos objectos de valor encontrados no interior do veículo roubado antes de o abandonar num local ermo da estrada Elvas-Arraiolos, e, como parece ser um amante fervoroso pela vida ao ar livre, falsificou um cartão de campista substituindo a fotografia e os elementos de identificação pelos da sua pessoa.

Tudo isto foi narrado às autoridades pelo jovem coruchense, que passou a Consoada de Natal nos calabouços do Governo Civil.

INSULTO AO NATAL

Que razões teriam levado

Lopes a injuriar as pessoas que assistiram à «missa do galo» celebrada na Sé?

Sôzinho, ao frio, o rapaz (18 anos, montador de material agrícola de sua profissão) aguardou a saída dos crentes para se lhes dirigir em termos ofensivos, como quem despeja a raiva há muito tempo contida. A intervenção da Polícia parece tê-la espicaçado ainda mais, pois endereçou aos

agentes as mesmas palavras com que «saudara» os fiéis. Em seguida, pôs-se em fuga.

Foi então que uma das pessoas que haviam participado na cerimónia religiosa se protificou a ceder o seu carro à Polícia para perseguir o jovem. E, graças à ajuda daquele cristão e à perícia dos agentes, Lopes veio a ser detido no Campo das Cebolas, passando na prisão, também ele, o resto da noite de Natal.

FERIDOS E MORTOS POR ACIDENTES

Pouco depois de ter entrado na madrugada de hoje, no banco do Hospital de S. José, faleceu o sr. José Tomé Borrego, trabalhador, de 64 anos, morador no local de Tala, Sintra, que fora colhido por um comboio na Estação de Melegas, no Cacém.

Alvejado com um tiro de pistola, dado por um desconhecido, recolheu ontem ao Hospital de S. José o sr. Porfírio Lourada Romero, de 34 anos, feirante, acidentalmente a negociar na Estrada Militar, na Venda Nova, para o que utilizava uma roulote. O tiro, que resultou de uma discussão, feriu o negociante no braço direito.

Recolheu também ao Hospital a sr.ª Ana Coradinho, de 54 anos, residente do Sobral da Adiga, que ficou bastante queimada por ter caído sobre a lareira quando em sua casa se aquecia. Acometida de doença súbita, recolheram ao Instituto de Medicina Legal, por terem chegado sem vida ao Hospital, as sr.ªs Maria Pereira Amarel, de 65 anos, residente na Rua Oscar Monteiro Torres, na Venda Nova, e Carmina Conceição Mendes, de 63 anos, moradora nos Olivais.

Traumatizados, devido a acidentes de viação, deram entrada naquele hospital, Joaquim Alvaro Gil, de 50 anos, jornalista, António Carlos Moreno de 45 anos, operário, Graciete Vieira Flores de 4 anos, moradora no Barreiro, José Matias M. Fernandes de 21 anos, e Delfim B. Santos Neto de 42 anos, servente de pedreiro.

CINORTE

COMPANHIA

DE CIMENTOS DO NORTE,

\ SARL

Sede Social: Av.ª Fontes Pereira de Melo, 14, 12.º LISBOA

AUMENTO DE CAPITAL DE 10 000 PARA 125 000 CONTOS

De acordo com as condições da subscrição, encontra-se a pagamento, até ao fim do corrente mês a 3.ª e última prestação (40 %), devendo para o efeito, os Srs. Subscritores apresentar as correspondentes declarações de depósito nos locais onde foram efectuadas as subscrições.

Lisboa 21 de Dezembro de 1972

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

IV

DL/ESPECIAIS

«DOMINGO À NOITE»: CADA VEZ MAIS PIOR

Apenas os ingênuos, os imbecilmente puros, mantêm algumas esperanças no «Domingo à noite». Os outros, os que queimaram há muito suas alegrias no contacto diário com a televisão, sabiam que nada havia a esperar. Sabiam pelo menos que nenhuma esperança eram legítimas.

Em matéria de variedades, tarefa a que a televisão portuguesa lançou ombros com o propósito de proporcionar aos seus espectadores um calmo serão domingueiro, ninguém esperaria que a qualidade descesse tanto como na noite de Natal. As rábulas sucessivas de Florbela fizeram-nos duvidar da natureza da época: era aquela a noite de Natal ou de Carnaval? Então já assim Rei Momo invade territórios de tal modo alheios? Então aproveita-se a grande audiência da noite para lhe oferecer uma sucessão de quadros cómicos onde a total ausência de humor foi a nota verdadeiramente trágica?

Támanha falta de imaginação revela-se como o sinal de crise de um programa há pouco nascido. Obrigado a refugiar-se nos braços de Florbela, «Domingo à Noite» declara a sua incapacidade para atingir uma linguagem própria, um certo ritmo, uma personalidade reconhecível entre outras. A presença de Lenita Gentil, Luis Rocha, João Fernando, Florência, etc., transformam-no num «Natal dos hospitais» em conta-gotas. A presença de Luis Filipe Costa sucursal do «Caso da Semana»; a presença de Clímaco e Margarida dão-lhe aquele ar inconfundível de recita escolar, os meninos muito satisfeitos com suas habilidades. As demonstrações de Isabel Santa Rosa e Armando Jorge, em toda a sua incomodidade de inserção, vieram quando todo o mundo se preparava para abandonar o barco naufragado há muito.

Não se sabe por que misteriosos desígnios tudo quanto aparece em «Domingo à Noite» se diminui, se desvaloriza. Quando veio a entrevista de Ermelinda Duarte ainda se pensou que poderia haver algum motivo para reflexão. Ermelinda Duarte vinha falar-nos da sua experiência teatral, domínio sempre vivo, sempre capaz de interesse. Afinal?

Afinal, se retirarmos o breve apontamento sobre teatro infantil, Ermelinda Duarte nada mais tinha para nos dizer ali. E para que tudo fosse ainda pior, Luis Filipe Costa perguntou-lhe pelas canções: Ermelinda Duarte oferece-nos uma canção medíocre, um poema igualmente medíocre, uma interpretação descuidada, para entre família, e também com a mediocridade como nota dominante.

Outro momento de grande significado ridículo foi a exibição de cancionetismo no trapézio de Helena Isabel...

Se não é possível elaborar um programa de alguma qualidade, acabe-se com esta miséria televisiva que empobrece ainda mais os nossos pobres domingos.

Ceguinho por ceguinho, antes o Longstreet.

A ÚLTIMA ANEDOTA: PAPOILAS EM DEZEMBRO...

Conhece-se o Natal como a estação dos milagres. As pessoas são muito amigáveis umas das outras, os lobos tornam-se mansos que nem cordeiros. Aqui temos, pois, o dia onde tudo pode acontecer.

Tudo, vírgula. Aposto que ninguém, mesmo com os maiores auxílios extraterrenos, conseguirá encontrar papoilas nos campos para enfeitar o Natal. E no entanto, foi isso o que pretendeu France de Vasconcelos... Aqui está um por menor que muito poderá ilustrar o próximo catálogo da arranjista de flores.

Antes desta «bronca» outra aconteceu nesta época que costumava ser de tranquilidade. Foi o caso que a televisão portuguesa, no sábado passado, nos deu mais uma emissão de «As flores e o seu mundo». A apresentadora e responsável da rubrica começa por desejar «muito boa noite e muito bom ano». O que não deixava de ser duplamente estranho. Em primeiro, porque aquela hora fazia um sol radioso e falar-se em noite, naquele momento, se não era macabro, era pelo menos de mau gosto. Em segundo lugar, se não é exagero desejar-se «bom ano» no dia 23 de Dezembro, é pelo menos grande falta à hierarquia das festas. Diga-se primeiro «bom Natal» e depois falemos.



mos. Gastar cartuxos a torto e a direito, não.

Tudo veio a esclarecer-se quando se anunciou que houvesse engano: fora transmitido o programa relativo ao Ano Novo em vez do programa do Natal. Pelo que o programa da época seria transmitido no dia seguinte. Onde se prova como o Destino nos sabe pregar destas partidas: sendo demasiado uma emissão destas em toda uma geração, somos obrigados a ver duas em dias seguidos!!!

No programa do ano novo assistimos a uns «desarranjos» florais à base de rosas — uma daquelas banalidades que faz toda a gente em sua casa sem necessidade de esperar pela inspiração de France. Aflige, simplesmente aflige, o ar solene com que se dizem as coisas mais insignificantes. Aflige o antiprofissionalismo de alguém que, lidando há tantos anos com as câmaras, raramente sabe qual a câmara em acção. Aflige a vulgaridade de expressão de uma apresentadora — e não se compreende como isto continua.

No programa do Natal (transmitido no domingo, véspera de Natal, uma situação perfeitamente ingrata, caricata, inútil) France de Vasconcelos dedicou-o ao quartel do Regimento de Infantaria Sete, de Leiria, dedicou-o aos rapazes, recrutados, que colaboraram com ela. Conta-nos que é madrinha de uma quantidade de afilhados de guerra e refere-se, particularmente, ao caso daquele jovem a quem nasceu uma filha antes de seguir para África. «la feliz — diz-nos France — ia contente, tinha visto a sua filha antes de partir».

Aquele arranjo era pois dedicado ao R.I.-7 de Leiria. O arranjo tinha de ser feito pelos próprios rapazes: como não há



Por MARIO CASTRIM

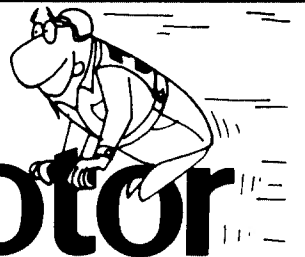
mulheres junto deles, têm de utilizar as suas próprias mãos. France de Vasconcelos ensina como vão utilizar as mãos: arranjam um pinheiro, compram barro em qualquer olaria, compram uma imagem de Nossa Senhora ou, como ela também diz, uma Madona com a pomba da paz ao colo. Colocam a imagem encostada ao pinheiro. Diante da imagem colocam flores de cristal e espigas também de cristal e um ramo de oliveira com azeitoninhas e tu-

do. Para alindar o conjunto, os rapazes podem ir pelos campos apanhar papoilas...

Papoilas no campo, em Dezembro! France vai mudar de assunto. Vai ler uma carta de Humberto Sotto Maior que recorda a beleza de um arranjo de France de Vasconcelos, constituído por um ramo e lí-mões, Humberto que tem 29 anos, faz cerâmica, canta o fado e às vezes faz o seu arranjo de flores ajudado pela mulher, enfim: «um jovem de muitas qualidades». Sejam quais forem os caminhos por onde

se meta a responsável pelas «Flores e o seu mundo», nada poderá fazer esquecer aquela imagem das papoilas a cobrir os campos gelados do inverno, à espera das mãos dos recrutas de Leiria. Terra maravilhosa, esta, que movida talvez pela presença antiga da Rainha Santa consegue dar aos seus campos desolados a respiração rubra das papoilas. Abençoada Leiria, quem sabe se não tomarás, a partir de agora o lugar das misteriosas causas que tem sido ocupado pelo Entroncamento...

LEIA



motor

CHAMPAGNE

Heidsieck & Co
MONOPOLE
MAISON FONDÉE EN 1788



j.a. da costa pina, lda.

RUA DO ALECRIM, 73 // LISBOA

costa pina, & vilaverde, lda.

RUA DO BONJARDIM, 420 // PORTO

CAMPANHA DO NATAL

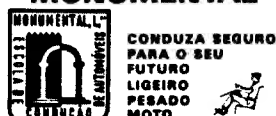
MAQUINAS DE LAVAR AUTOMÁTICAS	5000\$00
FRIGORÍFICOS 140 L	1900\$00
SECADORES DE CABELO	140\$00
AUTO-RÁDIOS	1000\$00
BALANÇAS PARA CASA DE BANHO	150\$00

SUPERMANOS
A CASA SIMPÁTICA

LARGO DO MASTRO, 5

TEL. 56 15 55

ESCOLA DE CONDUÇÃO MONUMENTAL



CONDUZA SEGURO PARA O SEU FUTURO LIGEIRO PESADO MOTO

Direção Técnica de: ANTONIO SOARES

Av. Manuel de Almeida, 11 - c/o - LISBOA

Telef. 6 25 35 - 53 97 12



a prova está na prova

NO ÉCRAN GIGANTE DO

MONUMENTAL

UM Violino
10ª SEMANA!



3 ÓSCARES

8 PRÉMIOS INTERNACIONAIS

SOM ESTEREOFÔNICO 4 PISTAS

No Telhado

O MAIS BELO ESPECTÁCULO DO NOSSO TEMPO!

United Artists



GRUPO C 14 ANOS



DL/ESPECTACULOS

Salora

GIN
GORDON
COGNACS
COURVOISIER
BISQUIT
ARMAGNACS
CHATEAU DE MALLIAC
WHISKIES
WHITE HORSE
LOGAN'S
HIGHLAND QUEEN
GRAND 15
MARTIN'S 20 ANOS
BALLANTINE
BALANTINE 12 E 17 ANOS
ANTIQUARY
CANADIAN CLUB
J. W. HARPER BOURBON
JOHN JAMESON
LICORES
DRAMBUIE
CHERRY HEERING
TIA MARIA
CHAMPAGNES
HEIDSIECK MONOPOLE
MUMM CORDON ROUGE
MUMM CORDON VERT
VINHOS DE MESA
FRANCESES
J. CALVET
(BORDEUS E BORGONHA)
JACOBET
(ALSACIA)
VINHOS DE MESA
ALEMAES
ANHEUSER & FEHRS
(RENO E MOSELA)

j.a. da costa pina, lda.
RUA DO ALFARIM, 73 - LISBOA
TELEFONES P.P.C. 14, LISBOA 32 00 31 4
costa pina & vilaverde, lda.
RUA DO BOM ALFARIM, 420 - PORTO
TELEFONES 265 42, 322 28, 352 23, 472 22

SALORA

O TV PREMIADO COM MEDALHA DE OURO
TOTALMENTE FABRICADO E MONTADO NA FINLÂNDIA

show

Não será muito importante, em termos gerais, mas é, com certeza, um facto a destacar como importante em si mesmo e, até, pela sua condição de quase excepção. Referimo-nos à existência, em S. Pedro do Sul, de um grupo de Teatro Amador que, depois de se ter lançado ao texto de Suassuna (Auto da Compadecida), se prepara para levar à cena A Sapateira Prodigiosa de Lorca.

Do «Cénico», assim se chama

o grupo em questão (com o subtítulo de Grupo de Teatro Popular recebemos uma carta na qual se podia ler o seguinte.

«O Cénico — Grupo de Teatro Popular de S. Pedro do Sul, prepara-se para apresentar brevemente a «Sapateira Prodigiosa» de Frederico Garcia Lorca.

Depois do sucesso obtido no ano passado com a representação do «Auto da Compadecida» de Ariano Suassuna, o

TEATRO AMADOR:

A descentralização possível

«Cénico» — G.T.P. viu assim reforçados os seus alicerces. Foram-lhe aprovados superiormente os seus estatutos e pode então começar a preparar, com o esforço dos seus associados, uma sede condigna com as suas finalidades culturais.

Dentro desta linha de orientação o «Cénico» vai montar um espectáculo com uma Pantomina Infantil.

Pensa ainda a Direcção poder incentivar o gosto pelo teatro

junto do público de S. Pedro do Sul promovendo frequentes vindas a esta terra, de agrupamentos teatrais de reconhecido mérito, como o são o CETA (que recentemente nos visitou) e o Grupo dos Modestos de quem se aguarda uma resposta.

Importante é mesmo o esforço do Teatro Amador num plano de descentralização de cultura (quase) exclusivamente encerrada no feudo de Lisboa. Onde há muito (?) teatro(?)

NACIONAIS

«A Ruptura no Império» — Um mundo decadente apodrecido e viciado serviu a Chabrol para fazer um filme altamente polémico. «A Ruptura». Os actores são Stephane Audran, Jean Pierre Cassel e Michel Bouquet e o filme será exibido amanhã, na habitual quarta-feira clássica do cinema Império.

Professores para o Conservatório — Por despacho do director-geral do Ensino Superior foi nomeada para exercer interinamente as funções de professora do curso geral de Piano do Conservatório Nacional a prof. Gilberta Custódia da Costa Gouveia Xavier de Paiva, tendo sido contratados para professores dos cursos especiais do mesmo Conservatório o prof. Armando José Crispim e Margarida Sales Ferreira Vieira da Rocha Reis da Silva.

RONDA FINAL

O «AUTOCARRO Negro» é título para uma nova série televisiva que começou a ser rodada em Los Angeles. A série explorará o tema da participação dos negros em vários momentos da vida norte-americana. MICHEL Legrand é o autor da música do filme «Quarenta Quilates», que tem Liv Ullman como principal interprete. CARLOS Alberto Moniz regressa em breve dos Açores. A CANÇÃO espanhola «Yo me enamore de ti», interpretada por Luisa Maria Gue, obteve o primeiro prémio no Festival Internacional da Canção e da Voz, realizado em S. João de Porto Rico e no qual participaram 52 interpretes de mais de vinte países. «A MORTE de Danton», de Buchner, foi estreada com êxito em Madrid. O 1111 está de malas aviadas para Londres onde vai gravar um disco especialmente programado para o lançamento internacional do agrupamento que se chamará, para efeitos de mercado estrangeiro «The Green Windows».

HOTEL DOS NAVEGADORES

CEIA DE SÃO SILVESTRE

APRESENTANDO

PACO RAMOS E SEU BALLET DE FLAMENCO

RANCHO DE DANÇAS E CANTARES FOLCLÓRICOS DA FUZETA

E O CONJUNTO PRIVATIVO DO HOTEL

Informações e reservas na recepção e pelos telefones 451 e 514 VILA REAL DE ST.º ANTÓNIO



Teatro é Alegria de Viver... Vá ao Teatro!!!

VASCO MORGADO RECOMENDA:

TEATRO Telef. 864756

LAURA ALVES

Rua da Palma

HOJE, Descanso da C.
Amanhã, às 21.45 h.

ÚLTIMOS DIAS

Um bom espectáculo de Teatro
a peça de Henry Denker

O PRÍNCÍPIO E O FIM

Elenco por ordem de diálogo:
JACINTO RAMOS — LIA GAMA — LIGIA TELES — COSTA FERREIRA

9.ª SEMANA

Espect. Subs. Fundo de Teatro
50% desconto a estudantes e sócios do sindicato

GRUPO D — M/ 18 anos

TEATRO Telef. 326037

VARIEDADES

HOJE — 21.45 h.

Amanhã, Descanso da C.

ÚLTIMOS DIAS

SIMONE
na divertida comédia

A CASA DOS COMÍDAS

com

ARMANDO CORTEZ
nos protagonistas
IO APOLONI
LUÍS ALBERTO
F. BORSATTI
MANUELA MARIA
DARIO DE BARROS

e a colaboração especial de
JOAQUIM ROSA

16.ª SEMANA

GRUPO C — M/ 14 anos

TEATRO Telef. 538586

VILLARET

HOJE — 21.45 h.

Amanhã, Descanso da C.

5.ª, 6.ª e sábado
2 SESSÕES
20.45 e 23 h.

JOSÉ VIANA

numa espantosa comédia

SUA EXCELENÇA O PENÚRIA

com

DORA LEAL
a revelação da temporada no teatro declamado

HENRIQUE VIANA
MANUELA CASSOLA
LUÍS SANTOS

e a participação de
MARIA PAULA

18.ª SEMANA

GRUPO C — M/ 14 anos

TEATRO Telef. 327493

CAPITÓLIO

DENTRO DE DIAS ESTREIA

UMA COMÉDIA INGLESA com

FLORBELA QUEIRÓS

em

Sexo, nunca!
somos britânicos...

(no sex please, we are British)

colaboração especial

IRENE ISIDRO

e pela 1.ª vez em comédia

OCTÁVIO DE MATOS

ENCENAÇÃO DE

M.ª HELENA MATOS

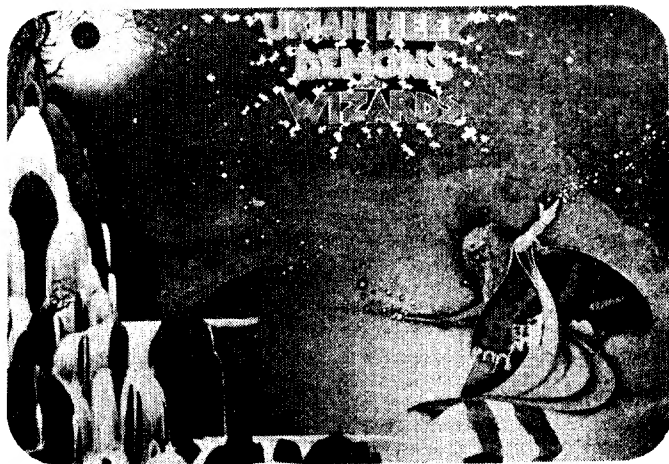
CENAS de

OCTÁVIO CLÉRIGO

ATENÇÃO AOS ANÚNCIOS DE AMANHÃ

Grupo D — 18 anos

DL/ESPECTÁCULOS



Novo LP dos Urriah Heep

Depois de muito bem recebido pela crítica pelo seu álbum «Look at Yourself», os Hurriah Heep aí estão no mercado português de novo, desta feita com o trabalho «Demons Wizards» que, pelo que o anterior LP deixa antever, justifica a nossa expectativa. De notar que os «Hurriah Heep» começaram a ser reconhecidos pela sua qualidade instrumental, pelos arranjos bem elaborados, pela não cedência a pressões de puro comercialismo. O que é de aplaudir, nos tempos que correm...

"Tristão e Isolda" na ópera escocesa

EDIMBURGO, ESCÓCIA, A ópera escocesa vai levar à cena numa produção de Michael Geloit, a ópera «Tristão e Isolda», em Edimburgo e Aberdeen, com Helga Dernes, Hermin Hesser, John Shaw e David Ward nas principais interpretações.

A mesma ópera será cantada em Glasgow e Newcastle com um elenco encabeçado por Klara Barlow, Hugh Beresford, Norman Bailey e David Ward.

A orquestra será dirigida pelo maestro Alexandre Gibson.

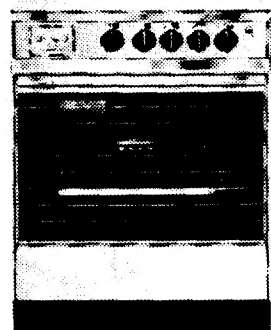
No programa da mesma companhia estão também incluídas, para a próxima temporada, duas novas produções

das óperas «A Coroação de Poppea» e a «Viúva Alegre», sob a regência de Raymond Leppard com Anne Howells, David Hillman, Peter Christoph e Patricia Kern nas principais interpretações.

A temporada lírica da Primavera é inaugurada no dia 12 de Março. A última ópera será cantada no King's Theatre de Glasgow, a 19 de Junho e, em Edimburgo, no mês de Julho.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por D. Maria do Carmo Barroso, Av. Major Joaquim José, Paiva, 10-3º-Dtº ALHANDRA

NEFF
JUNKER+RUH



**QUALIDADE
EFICIÊNCIA
SEGURANÇA**

Assistência Técnica garantida

Representantes exclusivos:
SILVEIRA & SILVA, LDA.

R. Ricardo Espírito Santo, 5
Tel.: 66 91 18/9-LISBOA-3



3...2...1...Ai está o cuco!
Meia-noite no "reveillon" Sheraton!
Variedades internacionais! Alegria a rodos!
No Panorama ou no Ball-room, passe em beleza para um feliz 1973! Escolha e marque!
Reservas: Telef. Lisboa - 56 39 11-41-51



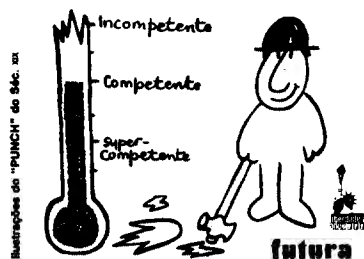
Lisboa-Sheraton Hotel

SHERATON LISBOA - Rua Latino Coelho, 2 - Telef. 56 39 11-41-51
UM SERVIÇO MUNDIAL DA I.T.T.

TEAM 72-51-08

Dr. Laurence J. Peter
(autor de O PRINCÍPIO DE PETER)

O RECEITUÁRIO DE PETER



UM LANÇAMENTO DA
EDITORIAL FUTURA

MADRID FIM DE ANO

Ganhe 2 noites dormindo no comboio de 29 de Dezembro a 2 de Janeiro por 1.750\$00

Peça folheto e inscreva-se na



Av. António Augusto de Aguiar, 88-C — Tel.: 4 21 85
LISBOA



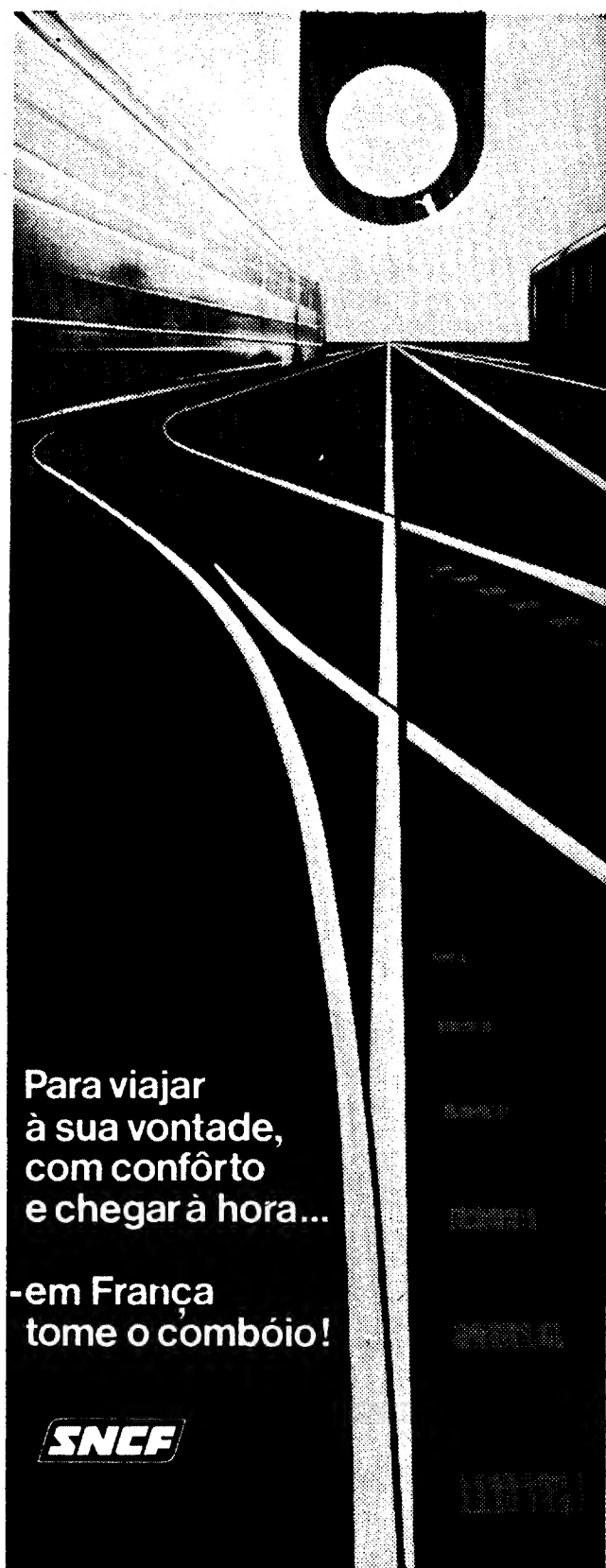
PRESENTE EM AROUCA

AO SERVIÇO DA ECONOMIA NACIONAL

BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS

UM CONCEITO NOVO NO ESPAÇO ECONÓMICO

ONKYO
CANALIS STEREO
SOM CIRCUNDANTE



Para viajar
à sua vontade,
com conforto
e chegar à hora...

-em França
tome o comboio!

SNCF

Pagamento em Escudos nas Agências de Viagens
CHEMINS DE FER FRANÇAIS

DL/NACIONAL
PRESEPIOS EM QUELUZ

Queluz apresenta-se nesta quadra com um aspecto verdadeiramente espectacular. Dez mil lâmpadas coloridas iluminam as principais artérias, onde se ouve também música alu-

siva ao Natal, e dois monumentais presépios formam um conjunto aliciante justificativo do interesse de milhares de pessoas que à progressiva vila se deslocam, propositadamente.

Os presépios, concebidos com requintado sentido artístico, foram oferecidos à população queluzense pelas empresas J. Pimenta; um encontra-se na Alameda Almeida Araújo e outro, de curiosa concepção, numa das montras da sua sede, na Avenida António Enes, cuja fachada principal se apresenta decorada com iluminações especiais.

FESTAS DE NATAL

Realizou-se no cine-teatro de Sacavém, a festa de Natal do pessoal da «Asea Eléctrica», durante a qual as crianças assistiram à passagem de filmes divertidos, à actuação de palhaços e a um número de variedades. Procedeu-se depois à distribuição de brinquedos e de numerosos brindes.

///

O Centro Social do Bairro de Casas Pré Fabricadas, promoveu uma festa de Natal dedicada às crianças do Jardim Infantil. Houve espectáculo de variedades e farta distribuição de brinquedos, a que se seguiu um excelente lanche.

BEBÉS

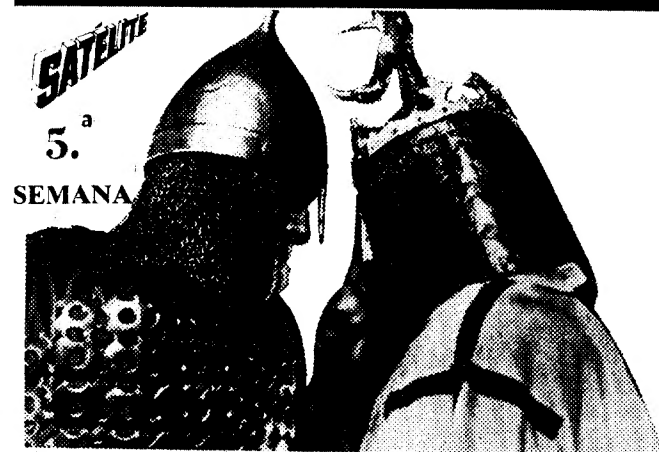
Camas, porta-bebés, conjuntos, carros, cadeiras, banheiras, parques, andadores, triciclos e automóveis, fabricante vende directamente ao público. «BAVARIA», Av. da Igreja, 9-B e R. dos Correios, 184-2.

**Teatro Municipal
DE SÃO LUIZ**
Ruth Escobar

APRESENTA
AS 21.45
EM ULTIMA
SEMANA

Missa Leiga
de CHICO DE ASSIS

O maior sucesso dos palcos brasileiros de 1972
M/14 anos



ALEXANDRE NEVSKI
aconteceu no Século XIII em terra russa um grito contra a agressão uma ópera cinematográfica
um filme de **Sergei Eisenstein**
com Nicolai Tcherkassov música de Prokofiev Grupo C/14 anos

A vida de ALEXANDRE NEVSKI em livro de Estudos Cor distribuição pela Expresso

REVEILLON
BOITE
OPERAÇÃO NAU
RUA PINHEIRO CHAGAS N.º 1D
TELEFONE 51501 LISBOA
Direcção de RUY CASTELAR

EIS O PROGRAMA DO

«REVEILLON»

1972/73
NO

MUNDIAL

1 = !

ANTESTEIRA DE

«EU NÃO VEJO,
TU NÃO FALAS,
ELE NÃO HOUVE»

com Vittorio de Sica
A portentosa comédia

«CONTESTAÇÃO
GERAL»

com Nino Manfredi
e Alberto Sordi
O filme de C. Lelouch

«AVENTURA
é AVENTURA»

com Lino Ventura

2 = !!

BAILE TODA A NOITE
com

**SHEGUNDO
GALLARZA**

e o seu Conjunto
EUGÉNIO REPE
e o seu Conjunto

3 = !!!

Valiosos brindes
a todos os espectadores

4

...por isso mesmo
contamos consigo!
(Maiores 18 anos)

DE TOMASO
DEAUVILLE

FINALMENTE EM PORTUGAL O AUTOMÓVEL DE LUXO
COM CARACTERÍSTICAS DESPORTIVAS E 4 PORTAS

DE TOMASO
PANTERA GT E GTS

OS SENSACIONAIS MODELOS DE GRANDE TURISMO

EM EXPOSIÇÃO ATÉ ÀS 24 HORAS

SportKar

AGENTE PARA O SUL: SALAUTO

AV. DEFENSORES DE CHAVES, 87-C — LISBOA

Transportes públicos -da crise ao caos

Empresários de Lisboa mandam recolher táxis das 18 às 20 horas

«A maior parte dos empresários de táxis estão a mandar recolher os seus carros, entre as 18 e as 20 horas. E olhe que lhe juro pela saúde das minhas filhas, que isto é verdade» — diz-nos um motorista de táxi da praça de Lisboa. E explica-nos: «Os empresários põem o problema desta maneira: se não há aumento de bandeirada, como se chegou a pensar, também não podem haver táxis quando e para onde se quer. Eles acham, por exemplo, que uma corrida, que acabará por marcar apenas uns quatro ou cinco escudos, da Baixa ao Bairro Alto, lhes não deixa nenhuma margem de lucro. Fazem as contas ao garçó, ao desgaste do carro nessas ruas apertadas, ao desgaste dos pneus, etc., e preferem mandar parar os carros. Isto é o que se passa.»

Aliás, era de esperar. Recusando o aumento de bandeirada pelo Ministério das Comunicações, os empresários querem tomar uma atitude.

PARA ONDE VAMOS?

Se isto é assim enquanto Lisboa conta apenas um milhão e tal de habitantes, incluindo as zonas periféricas, o que acontecerá quando a nossa capital alinhar nos três, quatro milhões? — exclama, cheio de espanto, o sr. Pedro Isidro, que apanhámos numa paragem de autocarros no Lumiar.

Não há dúvida de que o reparo tem o seu quê de lógico. Claro que nós poderemos pensar que «para grandes males, grandes remédios» e que nessa altura as soluções adequadas já terão surgido. O importante, agora, é focarmos o problema tal qual ele se nos apresenta nos nossos dias — o que já é bastante para arranjarmos umas dores de cabeça capazes de fazerem explodir os crâneos mais rijos.

No caso dos táxis, o que se está a passar não fica pelo desabafo daquele motorista, que nos pediu que não lhe publicássemos o nome, receando consequências. Passa-se algo mais. Procurando fugir ao pagamento de ordenados — que andam à volta dos 490\$00 semanais por profissional — os empresários contratam motoristas à percentagem. Estes saem para a rua dispostos a fazer tudo o que lhes seja possível para alcançarem o máximo das percentagens. Porém, ao fim de algum tempo, desistem. De dia, da maneira

que está o trânsito em Lisboa, não trabalham o suficiente para que essas percentagens lhes garantam a subsistência. À noite, como sobram táxis, os serviços também não rendem.

Portanto — queixa-se outro taxista — a única forma de melhorar a nossa situação, é termos um ordenado base compensador. A esmola da gorjeta, se esse ordenado base fosse um facto, deixaria de ter razão de ser. Nós aceitamos-lhe porque não temos outro recurso.

Quanto à guerra que, nas horas de ponta, se estabelece entre todos aqueles que precisam de um táxi, alguém sugeriu a seguinte medida:

Façam-se paragens para táxis, como há para autocarros. Paragens em profusão, pelas ruas da cidade. Assim, o utente chega e guarda a sua vez. Quanto aparece o táxi que lhe pertence, já ninguém o ofende ou perturba. Há coisas bem simples de resolver.

Alguns, motoristas, na ânsia de salvar o dia de trabalho através de uma compensação extra, recorrem a certos truques. Por exemplo: há dias apanhámos um táxi no Cais do Sodré à porta do nosso jornal, seguindo o trajecto Rua do Alecrim, Chiado, Rua da Escola, Largo do Rato, Rua de Artilharia 1, Sampaio e Pina, esquina de Castilho, 9\$50, o máximo 10\$00. Nesse dia, porém, o taxímetro marcava 12\$50. Só então nos lembrámos que quando acenámos ao táxi, no Cais do Sodré, este vinha com o sinal de livre apagado. Quer dizer: o motorista já trazia, sabe-se lá desde que ponta, o taxímetro a contar.

E vão acontecer muitos mais coisas do que aquelas que aqui descrevemos, incluída a da recolha dos táxis entre as 18 e as 20 horas. A não ser que, entretanto, se tomem as mais que necessárias medidas para acabar com semelhante estado de sítio.

ENTRECAMPOS; UM INFERNO

Com a atenção desperta pelos nossos apontamentos de reportagem anteriores, escrevem-nos alguns utentes dos autocarros urbanos e suburbanos das paragens de Entrecampos. Diz-se num desses postais:

Já agora venham até deitar uma olhadela, nas horas de ponta. São um autêntico in-

ferno, estas paragens. As vezes aguarda-se aqui à chuva e ao frio, trinta, quarenta, cinquenta minutos, por um lugar num autocarro que nos leve ao nosso destino. Infelizmente, isto não ocorre só em Entrecampos, embora neste ponto da cidade as coisas tomem, de facto, um vulto de autêntica calamidade.

Não caímos na veleidade de pensar que esgotámos o tema dos transportes em Lisboa, com estes quatro últimos trabalhos de reportagem. A ele voltaremos, por isso mesmo, em data oportuna.



A guerra dos táxis: «Desculpe, mas este é meu...»



beba White Horse em qualquer sítio

White Horse Scotch Whisky

Agentes: Costa Pina & Vilaverde, Lda. - Porto - J. A. da Costa Pina, Lda. - Lisboa



EXCURSÕES CP

3 DIAS NO ALGARVE E CEIA FIM-DE-ANO EM LAGOS

- * Partida da estação de Lisboa-T. Paço às 7.35 de 30/12 (sábado) e regresso em 1/1 às 23.40. Comboio (1.ª classe) e autocarro com guia-assistente.
- * Durante os três dias, visitas a Albufeira, Armação de Pera, Silves, Portimão, Praia da Rocha, Torralta, Lagos, Sagres, etc.
- * Ceia de passagem-de-ano, espectáculo de variedades, alojamento e pensão completa em HOTEL DE 1.ª CLASSE EM LAGOS.

Preços (tudo incluído)

De LISBOA	1.150\$00	Coimbra	1.290\$00
Setúbal	1.130\$00	Santarém	1.200\$00
Aveiro	1.330\$00	Tomar	1.240\$00



SINOQUACHO

Rua da Junqueira, 233 — LISBOA

DL/NACIONAL

Um Natal(quase)sem acidentes

Quatro pequenos incêndios, ocorridos em pontos diversos de Lisboa, perturbaram o dia de

Natal de alguns cidadãos e o feriado dos Bombeiros Voluntários e Sapadores, embora tenham sido ignorados pela maioria da população que, nessa altura, confraternizava com as famílias.

Apesar das «proporções insignificantes» com que é classificado, terá sido dramático o que ocorreu na Rua das Fábricas da Pólvora, provocando a destruição do cubículo onde morava um homem que, para fugir ao frio, procurou o calor de uma fogueira de lenha que ateou demais.

Horas antes, uma família da Rua dos Industriais tinha vivido momentos de pânico, ao ver que a cozinha da habitação começava a arder. Um fogão a petróleo (que derramou) esteve na origem do acidente, de que resultou a destruição de um frigorífico, uma máquina de lavar e outros objectos de menor valor.

Já o incêndio que ocorreu na Alameda das Linhas de Torres teria sido simplesmente espectacular, se não tivesse posto em perigo a vida dos bombeiros que combateram o fogo a um prédio desabitado ali existente.

Mais tarde, eles foram chamados para salvar da morte galinhas que «moram» numa capoeira da Costa do Castelo e impedir que o fogo se propagasse à habitação: se algumas aves ficaram assadas, a casa ficou intacta.

Os bombeiros também foram alertados para algumas ameaças de inundações, devidas a canos entupidos e sem consequências de maior.

MORTE POR INTOXICAÇÃO

Intoxicado pelo gás da casa de banho, morreu ontem de manhã Carlos Soares, residente na Casa de Repouso, Amoreira. Transportado pelos Bombeiros Voluntários de Cascais para o hospital daquela vila, chegou ali já morto.

ESTRADA CALMA

Apesar do enorme movimento verificado nas vias de acesso

a Lisboa e dentro da cidade, sobretudo ontem, ao fim da tarde e à noite, quando milhares de pessoas regressavam de um fim-de-semana prolongado com a família, não há desastres de importância a assinalar. Apenas um ou outro derrapamento devido ao estado do pavimento, um despiste na marginal, sem consequências pessoais. («O homem acabou por ir a pé para casa» — dizem-nos da Brigada de Trânsito da G.N.R.), os engarrafamentos e os pequenos «toques» do costume, acompanhados pelas trocas azedas de palavras e papéis também do costume.

Mas a estrada esteve calma! — é a informação daquela corporação. E quem veio chego intacto.

«PERUAS» NO PORTO

Uma hora da madrugada às 8 da manhã de ontem, «passaram» pelo hospital geral de Santo António, desta cidade, trinta e oito pessoas que se excederam na ingestão de produtos líquidos. Entre elas, conta-se uma rapariga de 11 anos, e uma mulher de 40. Esta de nome Lucinda Ferreira da Silva, internada no Albergue Distrital de Mendicidade, chegou a dar uma queda, de que lhe resultou ter ficado com a perna esquerda fracturada. Depois de tratada, teve de recolher a uma enfermaria.

Quanto ao tráfego, embora o movimento de passageiros fosse enorme, não se registou, em toda a região norte da C.P., o mais pequeno acidente, o que já há muito não sucedia. Contaram-se por milhares os forasteiros que das mais afastadas partes do país vieram passar a noite de Natal à capital do Norte. E entre eles, também, a presença de numerosos galegos. Estes poderiam ter sido muitos mais se a fronteira estivesse aberta, mas ainda não foi desta vez que as autoridades portuguesas providenciaram no sentido de haver tais facilidades fronteiriças. E bem o podiam ter feito, como o fazem as suas congéneres de Braga e Viana do Castelo.

DAR CONTAS AO REINO...

Em 19 de Agosto de 1822, o ministro do reino Felipe Ferreira de Araújo e Castro assinou, no Palácio de Queluz, o decreto que reestruturava a Casa Pia de Lisboa. Nessa reestruturação previa-se a dispensa de algum pessoal. «É porque importa muito à boa ordem, e até mesmo para que os empregados, que ora são destituídos, possam obter a justa contemplação, que merecerem, que as suas contas se ajustem separadamente, e com a devida legalidade» — dizia-se no preâmbulo do decreto, hoje lembrado num suplemento do «Diário do Governo».

No articulado, definia-se a Casa Pia como um «estabelecimento destinado para receber indivíduos desamparados de ambos os sexos, e formar delles bons cidadãos, e habéis Artistas», e «uma Direcção composta de três Directores, Escrivão da Fazenda, e Thesoureiro, nomeados por Sua Magestade será incumbida da educação fizica, e moral dos alunos da sua instrução fabril, e da administração dos fundos, e rendimentos segundo as respectivas atribuições abaixo declaradas».

A terminar o articulado do decreto, dizia-se que «no princípio de cada semestre subirá à Secretaria respectiva para ser presente a Sua Magestade, não só o Balanço, e conta do cofre, mas a do rendimento, e despesa, com o calculo, e demonstração do numero, e circunstância dos Alunos; custo da manutenção de cada hum; producto do trabalho de cada Officina, e resultado da Administração do Estabelecimento. Esta conta se fará publica pela Imprensa, para que a Direcção seja auxiliada pelas luzes das pessoas inteligentes, ou recompensada de suas fadigas pela aprovação pública».

Bons exemplos...

VENÇA NA VIDA POR SI PRÓPRIO



APRENDA, COM FACILIDADE, UMA NOVA LÍNGUA. EM QUALQUER LUGAR VALORIZE-SE SOCIAL E PROFISSIONALMENTE COM OS

CURSOS DE LÍNGUAS PHILIPS

PELO MÉTODO

AUDIO-ACTIVO-COMPARATIVO

● Os únicos em que o aluno é obrigado a falar e ao mesmo tempo a corrigir-se.

● Sete línguas à sua escolha: Português, Inglês, Francês, Alemão, Italiano, Espanhol e Russo.

● O gravador LCH 1015, utilizado com os cursos, também serve para gravar e reproduzir quaisquer cassettes.



PHILIPS PORTUGUESA, S. A. R. L.

LISBOA — AV. ENG. DUARTE PACHECO, 6
PORTO — RUA FERNANDES TOMÁS, 760-764

Se deseja mais informações ou assistir a uma demonstração na zona de Lisboa, preencha e envie este cupão ao Departamento Educacional da Philips Portuguesa, S.A.R.L. Apartado 1331 - Lisboa.

Nome _____
Morada _____
Telef. _____

DL

RESTAURANTE O PEIXE

(espelho d'água)

DIA DE NATAL

Almoco e jantar

NOITE DE S. SILVESTRE

Ceia

DIA DE ANO NOVO

Almoco

Ementas especiais Cozinha requintada
Marcações pelo telefone
610494

— Sem dúvida. Nós temos o mesmo direito

Na rua encontramos uma senhora que nos afirmou, encolhendo os ombros: **Só espero que para o ano que em breve começa, a comida se torne mais barata. Se isto continua assim não sei onde vamos parar. Desde as ervilhas a 16\$00, o tomate a 10\$00 até às cebolas a 7\$00 está tudo pelas ruas da amargura. Espere-mos que os preços não aumentem ainda mais.**

LISBOA — Poço do Borratém, 33 - s/1 — Telef. 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92 - 1.º — Tel. 02-33602
LUANDA — R. António Enes, 42 - 2.º, Apartamento 26

o mais
gradável

SENHA M

GRANDE SORTEIO

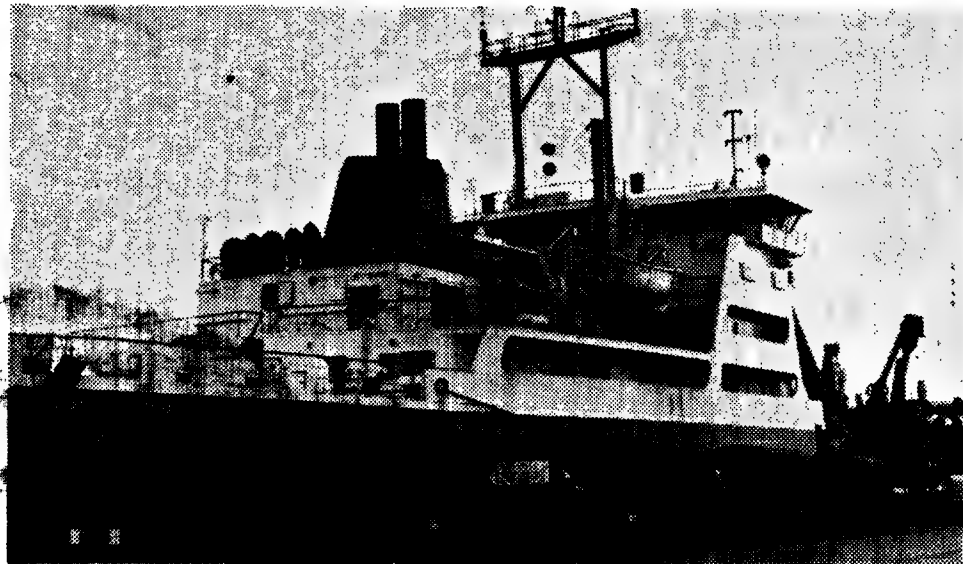
A NA MADEIRA

IEL e AEG

R CIVIL DE LISBOA

R. DE S. PAULO, 192 · R. DAS GAIVOTAS, 3 · L.º DO CONDE BARÃO, 15-17 · R. FRANCISCO METRASS, 28-A
LISBOA

Fábrica de viaturas militares da BRAVIA/V.M., SARL



Uma fase do embarque de viaturas Tácticas de Transportes Gerais 3 ton. LEOPARDO
no Porto de Lisboa /

DL/REPORTAGEM

AS MULTAS NOS COMBOIOS JÁ DÃO HISTÓRIAS

Uma velha que pretendia vir para Lisboa, apanhou o comboio em Caxias e teve de sair em Algés, porque, entretanto perdera o bilhete e não tinha 20\$00 para pagar a multa. Um menino faltou à escola por ter esquecido a assinatura em casa. Um homem que não teve tempo de comprar o bilhete na estação ia-se pegando à pancada com o revisor. Outro insultou a CP, alegando que viera da província e não tinha conhecimento «dessa novidade das multas». Cartas de leitores que protestam contra a aplicação indiscriminada de multas quem viaje sem bilhete, sem indagar se existe má fé, ainda não cessaram de chegar ao jornal. E até um colega que mora em S. João do Estoril chegou à Redacção com 45 minutos de atraso, mas reconciliado com o mundo. Tinha-se esquecido da assinatura e do dinheiro, mas o revisor foi tão compreensivo que o deixou sair na Parede para se meter num táxi, ir buscar o «passe» a casa e apanhar o comboio seguinte. Foi ele o último culpado desta reportagem. Porque é que as pessoas pagam as multas de 20\$00? Como é que reagem? Acham injusto? Os revisores são sempre «maus»? Ora vejamos:

Cobrar multas já faz parte do nosso trabalho diário. Os revisores não ganham nada com isso, apenas cumprem ordens. As pessoas é que não percebem isso. Já me chamaram guloso e outras coisas, mas se alguém é guloso, não sou eu. Se alguém come com esse dinheiro das multas não é a minha família, com certeza. É um revisor da CP quem assim fala. O exemplo acabado do funcionário cumpridor de todas as ordens que lhe dão. Com seu conhecimento, nunca ninguém viajou de boria. Ele é rápido em puxar do papelinho e pedir os 20 paus. Sem

passageiro a não ter bilhete. Não é por mal, já lhe disse. É por segurança. Se não fosse assim, podiam vir os fiscais e quem «comia» era eu.

Mas esta rigidez perfeita é um caso-limite. Muitos dos revisores com que falamos fazem o gesto de encolher os ombros que é como quem diz que de vez em quando deixam passar. O sr. António, também da CP, vai mais longe:

Só não perdoo quando vejo que o passageiro me quer «fintar». Ai, vai mesmo a multa, para lhe provar que não sou parvo...

Mas também é esta uma razão-limite: viajar sem bilhete só para poupar uns escudos é um risco cujo preço não compensa. As causas são quase sempre outras:

IGNORÂNCIA

Ainda há muita gente que não sabe que está sujeita a multa. Em percursos pequenos, quando não têm muito

apelo nem agravo, sejam quais forem as razões que levem o



Entre os atropelos para entrar no comboio é fácil perder um bilhete.

tempo para comprar o bilhete na estação, entram para o comboio pensando que só terão de dar o dobro. Têm uma surpresa.

A ignorância de parte dos utentes tornou-se uma boa fonte de receitas para as empresas ferroviárias. Aplicado estritamente o princípio de que «o desconhecimento da lei não aproveita a ninguém», todos os dias entram para os cofres da CP e da Sociedade Estoril uma série de notas de 20\$00 que

ultrapassam o valor do serviço prestado em troca — do transporte. Não era pedir demais que esse excesso fosse aplicado para melhorar a qualidade dos serviços...

Quando entrou em vigor a actual regulamentação que permite a estas empresas aplicarem multas ao público, muito se discutiu sobre a sua legalidade. Mais tarde, formulou-se a pergunta sobre se os estrangeiros deviam ser abrangidos, tanto mais que não havia nas estações avisos em língua estrangeira. Mas nada disso impediu que se continuassem a cobrar multas. «É pagar e não discutir» costuma dizer o Zé-povinho.

Quem viaja todos os dias de comboio assiste a casos bizarros, como o que nos conta o sr. José Maria Paiva, residente em Paço de Arcos e empregado em Lisboa:

Era uma senhora alemã com duas filhas. O revisor chegou-se ao pé dela e pediu-lhe os bilhetes. Ela deve ter tentado explicar, em alemão, mas o homem, que não entendeu patavina, disse-lhe impertinavelmente: «São 60\$00». A senhora estendeu-lhe uma nota de 20\$00. Quando o revisor lhe disse que não chegava e adiantou três dedos para indicar que eram precisas três notas daquelas, gerou-se a confusão. Mas, como não discutiam na mesma língua, não conseguiram chegar a acordo. E, quando o comboio chegou a Lisboa, mais de metade dos passageiros não tinham mostrado os bilhetes ao homem. Muito boa gente se podia ter escapado...

E como ficou o caso da senhora alemã? — quisemos saber. O revisor acabou por desistir. Pegou nos 20 paus, murmurou qualquer coisa entre dentes e prosseguiu o trabalho, tentando recuperar o tempo perdido. Mas isto, depois de ambos terem gasto muito suor a tentar entender-se.

BRINCADEIRA

No Verão é um suplício — conta-nos um funcionário da Sociedade Estoril. Devia haver um revisor à entrada de todas as linhas. Assim, há muita rapaziada que se escapa.

Quem de entre o público pode levar esta coisa das multas a rir senão a malta nova? Um grupo de rapazes que todas as noites ia de Queluz para a Escola Industrial do Cacém adoptou um truque para se furtarem ao pagamento. Esqueceram-se para a última carruagem e, se calhava o revisor chegar lá antes do destino, um deles armava tal discussão com o homem que, entretanto, os outros se «piravam». O «mau» acabava por pagar a multa que, depois, era dividida por todos. Calhava uns 2\$00 a cada um, pouco menos que o bilhete normal mas aquilo era um jogo divertido. Quando a «maroteira» foi descoberta, o empregado requereu a colaboração de um colega, para darem uma lição aos engraçadinhos. E, uma noite, eram dois revisores, um diante de cada porta da carruagem, a impedir a saída dos rapazes, sem antes pagarem 20\$00 cada um. Foi nessa altura que eles mostraram as assinaturas, válidas até ao fim do ano...

Esta é uma história que se conta na linha de Sintra, entre os rapazes que à noite viajam de livros de baixo do braço, a caminho da escola nocturna. Os mesmos que de dia trabalham numa oficina e a quem chamam indisciplinados, irreverentes e juventude sem respeito.

Mas quem é que não gostaria de levar a rir esta coisa de estarem sempre a arranjar pretextos para nos levarem mais algum?



Entre o perder o comboio enquanto se espera na «bicha» e o pagar 20\$00 de multa...

FÉRIAS na NEVE

- Em Chamonix ou Megève — duas das mais apreciadas estâncias de montanha!
- NA «SAISON» — EM MARÇO, A VERDADEIRA ÉPOCA PARA FÉRIAS NA NEVE! NA NEVE E COM SOL!!!
- NUM DOS 6 SELECIONADOS HOTÉIS QUE TEMOS PARA LHE OFERECER!
- POR UM PREÇO EXCEPCIONALMENTE BAIXO!
- COM UM SERVIÇO DA TRADICIONAL QUALIDADE **abreu**

Chamonix ou Megève

... É a opção certa para o melhor local!

PARTIDAS: MARÇO 1973
4, 11, 18 e 25

1 SEMANA
4 470\$

INCLUINDO: Viagem LISBOA - GENÈVE - LISBOA, em avião a jacto da TAP; transportes em trem; estadia no hotel com todas as refeições; excursões diversas; todas as taxas e

Acompanhamento e assistência de um delegado **abreu**

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA:

abreu
FUNDADA EM 1940

LISBOA — Av. Liberdade, 140 - Telef. 320021
PORTO — Av. Afonso, 207 - Telef. 37921
COIMBRA — Rua do Soto, 2 - Telef. 27011/2

ARMAZÉNS

de MÓVEIS JORGE

Aven. Almirante Reis, 35

ARTIS

Rua Maria Andrade, 64

REQUINTE

Av. Almirante Reis, 110

GALERIA ACTUAL

Avenida da República, 12

Desejam aos seus Ex. mos Clientes e Amigos FESTAS FELIZES e NOVO ANO

Um copo de boa disposição...



...para todo o dia!

Más disposições, azia, náuseas e enftamentos provocados por excesso de comidas e bebidas são eliminados por um agradável e refrescante copo de «Samarin»

caixas com 36 cartelas individuais.



A vende nas Farmácias

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

SABA

A MARCA ALEMÃ Nº 1

Rádio · TV · Gravadores · Estéreo · Hi Fi

representantes exclusivos

ESTABELECIMENTOS M SIMÕES JR, S A R L

RUA DOS DOURADORES 43 - TEL 361763 - LISBOA
RUA SANTO ANTÓNIO, 208 - TEL 25581 - PORTO

DE ESTRANGEIRO

Tremor de terra em Managua FOME, SEDE, SANGUE E ESCOMBROS

MANAGUA, 26 — (R) — (por Colin Hale, correspondente da Reuter) — Lâmpadas coloridas que nunca mais serão acesas baloioam tristemente ao longo das ruas cobertas de destroços enquanto crianças famintas mordem pedaços de pão duro e choram pedindo água — este é o panorama do Natal nas ruínas de Managua. Pgr toda a parte só desolação, morte e receio. Para a maior parte da população desta plácida capital da América Latina, ainda atrodoada pela série de abalos de terra que no sábado atingiram Managua, só existe uma solução: fugir.

As autoridades ordenaram ontem a evacuação total de Managua onde viviam 400 000 pessoas e hoje o êxodo processa-se em larga escala utilizando os refugiados todos os meios ao seu alcance desde os aviões até autocarros e automóveis particulares, enquanto os mais pobres, levando à cabeça os parcos ha-

veres que conseguiram salvar e os filhos pela mão, caminham a pé pelas estradas em direcção à Costa Rica no sul e Honduras no norte.

Atrás de si deixam apenas os mortos, os feridos que não podem andar e as brigadas de socorro que desenvolvem todos os esforços para evitar uma epidemia de febre tifoide e alimentar os sinistrados em pior situação.

FERIDOS

O número final de vítimas continua ainda por determinar mas as autoridades pensam agora que não é tão elevado como inicialmente se pensa.

As primeiras estimativas falam entre 10 000 a 20 000 mortos e pelo menos 50 000 feridos mas as autoridades locais disseram ao correspondente da Reuter Colin Hale que o número de mortes confirmadas não deverá exceder muito um milhar.

A falta de alimentos e de água começa entretanto a tor-

nar-se o problema mais agudo para as pessoas que ainda não abandonaram Managua e continuam a escavar entre as ruínas das suas casas procurando os corpos de familiares ou salvar alguns objectos.

Um grupo de refugiados à passagem de automóveis exibia cartazes escritos em espanhol e inglês dizendo: «Temos fome. Ajudem-nos».

Uma vasta área no centro da capital, a mais destruída pelos sismos e em seguida por incêndios, encontra-se vedada por um cordão de tropas.

Aqui, além, civis armados tomaram a iniciativa de guardar as suas residências ou lojas para evitarem a pilhagem.

Por cima das ruas continuam ainda penduradas as decorações do Natal, com as luzes apagadas e inclinadas nos ângulos mais estranhos.

Para os mais ricos o problema consiste apenas em fretar um avião e partir para zonas mais agradáveis, deixando às

brigadas de socorro, às enfermeiras e aos médicos de ar cansado a tarefa de ajudar as vítimas.

Aviões de todos os países da América Latina continuam a chegar aqui e depois de descarregar os abastecimentos são levados em camiões para a cidade, recebem a bordo refugiados dando prioridade aos feridos estendidos nas suas macas.

Do ar os pilotos têm uma visão perfeita da devastação de Managua vendo-se milhares de pessoas acampadas nas zonas mais seguras enquanto no centro da cidade se erguem ainda colunas de fumo.

Os principais hotéis de Managua, alguns de construção recente, continuam de pé mas foram também evacuados por terem aberto fendas nas paredes.

O hospital principal da cidade também sofreu importantes estragos tendo morrido 25 doentes ali internados quando o piso do quarto andar abateu.



Um riso de vida na noite da morte

"Não sei como escapámos"

MANAGUA, 26 (ANI) — Ewan Macpherson, de vinte e cinco anos, engenheiro de electrónica, natural de Aberdeen, na Escócia, foi um dos sobreviventes, juntamente com a sua mulher, nicaraguana, e uma filha de nove meses, dos sismos que abalarão Managua. Eis o seu relato, feito para a UPI:

— Fomos dos poucos sobreviventes na minha área do quartelão.

A minha mulher começou a gritar quando o primeiro abalo se fez sentir, no sábado à noite. Também aos gritos, perguntei-lhe se ela e a nossa filha estavam bem. Depois, rastejei até ao berço e acalmei-a.

Dei a criança à minha mulher. A mobília estava espalhada por todo o quarto, e do teto continuava a cair calça. Consegui forçar a porta do quarto, que estava empenada, e tive de fazer o mesmo quando cheguei à porta da casa.

Gritei, em espanhol e em inglês, para que alguém me ajudasse. Finalmente consegui abrir a porta. Envergava apenas o pijama.

Dirigi-me a casa do meu sogro,

contígua à nossa, e tive de arrombar a porta. Encontrei o meu sogro e a minha sogra inconscientes, cobertos de destroços. Levei-os para fora de casa, juntamente com outras pessoas.

Da minha casa apenas as paredes estavam de pé.

Verifiquei então que, na casa ao lado, havia pessoas enterradas vivas. Tentámos forçar a porta, o que não conseguimos, porque o teto abatera, bloqueando a entrada.

Havia uma mulher soterrada com o seu filho. Por uma nesga apontámos uma luz e vimos-lhe. Gritava histéricamente, dizendo que o seu filho respirava com dificuldade.

Duas outras pessoas que viviam nas traseiras da casa tinham conseguido pôr-se a salvo. O teto desabara sobre a cama em que a mulher dormia. As paredes, por sua vez, tinham caído sobre os destroços do teto.

Com a ajuda de outras pessoas conseguimos finalmente arrastá-la da situação em que se encontrava, apesar da sua recusa em abandonar o filho. Este estava preso numa so-

lução lamacenta, respirando com extrema dificuldade.

Limpámos-lhe a face e demos-lhe água.

O rapazito tinha as pernas presas e julgámos jamais conseguir tirá-lo dali. Fora salvo — tal como a mãe — apenas pelo espesso colchão da cama. Estava terrivelmente abala-

do, mas não muito ferido.

O marido da senhora não teve a mesma sorte: foi esmagado à entrada da casa. Se tivesse ficado na cama talvez também se tivesse salvo.

Não sei como eu, a minha mulher e a minha filha escapámos. Mas escapámos graças a Deus.

PILHAGEM E TIROTEIO

MANAGUA, 26 — (ANI) — Membros da Guarda Nacional alvejaram várias pessoas que pilhavam estabelecimentos de Managua — anunciaram informadores dos hospitais.

Paul Wyatt, da UPI, que percorreu o centro da cidade ontem à noite, anunciou:

«Os actos de pilhagem estão a alastrar no centro da cidade. O hospital de campanha da Força Aérea norte-americana re-

cebeu quatro pessoas que foram atingidas a tiro. Contudo, na maioria dos casos, os membros da guarda nacional disparavam sobre as cabeças para afugentar os assaltantes.

Entretanto, o Governo nicaraguano começou a dinamitar os edifícios que ameaçam ruir. E os sismos continuaram, pelo terceiro dia consecutivo.

O general Anastasio Somoza, antigo presidente, declarou:

«Estamos decididos a reconstruir a nossa capital. Vamos viver em tendas enquanto avaliamos a situação. Centros de refugiados estarão em operação dentro de quarenta e oito horas».

As estações de gasolina estão a cobrar dólar e meio (quarenta escudos) por galão (quatro litros), estando também a ser aplicado um estrito racionamento.

Ben Cordero, director de uma companhia de seguros de Nova Iorque, declarou que as pessoas poderão começar esta semana a reivindicar indemnizações pelos danos causados pelos sismos e pelos incêndios.

«Temos aqui dois avaliadores de reivindicações, e chegarão outros dois da Guatemala. Eles

dirão quanto isto nos vai custar» — afirmou Cordero, cuja companhia é responsável por vinte e dois por cento dos seguros contra sismos e incêndios feitos no país.

Cálculos não oficiais referem que os estragos montam a dois biliões de dólares (27 milhões de contos).

Chuck Johnson, adjunto do vice-presidente de um banco, declarou que o Governo pediu à Inglaterra o envio urgente de papel moeda para substituir o que foi destruído pelos incêndios. O dinheiro nicaraguano é feito na Inglaterra.

Até ao cair da noite tinham chegado dos Estados Unidos cinquenta aviões com medicamentos e alimentos.

A Nicarágua

A cidade de Managua, capital de uma das repúblicas da América Central, Nicarágua, fica situada na margem sul do lago do mesmo nome e nas proximidades do vulcão Masaya. Foi fundada em 1858 e conta com cerca de 400 mil habitantes. Managua, agora arrasada por um novo sismo, tem um passado de numerosas tragédias, nomeadamente as inundações de 1876 e os tremores de terra de 1885 e 1931.

A Nicarágua situa-se, como dissemos, na América Central, entre as Honduras e a Costa Rica. Ocupa cerca de 150 mil quilómetros quadrados e tem um milhão e meio de habitantes.

A economia do país assenta sobre a produção do algodão, que representa cerca de metade das exportações, e do café. Outras produções importantes são a cana do açúcar, o cacau e o arroz, possuindo também importantes florestas. O seu subsolo tem ricos jazigos de ouro, prata e cobre. A maior parte das trocas comerciais são feitas com os Estados Unidos.

Conquistando a independência em 1821, a Nicarágua é hoje uma república regida por uma Constituição (aprova da em 1950) que estabelece a eleição de um presidente da República de seis em seis anos. O poder Legislativo pertence a um Parlamento composto por uma Assembleia e por um Senado, também eleitos por seis anos.

O grande poeta hispano-americano Rubem Dario nasceu na Nicarágua em 1867, sendo considerado hoje o verdadeiro chefe do movimento vanguardista na América Latina.

O B R E C O L

OBRAS E CONSTRUÇÕES, LDA.

Rua Joaquim António de Aguiar, 41-4.º - Dto. LISBOA-I

CONSTRUÇÃO - CIVIL

OBRAS - PÚBLICAS

CONSTRUÇÕES - INDUSTRIAIS

Tel. 362 - 53 09 22

DL/ESTRANGEIRO

Mao Tse-Tung 79 anos sem comemoração pública

PEQUIM, 26 — (R.) — O presidente Mao Tsé-Tung da China faz hoje 79 anos, mas como é habitual não havia sinais de qualquer comemoração pública do acontecimento no país.

O «Diário do Povo», o órgão do Partido Comunista chinês publicava, como normalmente o faz, uma citação de um pensamento de Mao no alto da primeira página, mas os cabeçalhos principais do jornal tratavam do regresso ontem do ministro dos Negócios Estrangeiros Chi Peng-Fei da Coreia do Norte e não fazia qualquer referência ao aniversário na-

talício do presidente.

Isso estava de acordo com a política oficial chinesa há muito mantida de não celebrar ou mesmo dar publicidade ao acontecimento, embora a maioria dos chineses conheçam, sem dúvida, o significado do dia.

No ano passado, Mao continuou a manter a sua posição proeminente na chefia chinesa sem ser desafiado por qualquer outra figura política do seu país, segundo concordam observadores desta capital.

Contudo, Mao tornou-se uma figura um tanto remota nas questões públicas chinesas nos últimos anos. Este ano apareceu

brevemente para se avistar com importantes convidados estrangeiros como o presidente Nixon e o primeiro-ministro japonês, Kakuei Tanaka, mas o público chinês não o viu desde Maio de 1971.

Observadores de Pequim julgam que Mao, que tem sido o chefe do Partido Comunista Chinês há cerca de quarenta anos, continua a dar as linhas gerais da política interna e externa da China. Contudo, o primeiro-ministro Chou En-Lai, que tem estado na vanguarda da política externa do país, tem a seu cargo a administração quotidiana da China.

A despeito da imensa estatura pessoal e política de Mao na China, pouco se sabe, o que é notável, acerca da sua vida particular.

Diplomatas concordam que a residência de Mao está situada na parte ocidental da cidade proibida, no centro de Pequim, conhecida como Chung Nan Hai.

Uma das entradas para o local é ao longo do grande quarteirão de Changan (Paz Eterna) da capital, normalmente guardado por dois soldados, armados de carabina com baioneta calada.

Contudo, é impossível a todos os residentes estrangeiros em Pequim, com a excepção de muito poucos, entrarem nesse bairro e os movimentos de Mao à volta da capital e no resto da China continuam a ser um mistério quase total.



O rei Hussein da Jordânia casou-se, pela terceira vez, com Alia Baha Eddin Toukan, no dia 24. Hussein, de 38 anos, rejel-tou-se dias antes a segunda mulher, uma inglesa. A princesa Alia fez 34 anos no dia de Natal. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

O TERRAMOTO NA NICARÁGUA

Manágua: cidade fantasma

MANAGUA, 26 (F. P.) — A capital da Nicarágua agoniza. Manágua transformou-se numa cidade fantasma.

O general Anastácio Somoza, o chefe da Guarda Nacional e antigo presidente da Nicarágua deu ordem para a evacuação de toda a população. Os edifícios ainda de pé constituem um grande perigo pois de um momento para o outro podem desabar. Entretanto, na medida das possibilidades, são dinamitados os que apresentam mais perigo. A falta de água e de viveres atinge um ponto crítico. Sob o calor, entretanto, cadáveres soterrados começam a decompor-se. A epidemia paira. O cheiro a mortos nalguns pontos provoca vômitos. Em alguns bairros é preciso andar com um lenço a tapar o nariz.

Ao princípio pensou-se em evacuar somente os habitantes dos bairros mais atingidos. Depois, viu-se que era preciso evacuar toda a cidade, sendo necessário fazer ir pelos ares os edifícios do centro. Para o efeito, o Exército americano forneceu uma tonelada de explosivos e enviou seis dos seus melhores especialistas em demolições. Quem não pode encontrar alojamento nos arredores de Manágua vai para os acampamentos organizados pelo Exército. Aqui dispõem de tendas e água fresca. É raro encontrar sinistrados que se queixem de fome, embora há três dias nada tenham comido. Ao contrário todos se queixam de sede. Há longas bichas junto dos camhões-cisternas para receberem água. Uns têm garrafas, outros somente saquitos de plástico.

O edifício da Cruz Vermelha ficou arrasado, e assim é em tendas que se ministram os tratamentos de urgência. Um hospital de campanha americano, para 25 feridos, já recebeu mais de 200. Está a instalar-se a toda a pressa outro hospital do género, com a capacidade normal de 100 feridos.

O coronel Armando Monge, encarregado das comunicações, conseguiu, graças aos satélites, restabelecer as principais. Opera em plena rua, com uma dezena de telefones à sua volta, sobre mesas e cadeiras. As chamadas telefónicas não podem durar cada uma mais de três minutos. O coronel centraliza também as transmissões das Forças Armadas, Polícia e Bombeiros. Assim, está informado do movimento dos que deixaram já a cidade. Segundo disse devem ser uns 160 000 até agora.

Hoje, foram enterrados ou queimados 800 mortos. A cremação é para os não-identificados.

Continua a ser impossível, entretanto, fazer um inventário oficial de mortos e feridos. O coronel Monge que recebe informações de todos os lados, dadas as suas funções de ligação e comunicação, disse que era quase certo que os mortos fossem 2000 no mínimo. Quanto aos feridos contam-se por dezenas de milhares.

Não é todavia impossível que o número de mortos suba no fim do apuramento para 8000 ou 10 000.

No centro de comunicações, um grupo de japoneses. São electricistas e vieram construir uma estação de telecomuni-

cações para o Governo. O coronel afirmou que estes japoneses não têm parado de trabalhar, quer de noite quer de dia, até que conseguiram instalar a rede que o liga, a ele, com os técnicos do Exército. Dignos de todo o elogio, também, são os rádio-amadores nicaraguenses e do Mundo inteiro, graças aos quais se pôde organizar os socorros num mínimo de tempo. Na Nicarágua, note-se, há uns mil rádio-amadores, dos quais 300 em Manágua. Foram eles que deram o alarme ao Mundo, logo a seguir ao sismo destruidor. São eles ainda que dão notícias às famílias quanto aos desaparecidos.

A rádio adverte os ladrões, pois se até domingo todos os habitantes de Manágua demonstraram uma coragem, uma disciplina e uma solidariedade exemplar, na segunda-feira já apareceram certos indivíduos a querer tirar partido da situação. Dizem que se trata de pessoas, vindas dos arrabaldes poupados, a pretexto de procurarem desaparecidos nos escombros, mas na realidade para roubar. Como não é possível guardar edifícios por edifício são as lojas, bancos e joalherias que têm guardas. A rádio avisa os ladrões que serão fuzilados imediatamente quando apanhados.

Há os que vêm apenas para roubar alimentos, mas mercadorias abandonadas, sem portas. Nestes casos a Polícia fecha os olhos e, sobretudo, quando os gatuos são petizes. A fábrica de Pepsi Cola foi assaltada, mas ninguém fez caso. As pessoas têm sede, e precisam de bebidas.



Paulo VI de capacete na cabeça, visitou no dia 25 as obras de um túnel ferroviário em Sant'Oreste, tendo celebrado a missa da meia-noite para os operários que lá trabalham. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

MENSAGEM "URBI ET ORBI"

DO PAPA PAULO VI

CIDADE DO VATICANO, 26 (ANI) — E o seguinte o texto, em português, de parte da alocução do Santo Padre, na altura da bênção «Urbi et Orbi» no dia de Natal de 1972:

«Filhos de Roma e do mundo católico e irmãos da terra inteira: Feliz Natal. Feliz Natal.

Neste dia, não esperais da nossa parte outra saudação e outra mensagem que não seja esta: Feliz Natal. O acontecimento que comemoramos e festejamos tem em si mesmo um significado e uma virtude tais, que equivalem, para quem quer que seja, a um anúncio a tempo compreensível e grato para todos. E o anúncio que faz brotar nos corações os sentimentos humanos mais simples e mais originais, e, simultaneamente, mais profundos e inefáveis: os sentimentos da bondade, do amor, da felicidade e da paz.

E com tais sentimentos que, nesta hora, vos vemos diante do nosso olhar e no nosso coração, a vós romanos, assim como à Igreja inteira e ao mundo. Com os olhos voltados, de modo particular, para aqueles lugares, onde ainda subsiste a guerra, e onde quer que existe a fome, o sofrimento e a angústia, onde quer que é esperado ainda o advento da justiça e da paz.

Nunca, como na quadra do Natal, o homem tem a consciência de si mesmo, da própria natureza e da própria vida. E a hora da verdade humana. Não

é sem motivo, pois, que as crianças, as mães e a família têm os primeiros lugares nesta magnífica festa. A própria casa, a própria mesa, a própria terra e os próprios costumes, com a sua doce intimidade, nesta altura, encham as almas».

QUEBRA DA TRADIÇÃO EM CUBA

HAVANA, 26 (R.) — O Dia de Natal foi ignorado oficialmente pelo quarto ano consecutivo em Cuba, governada pelos comunistas, e os oito milhões de habitantes da ilha das Antilhas entregaram-se aos seus trabalhos da rotina diária, após o descanso de domingo.

Cuba oferece o paradoxo de ser um país predominantemente católico onde uma das festas anuais mais celebradas pela cristandade não consegue mesmo a mais ligeira referência dos serviços de informação controlados pelo Estado.

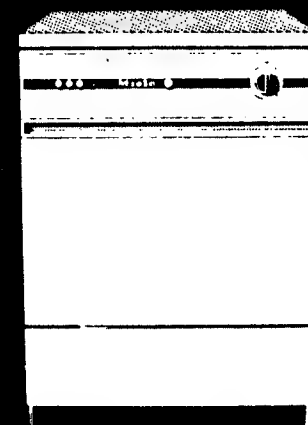
A omissão cristalizou-se aparentemente e foi uma das últimas medidas na transformação da ilha num Estado socialista pelo primeiro-ministro Fidel Castro, transformando essa que começou um ano depois de ter deposto o regime de Fulgêncio Baptista em 1959.

A chefia cubana explica essa quebra de tradição afirmando que os festejos do fim do ano foram importados e que o pinheiro, coberto de neve, se adaptava mal a uma ilha tropical.

«Essas tradições de árvores de Natal e o resto são muito belas, muito poéticas e muito cristãs, mas nós não estamos na Escandinávia» — afirmou Fidel Castro em Dezembro passado.

Contudo, muitos cubanos, principalmente pessoas idosas e crianças, assistiram à «missa do galo» em igrejas quase cheias e árvores de Natal, bem preservadas em plástico, podiam ser vistas através de dezenas de janelas.

Máquina de lavar louça G 220 UNIBODY



“Unibody” — um novo sistema de fabrico da MIELE! Maior resistência, menos espaço, melhor isolamento térmico, mais silencioso e naturalmente máxima capacidade de lavagem.

Miele

Agente Oficial:

M. L. FERREIRA

Rua D. Estefânia, 48 A — Telef. 58958 — LISBOA

CALEIDOSCÓPIO

CONGRESSO — O Partido do Congresso da Índia, que governa o país, inaugura hoje em Calcutá a sua sessão anual numa altura em que a nação enfrenta grave escassez de géneros alimentícios, uma inflação que sobe em espiral e uma economia industrial quase estagnante. O Congresso realiza-se na área do Lago Salgado, ao norte de Calcutá, local de um campo que abrigou no ano passado 250.000 refugiados do Bangla Desh. Trinta mil delegados assistirão à sessão, cuja organização custará 4.500.000 rupias (cerca de 16.250 contos). (R.).

FÉRIAS DE BRANDT — O chanceler Brandt parte hoje para as Canárias, numas férias de duas semanas. O chanceler fica em Forteventura, e aproveita para se tratar de uma extinção de voz e para redigir a declaração ministerial que faz no Bundestag em 18 de Janeiro. (F.P.).

DI/ESTRANGEIRO

O Natal mais sangrento da guerra no Vietname

SAIGÃO, 26 (ANI) — O dia de Natal deste ano foi o mais sangrento desde que os Estados Unidos entraram na guerra do Vietname — anunciou o alto comando sul-vietnamita.

Ontem, morreram quarenta e cinco soldados e civis sul-vietnamitas, e sessenta e sete foram feridos. Os comunistas sofreram sessenta mortos.

Estas baixas são as maiores de qualquer trégua de Natal desde 1965. Registos não oficiais indicam que o único período de tréguas com maior número de baixas foi o do Tet, em 1968, que os comunistas usaram para iniciar uma grande ofensiva.

Era de 24 000 o número de soldados norte-americanos no Vietname do Sul, na passada quinta-feira — anunciou entretanto o comando dos Estados Unidos.

Trata-se da cifra mais baixa desde 31 de Janeiro de 1965, altura em que as forças norte-americanas totalizavam 23 800 homens, e estava a começar a concentração de soldados norte-americanos na Indochina.

A base aérea de Da Nang, onde se encontram quatro mil soldados norte-americanos, foi atingida esta manhã por foguetes comunistas.

E a primeira vez que esta base é atacada desde 19 de Novembro.

O correspondente da UPI, Donald Davis, declarou que uma

dúzia de foguetes caíram na parte leste da base, destruindo um helicóptero norte-americano.

Davis acrescentou mais tarde terem sido disparados 32 foguetes. Além de destruir um helicóptero e de danificarem o hangar, feriram um soldado norte-americano.

Atingidos por estilhaços e levemente danificados foram outro helicóptero e um avião de transporte da Força Aérea norte-americana.

Foi o mais violento ataque a Da Nang desde 18 de Agosto.

Por outro lado, aviões norte-americanos voltaram à actividade, ontem à noite, sobre o Vietname do Sul.

Informadores militares declararam que uma missão de bombardeiros destruiu onze de cinquenta camiões comunistas localizados numa auto-estrada, a 96 quilómetros a noroeste de Saigão.

Não foi feita menção a um recomeço dos bombardeamentos ao Vietname do Norte.

Os canhões anti-aéreos comunistas derrubaram na véspera de Natal, durante as tréguas de 24 horas anunciadas pelo Vietname do Sul, um bombardeiro norte-americano B-52 — anunciou a Rádio de Hanói, captada em Saigão.

A emissora salientou que o aparelho «foi abatido no local preciso» uma hora e meia depois do começo das tréguas

sul-vietnamitas.

A emissora comunista também afirmou que um caça norte-americano foi abatido na sexta-feira a ocidente de Hanói e que um caça Phantom F-4 teve a mesma sorte às 15 horas do dia 24.

A Rádio de Hanói enumerou igualmente dois Corsairs A-7 da Armada dos Estados Unidos e um Phantom F-7 derrubados na quinta-feira a sul de Hanói.

Os artilheiros norte-vietnamitas — proclamou a Rádio de Hanói — já destruíram 53 aviões norte-americanos, incluindo 18 B-52, depois de o presidente Nixon ter ordenado, há oito dias, o recomeço dos bombardeamentos em grande escala a norte do paralelo vinte.

Ainda segundo aquela emissora, os Estados Unidos perderam Vietname do Norte 4131 aparelhos desde o início da guerra.

O comando das forças norte-americanas afirma, por seu lado, que em toda a guerra foram perdidos apenas 1077 aviões e desde o reinício dos bombardeamentos 17, incluindo onze B-52.

Entretanto, o congressista norte-americano G. V. Montgomery, democrata do Mississippi, que efectua uma visita ao Vietname do Sul e à Tailândia, disse hoje aos jornalistas que não houve quaisquer bombardeamentos norte-americanos no Norte durante as tréguas.



No dia de Natal, uma marcha de protesto contra a guerra do Vietname pediu, diante da Casa Branca, em Washington, que fosse assinado o acordo de paz (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

Trégua teórica

SAIGÃO, 26 — (Dos enviados especiais da AFP — Paul Ellman e Roland Pierre Paringaux) — O Natal, no Vietname do Sul, é teoricamente a trégua mas, no entanto, em Lai-Khe, como em muitas outras regiões do país, uma mina destruiu um veículo blindado de transporte de tropas e, os soldados sul-vietnamitas da base, tiveram de lá ir. O sargento teve imensa dificuldade em convencê-los de que tinham de abandonar a calma da Festa tradicional: «Mas por que teremos de combater hoje? — perguntaram-lhe os seus homens.

As 13 horas locais, fim da trégua decretada pela FNL, o ruído surdo dos tiros de artilharia voltou a cortar o silêncio relativo. Nos postos governamentais da região, os soldados parecem pouco inclinados a recomeçar os combates e preferiam brincar com as crianças que vinham fazer uma visita à frente por ocasião do Natal.

Embora um habitante duma aldeia próxima de Lai Khe tenha afirmado que este foi o «Natal mais calmo» que passou, na aldeia próxima, a dois ou três quilómetros de distância, os camponeses não falam senão dos combates travados nos arredores durante a noite de Natal entre governamentais e guerrilheiros.

No entanto, nos planaltos, em Kontum, as salvas de artilharia das forças de Saigão e dos guerrilheiros não impediram muitos milhares de camponeses católicos, homens mulheres e crianças, de assistirem a missa da meia-noite, celebrada pelo bispo da cidade, mons. Paul Seitz.

O estrondo das explosões a cerca de 30 km, a intervenção de aviões e metralhadoras sul-vietnamitas contra um regimento das forças da esquerda que passara à ofensiva não perturbaram o recolhimento destes milhares de montanheses, fugidos do norte da província por causa da intensidade dos combates.

De pés nus na poeira, mantiveram-se de olhos postos nos três oficiais e cantaram com fervor os cânticos de Natal.

Terminado o ofício regressaram à sua cidade de tendas longe das suas montanhas — onde tiveram de abandonar os gongues sagrados (os tambores de bronze). No acampamento, os montanheses falaram enquanto comiam o arroz distribuído na véspera pelas autoridades governamentais (500 gramas por dia e por pessoa) e os mais ricos bebendo álcool de arroz.

Talvez tivessem esperado, em segredo, que a guerra acabasse, que as armas se calassem definitivamente para uma trégua que o Natal de 1972 esteve muito longe de lhes trazer, mesmo durante o tempo duma missa.

Médio Oriente conflito em 1973?

CAIRO, 26 — (R.) — O presidente Anwar Sadat revelou na quinta-feira aos egípcios as suas opiniões sobre estratégia política no próximo ano na crise do Médio Oriente e os seus planos para acabar com a desordem sectária.

O seu relatório à nação será apresentado numa sessão pública da Assembleia Popular (Parlamento), que começa às 17 horas.

Para ajudar a tornar as suas opiniões, o presidente efectua às 10 e 30 de hoje conversações

com o seu conselho de segurança nacional e amanhã com chefes religiosos.

Sadat convidou o Conselho de Segurança a discutir, entre outras coisas, a ofensiva política do Egito, em 1973, à luz de um relatório apresentado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Mohammed Hassan El-Zayyat, a seguir à sua recente visita às Nações Unidas.

O Conselho, cujas sessões se realizam habitualmente à porta fechada, conta entre os seus membros os vice-presidentes, o primeiro-ministro e os seus adjuntos, o ministro dos Negócios Estrangeiros, o ministro da Guerra e o director dos serviços secretos do exército.

Dirigentes egípcios têm afirmado em várias ocasiões que são remotas as perspectivas de paz no conflito árabe-israelita a não ser que os Estados Unidos exerçam pressão sobre Israel para retirar dos territórios árabes que agora ocupa.

O jornal cairota «Al Gomhouria» afirma que o ministro da Guerra, general Ahmed Ismail, apresentaria um relatório ao conselho sobre preparativos militares na frente de batalha e eficiência em combate das tropas egípcias. O general assistiu recentemente a algumas manobras militares, realizadas em condições de guerra e com munições verdadeiras.

Amanhã, o presidente visitará tanto chefes muçulmanos como cristãos coptas, entre eles o dr. Mohammed El Faham, o grande xeque Al Azhar, e o Papa Shenouda III, o patriarca copta. Deslocar-se-á, depois, ao centro de estudos muçulmanos e ao sagrado sinodo copta, onde se avistará com os seus membros.

O Parlamento concedeu ao presidente Sadat um mandato para consolidar a unidade nacional e eliminar as causas por detrás de uma série de disputas entre os coptas e muçulmanos durante os últimos dois anos.

HARRY TRUMAN À BEIRA DA MORTE

KANSAS CITY (MIS-SOURI), 26 (R.) — O antigo presidente Harry Truman, de 88 anos, em profundo estado de coma há mais de dois dias, encontra-se quase a morrer às primeiras horas de hoje no Hospital de Pesquisas desta cidade.

O director do pessoal deste hospital, dr. Warren Whithelm, disse a jornalistas numa conferência de Imprensa que concedeu a noite passada que Truman sofria de demasiadas doenças para os médicos o tratarem eficazmente.

O ex-presidente, que foi internado no hospital há três semanas sofrendo de congestão pulmonar, tinha uma temperatura muito alta e a sua pressão arterial e pul-

sação eram irregulares.

Médicos afirmaram durante todo o dia de ontem que estava próxima a morte do homem que conduziu a América durante duas guerras e autorizou o primeiro e único ataque com bombas atómicas que ocorreu no mundo.

Bess, de 87 anos, a mulher do antigo presidente, manteve-se durante todo o dia de ontem junto do leito do marido até sua filha Margaret chegar a noite passada de Nova York e levar a mãe para a sua residência em Independence, perto desta cidade.

A sr.^a Truman e a filha abandonaram o hospital por uma porta lateral e reportes não as viram partir.

COLISEU

HOIE — às 21.30

Maiores de 6 anos (Grupo A)

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO

e as suas aliciantes atracções: um lindo grupo de cães da Índia * equitação * chimpanzés engraçadíssimos * voadores de grande classe * duas parelhas de palhaços * números cómicos e musicais * outras

TODAS AS NOITES AS 21.30

MAIORES DE 6 ANOS

5.^a FEIRA, à tarde, lotação esgotada

SÁBADO, à tarde, às 16 h. com entrada gratuita às crianças dos 6 aos 10 anos

DOMINGO, à tarde, duas grandiosas tardes de CIRCO: a 1.^a às 14.30 h. a 2.^a às 17.15 as 2 com entrada gratuita às crianças dos 6 aos 10 anos

NOITE DE FIM DE ANO

A tradicional passagem do ANO no Coliseu é já famosa pelo seu inigualável fascínio, muita alegria, cor e luz dentro de um espectáculo dinâmico e sempre moderno

BILHETES A VENDA

DL/ESTRANGEIRO

A Jugoslávia na hora da retomada de força

Perante os comunistas da Eslovénia, o marechal Tito pronunciou, na segunda-feira, 11 de Dezembro, um discurso que ainda não foi publicado. No decurso da reunião, Haffner, presidente da Liga dos Comunistas desta República, condenou «o pequeno número de pessoas» que afirma que a Eslovénia viveria «melhor e mais livremente» separada da Jugoslávia. Recordemos também que, no fim de Outubro, Kavtchich, chefe do Governo esloveno, acusado de «tecnocratis-mo», pediu a sua demissão.

Por outro lado, na aplicação do plano de estabilização, o Governo federal apresentou em 15 de Dezembro ao Parlamento uma lei de urgência, bloqueando, até 30 de Junho de 1973, os salários nos sectores que não são directamente produtivos. Aqueles que têm salários elevados deverão, no próximo ano, pagar um super-imposto e subscrever um empréstimo obrigatório.

A campanha de retomada de força prossegue, pois, na Jugoslávia. Traduz-se principalmente por processos e, também, por remodelações de pessoal, cujo significado é seguidamente analisado.

I — A TERCEIRA CRUZADA DE TITO

Belgrado — O aeroporto de Belgrado não tem um aspecto agradável; porém, logo que se chega à estrada e, depois, à auto-estrada que leva à cidade, quase que se poderia acreditar estar em Orly. Esta impressão confirma-se quando se passa diante de Novi-Beograd, aglomerado em plena expansão, onde se elevam lado a lado os edifícios de vidro e aço. Um país em crise? Nada o faria supor, porém, não sofre a Jugoslávia tanto de êxitos como de malogros?

Alguns dirão que o êxito económico deste país é já suficientemente fora do comum, num estado socialista, para ser inquietante. Os cartazes publicitários fazem propagando tanto dos produtos jugoslavos como dos automóveis, dos perfumes ou das bebidas do Ocidente. As casas de moda da Rua do Príncipe Miguel — das quais se procuraria em vão o equivalente em qualquer outro país socialista — oferecem artigos da melhor qualidade a

preços, é certo, um pouco inferiores aos da França, mas elevados para um país em que o salário médio não passa de cerca de 1500 novos dinares, ou seja, aproximadamente, 2700 escudos.

À noite, a Rua do Príncipe Miguel é entregue aos pedestres. Curiosa amálgama de pessoas vestidas com requinte e de jovens cabeludos, cantarolando canções vindas do Ocidente e admirando, junto dos escritórios da Air France, as fotografias colocadas em exposição da «Voz da América». No hotel, o viajante recebe, com o cartão de registo, um bilhete que o convida a tentar a sua sorte na roleta ou na mesa de baccará do estabelecimento.

O problema essencial não é, portanto, verdadeiramente, ou não unicamente, de ordem económica. É verdade que a taxa de inflação é impressionante: este ano atingirá cerca de 16 por cento, enquanto que o plano esperava poder limitá-la a 6 por cento. Mas qual o país que conseguiu alguma vez sair do subdesenvolvimento sem inflação? A dívida para com o Ocidente elevava-se em fins de 1971 a 2400 milhões de dólares. Este ano será reduzida.

Porém, a balança de pagamento encontra-se em nítida melhoria; acusava, em 1971, um «déficit» de 320 milhões de dólares, mas apresentará em 1972 um saldo positivo de 200 milhões de dólares, embora o plano promettesse apenas reduzir o «déficit».

A tendência deveria prosseguir um ritmo menor durante o próximo ano, apesar da anunciada liberalização das importações. A taxa de crescimento da indústria continua a ser da ordem dos 8 por cento. No entanto, mais de 600 mil trabalhadores ganham menos de 1000 dinares por mês, enquanto que, somente na cidade de Belgrado — onde não há mais de dez mil pessoas cujo salário ultrapasse 3500 dinares — circulam cento e oitenta mil automóveis, entre os quais um grande número de Mercedes, BMW e Peugeot. O envio, pelo milhão de trabalhadores jugoslavos que se encontram no estrangeiro — único remédio para o desemprego —, de cerca de 800 milhões de dólares, como aconteceu este ano, não explica tudo. Todos e cada um,

do maior ao mais pequeno se «desenvencilha» como pode para melhorar a sua situação ou tentar enriquecer. Quando termina o seu trabalho na empresa que serve, o trabalhador

de terem recebido 1.800.000 dinares de uma empresa contra a promessa de outorga de um empréstimo por parte de um banco francês. Muito em breve vai iniciar-se um grande pro-



Por BERNARD MARGUERITTE Exclusivo «Le Monde»/«D.L.»

Outros métodos menos inocentes permitem aumentar os proventos. E este o caso da especulação com os terrenos. Há uma dezena de anos, o metro quadrado custava, em Belgrado, cerca de 500 antigos dinares; presentemente vale de 10.000 a 15.000 dinares. Na costa dálmata, os preços atingem 60 a 70 mil dinares. Particulares, aproveitando a ajuda do turismo, constroem hotéis que alugam seguidamente a bom preço. Os empregados ficam nos alojamentos do próprio emprego, embora possuam a sua própria «vila» ou apartamento, que alugam. As empresas privadas que trabalham no comércio externo, estabelecem, na República Federal Alemã ou na Áustria, filiais declaradas como firmas privadas, em nome do seu director. O presidente Tito, revelando que várias centenas destas filiais se haviam criado desde há um ano na República Federal, declarou-se, numa entrevista concedida ao jornal de Zagreb *Vjesnik*, escandalizado ao constatar que elas escapam praticamente a todo e qualquer «contrôle». O Poder não tem qualquer ideia sobre as somas depositadas pelo seu pessoal nos bancos ocidentais.

UM CURIOSO SOCIALISMO

Nestas condições, os escândalos multiplicam-se. Acabam de ser julgadas em Belgrado 15 pessoas acusadas

cessos contra o director-geral da firma Metaljuna e nove dos seus associados: são acusados de se terem apoderado de 70 milhões de dinares e de ter feito perder à empresa 350 milhões de dinares por diversos meios, que vão desde a falsificação das contas à transferência de capitais para o estrangeiro.

Durante este tempo, numerosas empresas que fizeram investimentos demasiado ambiciosos, experimentam as maiores dificuldades para reembolsar os empréstimos e até, às vezes, para pagar aos seus trabalhadores no fim do mês.

Estes abusos, estas desigualdades sociais suscitam, desde há muito, os protestos de uma parte da classe trabalhadora, da juventude e até dos funcionários políticos. Em Dezembro de 1971, o presidente Tito proclamava, ele próprio: «As desigualdades sociais no nosso país atingiram grandes proporções, a ponto de me parecer, às vezes, que se perdeu o carácter socialista.»

Os confrontos entre nacionalidades complicam o problema e provocam absurdos. Cada república possui a sua própria companhia de caminhos-de-ferro. Ainda há poucos anos se mudava de locomotiva na fronteira das respectivas repúblicas. Exerce-se uma concorrência feroz pelo desenvolvimento dos portos: os croatas fizeram grandes investimentos em Rijeka, os eslovenos criaram Kopar e os sérvios construíram Bar.

O presidente Tito — que tem a sua parte de responsabilidade nesta situação — acreditou, portanto, dever entrar em força na arena e exigir que «isto mude». Ao pôr o ênfase sobre as desigualdades sociais e ao evocar as *vekendics* (as casas de fim-de-semana), dos explo-

radores do regime, o marechal estava certo de poder sensibilizar o público e de obter o apoio de grandes camadas da opinião trabalhadora. Todos compreendem, no entanto, que, neste caso, não se trata de epifenómenos. Overdado problema é a crise ideológica acompanhada de uma desorganização política muito avançada.

Já não se agita, desta vez, o espantinho nacional. A situação é, aliás, a muitos respeito, muito diferente do que era há um ano em Zagreb. A crise verificada há algumas semanas na Sérvia permite, todavia, compreender melhor os acontecimentos que agitam a Croácia. O ano passado, tratava-se de eliminar os elementos acusados de dar provas de «liberalismo corrupto». Porém, ao acusá-los de nacionalismo croata, ao utilizar os fantasmas ustachis, o Poder assegurava-se da compreensão de uma parte da opinião na Jugoslávia e até no estrangeiro. De facto, começava a realizar um plano preparado desde há muito e que visava a reforçar o partido. A fortaleza sérvia era a mais temível, mas era difícil levar por diante o assalto antes de travar o passo à Croácia, antes de ter metido na ordem o mais fraco. Como por acaso, Miko Tripalo e Marko Nikezitch, que perderam, com um ano de intervalo, a presidência da Liga na Grécia e na Sérvia, são duas personalidades que, pelo seu dinamismo, a sua inteligência, a sua abertura de espírito e a sua juventude, se distinguem no seio do partido.

SÉRIAS DIFICULDADES COM A CROÁCIA

No fim de 1971, na Croácia, o drama lia-se nos rostos. Nada disso, hoje, em Belgrado. Evidentemente, a solidariedade sérvia desempenha um papel. Manifestou-se mesmo em 1966, quando da destituição de Rankovitch, o antigo chefe da Polícia. Lamenta-se, pois, a queda de Nikezitch. Às vezes as consequências são inesperadas: «Hoje — dizia-nos um habitante de Belgrado — *come os croatas podiam sentir há um ano.*» Durante estes últimos meses, não cessou de se desenvolver uma solidariedade ainda mais activa, de uma forma bastante fora do comum, entre os liberais das duas grandes repúblicas. Seria, no entanto, abusivo pretender que a moção é, na Sérvia, muito visível ou muito profunda. Nikezitch era um dirigente, por certo, apreciado, mas demasiado intelectual talvez para ser realmente popular.

Segunda diferença, a resistência à operação conduzida pelas altas esferas foi, desta vez, muito forte. O próprio presidente Tito o admitiu. Quando, de 9 a 12 de Outubro, se avisou com a direcção do partido sérvio, não apenas Nikezitch e a senhora Peovitch, secretária do partido, recusaram retratar-se publicamente, como foram apoiados, contrariamente ao que se havia passado no caso da Croácia, pela maior parte dos seus camaradas. Encontravam-se mesmo entre estes últimos alguns «veteranos», companheiros da primeira hora de Tito, como Kotcha, antigo chefe do Estado-Maior do Exército dos partidários, depois ministro da Guerra e dos Negócios Estrangeiros, ou Miljalko Todorovitch, presidente da assembleia federal, que se teria mostrado particularmente virulento.

Outros sinais invulgares multiplicaram-se: a comissão do

partido de Novi-Sad, que tinha condenado Nikezitch e a sua equipa, foi dois dias depois reprovada pela instância superior, a comissão de Vojvodine. Ao mesmo tempo, o Conselho de Faculdade de Filosofia de Belgrado confirmava, por dezoito votos contra dois, a nomeação de dois assistentes condenados pelo partido. Desde então, a resistência à nova orientação da Liga pelo presidente Tito, organizou-se até. O seu objectivo é agir, mas com discreção para induzir o chefe do país a uma maior flexibilidade, sem que a opinião nacional e internacional tenha a impressão de um recuo da sua parte. Ao que parece, a nova política está já a ser conduzida com mais moderação e reage-se contra os excessos cometidos aqui ou além pelos partidários do socialismo «puro e duro».

Em todo o caso, a autoridade, se não mesmo o prestígio do presidente da República já não são aquilo que eram. O herói que envelhece já se deu bem conta disso: há agora pessoas que «travam directamente a polémica comigo», disse. Ou, ainda (entrevista concedida a *Vjesnik*): «Tem havido fóruns do partido que não têm feito menção ao que eu disse. (...) Há mesmo quem diga: deixemo-lo falar e sigamos o nosso próprio caminho.»

Ao lançar a sua ofensiva, o marechal age de uma maneira contrária ao espírito do titismo? Está a atentar contra a sua própria obra? Seria simplista afirmá-lo. Tito sempre foi guiado na sua acção por três objectivos principais: a unidade da Jugoslávia, a manutenção da sua independência, a afirmação do carácter socialista do país. No seu espírito, a campanha actual desenvolvida para o reforço do centralismo democrático e um aprofundamento ideológico caminham no mesmo sentido.

Trata-se, ao menos, de uma espécie de combate de honra, do canto do cisne de um chefe envelhecido que quer «cair à esquerda», desaparecer em plena glória socialista? O julgamento, também neste caso, parece um pouco precipitado. Foi sem razão que alguns quiseram ver em Tito um dirigente «liberal», no sentido em que se entende esta palavra no Ocidente. Educado no serralho ortodoxo do Komintern, ele introduziu na Jugoslávia, no dia seguinte à guerra, a primeira ditadura comunista abertamente totalitária da Europa Central, tirando a terra aos camponeses, atacando o clero, enquanto que, nos outros países socialistas do Leste, a senha era ainda a moderação. Só a rotura com Estaline, cujos «ukases» recusou, levou Tito à rotura e, a pouco e pouco, a uma política mais flexível. Porém, já em 1962, o célebre discurso de Split deu o sinal de uma vasta campanha contra «o liberalismo pequeno-burguês» e as desigualdades sociais.

O que se chamava, então, na Jugoslávia, a «segunda cruzada» anunciava, a muitos respeito, aquilo que se desenrola hoje. É por acaso que, de cada vez, a ofensiva para o fortalecimento do partido e do seu papel ideológico seguia de perto uma nova espera nas relações com Moscovo!

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Joaquim M. Nunes, Rua Dr. António Martins — ROSSIO AO SUL DO TEJO — ABRANTES

EXCURSÕES CP

Sugerem-lhe MADRID

cidade cheia de atractivos no Outono

- Diariamente, dois estilos de viagem: «Lusitânia-Expresso» (de cama ou «couchette») ou comboio «TER» (ar condicionado, cómodo, panorâmico).
- Hotel incluído em Madrid, transferências, assistência, etc.

PREÇOS DESDE 820\$00

Informações e folhetos descritivos:

ESTAÇÃO DE LISBOA - ROSSIO
ESTAÇÃO DE SANTA APOLÓNIA
RUA DO ARSENAL, 124 - 1.º — LISBOA

Organização tel. 36 75 29

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

DI/GERAL

TEATRO D. MARIA II

Prosseguem, já em escala adiantada, as obras de reconstrução do Teatro Nacional de D. Maria II.

Agora, foi a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais autorizada a celebrar contrato para a execução da empreitada da instalação dos elevadores, pela importância de 2.324.700\$00.

ASTA

A pequena-grande boutique do Hotel Cidadela

CASCAIS — Telefone 283218

CALORÍFEROS A GÁS BUTA-THERM'X

COM PLATINA NO PAINEL

BUTA-THERM'X

O CALOR QUE MAIS AQUECE

AGORA...COM

IGNIÇÃO AUTOMÁTICA!

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c. Esq. (ao Campo Pequeno). Esq. 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

3K

PRENDAS DE NATAL

Rua Pascoal de Melo, 47
LISBOA

CURSO DE BIOQUÍMICA PARA ENGENHEIROS

Termina no dia 31 a inscrição para um programa de treino intensivo em bioquímica para engenheiros, que vai realizar-se, durante oito meses a partir de Janeiro próximo, no Instituto Gulbenkian de Ciências em Oeiras.

—O número de participantes

está limitado a quinze, e o programa destina-se essencialmente a engenheiros químicos recém-licenciados que pretendam alargar os seus conhecimentos de bioquímica e de microbiologia como disciplinas básicas para a engenharia biológica.

VENDE-SE TERRENO PARA APART—HOTEL

— DEBRUÇADO SOBRE A PRAIA DO SUL, NA ERICEIRA.

— PROJECTO APROVADO.

— SITUAÇÃO ÚNICA NA COSTA PORTUGUESA.

INFORMAÇÕES PELOS TELEFONES:

LISBOA, 72 15 85 e ERICEIRA, 13

CONFECÇÕES DARBEL, LDA.



Fábrica de casacos de cabedal e antilope.

No seu fornecedor peça modelos DARBEL, ou então directamente na fábrica, onde encontrará sempre novos modelos e ainda restos de colecções que vendemos por baixos preços.

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-A TELEF. 728800

GERENTE COMERCIAL ADMITE-SE

Que seja dotado de grande experiência e muita iniciativa. Apto a gerir um grupo de firmas nos ramos de importação e comercialização de máquinas de costura e tricotar, electrodomésticos e outros. Lugar de bom futuro. Remuneração garantida anual de 250.000\$00. Guarda-se rigoroso sigilo. Respostas ao Apartado 1421 — Lisboa - 1.

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL

AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELÉF. 727654-727665-713057

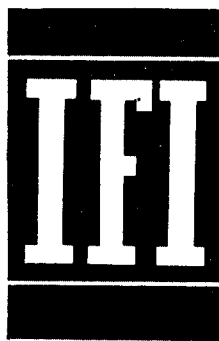
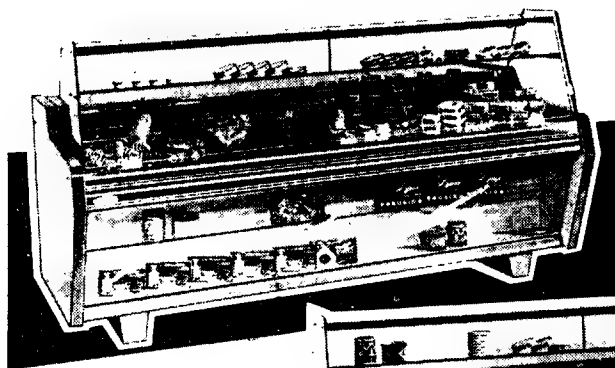


SERVICIO

estação de serviço
peças legítimas
e oficinas
carros novos e usados
com garantia
facilidades
de pagamento,

...e os resultados estão à vista!

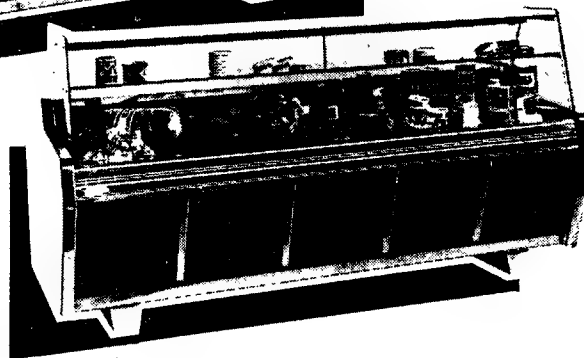
VISTA O SEU ESTABELECIMENTO
PELO ÚLTIMO FIGURINO!



16

MODELOS
DIFERENTES

NOVIMPORTA



Uma equipa de técnicos e de «designers» foram chamados para estudar o figurino das suas vitrinas, de forma a valorizar a decoração do seu estabelecimento!

Assim, as vitrinas, a par da sua avançada técnica, já tradicional, transformaram-se em peças de grande valor decorativo.

Visite-nos,

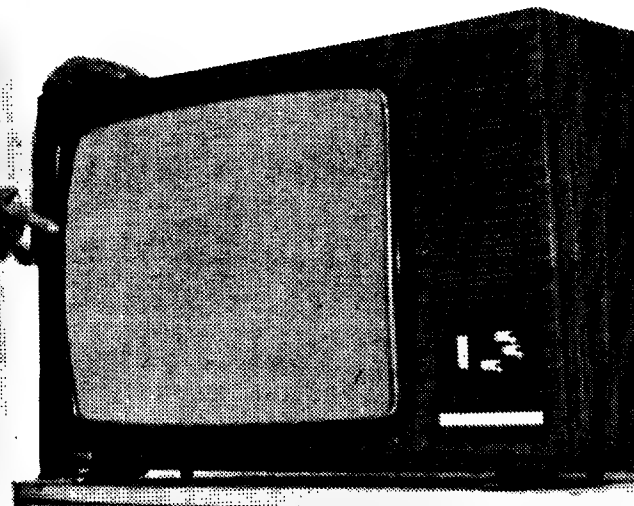
POIS OS RESULTADOS ESTÃO À VISTA!

No nosso Salão de Exposições também poderá apreciar os últimos modelos de Estanteria e Expositores.

Centro Comercial de Importação, Lda.

ESTRADA DA LUZ, 173-A-B-C-D - TELEFONE 782694 - LISBOA-4

os especialistas é que sabem!



GRUNDIG não é apenas uma marca; é uma técnica estudada e conseguida na construção de televisores, que justifica a preferência dos que confiam nos especialistas e explica o porquê da sua longevidade... Construído de dentro para fora — o seu «coração» — é garantia de qualidade e duração!

GRUNDIG

TELEVISORES · HI-FI · RÁDIOS · GRAVADORES

LISTA DOS PREMIADOS NO CONCURSO

"HOMEM QUE LÊ VALE POR TRÊS"

CLASS.	NOME, MORADA E LOCALIDADE	NÚMERO DE LEITOR
485	Joaquim Leite Rua Joaquim Leite, 204-1ª Esqª Porto	16351
486	Joaquim de Lemos Pantoja Rua Pedro Alvares Cabral, 2-D-2ª Barreiro	16353
487	Joaquim Leornado Martins R.P.Vilela Leite, 11-1ª Dtª Castelo Branco	62483
488	Joaquim Leonardo Robalo Rua Manuel Maria Vieira, 4-2ª Alverca	82042
489	Joaquim Lince Branco Nuncio Avª dos Aviadores Alcácer do Sal	16354
490	Joaquim Lino Martins R. Conceição Semeiro Antunes, 4-r/c Esqª C. Piedade	43044
491	Joaquim Lobato Augusto Bacia Rua do Cano, 4 Évora	82043
492	Joaquim Lobo de Miranda Malheiro Tavora Avª Almirante Reis, 239-1ª Esqª Lisboa-1	43045
493	Joaquim Lopes Outeiro Vila Cã Pombal	62484
494	Joaquim Lopes Avª dos Oleiros, 1 Coimbra	62485
495	Joaquim Lopes Fernandes Prisão Sanatorio Guarda	43046
496	Joaquim Lopes Freire Rua de Cruz, 77-2ª Lisboa-3	16355
497	Joaquim Lopes Godinho Travessa Lopo Serrão, 2-1ª Évora	43427
498	Joaquim Lopes Martins Rua Costa Cabral, 542 Porto	62486
499	Joaquim Lopes Mineiro Rua de Vera Cruz, 41-Bairro-Cova Piedade	43428
500	Joaquim Lopes Moreira Bonito Rua Corpo de Deus, 9-3ª Coimbra	16356
501	Carlos Miguel Rico Palhão Avª D. Afonso Henriques, 529 Matosinhos	56005
502	Carlos Miguel Sá Melo Ferreira Alameda D. Afonso Henriques, 64-3ª Dtª Lisboa	76894
503	Carlos Miguel UWS Mancellos Ferraz R. Damaçeno Monteiro, 106-2ª Esqª Lisboa-1	56004
504	Carlos Miranda A. Candido de Figueiredo, 11-r/c-E Lisboa	69876
505	Carlos Miranda Rua da Academia de Stª Amaro, 8-2ª E-Lisboa	80224
506	Carlos Miranda Bile Largo do Municipio, 18 Santarém	7844
507	Carlos Miranda M. Nogueira R. Henrique Seco, 11 Coimbra	7845
508	Carlos Miranda Sousa Dias Rua da Ferreria, 563- Rio Tinto	56006
509	Carlos Monteiro Rua Brancamp Freire, 20-r/c - Lisboa-1	7846
510	Carlos Monteiro Direcção Escolar Setúbal	7847
511	Carlos Monteiro Rua do Castelo Picão, 21-3ª Esqª Lisboa-2	67459
512	Carlos Monteiro Lima Avª Dr. Bernardino da Silva, 41-3ª E Olhão	7848
513	Carlos Monteiro Loureiro Rua Senhora da Glória, 103-c/Esqª Lisboa	89183
514	Carlos Monteiro Vaz Avª Visconde Valmor, 25-r/c- dtª Lisboa	56007
515	Carlos Moreira Duarte Cidial- Rio Maior Rio Maior	7849
516	Carlos Moreira dos Santos Rua Freitas Gzúl, 32-2ª Esqª Lisboa	37957
517	Carlos Moreira Falcão Vivenda Falcão - Bicesse Estoril	76895
518	Carlos Morgado Marques Neto Quinta do Brejo - Cane Verde - Alferrarede	89184
519	Carlos Mota Correia Praceta 12-lote E-30-2ª Esqª Buraca	7850
520	Carlos Mota Pinto Seia	39678
521	Carlos Mota Silva Miranda R. Antonio Maria Pais, 17-2ª Esqª-Moscavide	7851
522	Carlos de Moura Lopes Pintado Estrada da Luz, 116-4ª Esqª Lisboa	37958
523	Carlos Napoleão La Terza Sobrinho Avª Columbano Bordalo Pinheiro, 94-3ª F-Lisboa	7852
524	Carlos Nascimento Girão R. Fausto Guedes Teixeira, 10-2ª Dtª Lisboa-3	7853
525	Carlos Nascimento Rodrigues Rua E-3-lote 436-5ª C Oliveira Sul-Lx-6	7854
526	Carlos Nascimento Ramilhes Avª Combatentes Grande Guerra, 55-2ª Algés	37959
527	Carlos Nelson Ferreira Gonçalves Rua Grémio da Lavoura, 26-3ª Dtª Fogueteiro	89185

CLASS.	NOME, MORADA E LOCALIDADE	NÚMERO DE LEITOR
528	Carlos Nelson da Silva Sousa Estrada da Luz, 130-1ª Esqª Lisboa	37960
529	Carlos das Neves Praceta Damão, 6-r/c Esqª Amadora	56008
530	Carlos das Neves Ferreira Rua de Leiria, lote-2-1ª Esqª Alcobaça	56009
531	Carlos Neves da Silva Avª do Brasil, nº 118-4ª Esqª Lisboa	7855
532	Carlos Nogueira R. Jona P. Simões Alves, L-22-r/c Dtª-Linda-Velha	56010
533	Carlos Nunes Rua da Esperança, 12-1ª Lisboa	37961
534	Carlos Nunes Clemente Rua D. João de Castro, 72-2ª Dtª-Lisboa-3	56011
535	Carlos Nunes Marcos R. Rainha D. Luísa de Gusmão, 8-2ª-E Lisboa	7856
536	Carlos Nunc Bourbon Bobone Avª Alm. Gago Coutinho, 56-1ª Esqª Lisboa	76896
537	Carlos Nuno Judicibus Vidreira Faria (Lisboa) R. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, 13-4ª Dtª	37962
538	Carlos Nuno Terreiro Pais Pereira Fonseca Parque R. Dr. Augusto Castro, lote-11-3ª Esqª Oeiras	56012
539	Carlos Olavo Mesquita R. 5 Pedro de Alcantara, bloco-C-1-3ª Barreiro	73506
540	Carlos Oliveira Rua Alegria, 36-5ª Esqª Lisboa	65645
541	Carlos Oliveira Ferreira Carneiro Pensão Central Abrantes	37963
542ª.	CARLOS OLIVEIRA LOURINHO Av. da Republica, 54-A-1ª - PAREDE	37963
543ª.	CARLOS OLIVEIRA MIRANDA R. do Comercio (Ourivessaria) OLHÃO	92217
544ª.	CARLOS OLIVEIRA PALMA R. das Escolas, 39-Bª Encarnação - LISBOA	80225
545ª.	CARLOS OLIVEIRA RAFAEL R. Herois de Quionga, 41-2ª Esq. - LISBOA-1	7857
546ª.	CARLOS OLIVEIRA RAMOS Av. Cidade de Luanda, 485-6ª Esq. - LISBOA	37965
547ª.	CARLOS OLIVEIRA RAMOS Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 66-s/c-Esq.-LISBOA	89186
548ª.	MARIA RITA ANDRÉ Av. Visconde Valmor, 66-4ª Esq. - LISBOA	51213
549ª.	EUGÉNIA AUGUSTA DE BARROS Estrada da Luz, 114-4ª Esq. - LISBOA-4	75919
550ª.	CARLOS OLIVEIRA SANTOS Mercado Municipal, Loja 39- MATOZINHOS	92218
551ª.	CARLOS OLIVEIRA SILVA R. Monte Abraão, Lto. 236-3ª Dtª. - QUELUZ	7858
552ª.	CARLOS ORNATO GUEDES CORREIA R. Ricardo Jorge, 4-3ª Dtª. - ALVALADE - LISBOA	7859
553ª.	CARLOS ORNELAS Chiadinho-Cais de Alfandega, 25- FIGUEIRA DA FOZ	92219
554ª.	CARLOS OSORIO GONÇALVES MONTEIRO R. do Rosario, 96 - PORTO	7860
555ª.	CARLOS OTERO DA SILVA R. de Timor, 21-1ª - LISBOA	89187
556ª.	CARLOS PAIS Pract. Um-A-Lote, 22-3ª Esq. - BURACA	80226
557ª.	CARLOS PAIS GANDENE Av. Marginal, 62 - ESTORIL	71713
558ª.	CARLOS PAIVA DE CARVALHO R. Portas do Sol, 77-r/c-Esq. - COVILHÃ	37967
559ª.	CARLOS PATRÍCIO FERNANDES BRAGA R. Entre Campos, 18-4ª F - LISBOA	54962
560ª.	CARLOS PALMA COIS Trv. Conde da Ribeira, 12-r/c-Dtª.- LISBOA	37968
561ª.	CARLOS FARALTA R. MONTEIRO Av. de Roma, 85-1ª Esq. - LISBOA	7861
562ª.	CARLOS PAUL PACHECO LINANDA PINTO P. de S. Brás, 443-4ª Esq. - PORTO	37969
563ª.	CARLOS PAULO BARATA SIMÕES R. Dr. Pereira Bernardes, 5-3ª Dtª. - LISBOA	75873
564ª.	CARLOS PEDRO DO CARMO R. de Stª. Barbara, 10-1ª Dtª. - LISBOA	7862
565ª.	CARLOS PEDRO DUANTE GARCIA R. Tristão Vaz, 16-2ª E - RESTELO	89188
566ª.	CARLOS PEDRO FERREIRA SANTOS Bª do Jacinto, Rua 5 nº 16 - ALCANTARA / LISBOA	56013
567ª.	CARLOS PEDRO LUIS RODRIGUES Av. Duque de Loulé, 66-5ª D - LISBOA	67460
568ª.	CARLOS PEDRO OLIVEIRA PORTULEZ Vila Verde - FIGUEIRA DA FOZ	37970
569ª.	CARLOS PEDRO PINHEIRO BRITO FIGUEIRA R. José Ricardo, 7-5ª Esq. - LISBOA	37971
570ª.	CARLOS PEDRO PINTO CARVALHO CANONGIA R. Carlos Mayer, 6-5ª Esq. - LISBOA	56014

A "Taça de Portugal" sem "tomba-gigantes"

Apenas com clubes de plano secundário (poupados os mais cotados ao aparecimento de um «tomba-gigantes») a «Taça» arastou o seu terceiro episódio quase que sem honra nem glória.

Recordemos os resultados, enunciando com maiúsculas os clubes que passaram à nova fase:

ACADEMICA-Almada, 3-0; CASA PIA A. C.-Alba, 1-0; Cova da Piedade-Odivelas, 0-0; GIL VICENTE-União de Leiria, 3-2; LEÇA-Sp. Espinho, 2-1; LUSITANO-Avintes, 4-2; MARINHENSE-Seixal, 1-0; NAVAL-Alhandra, 4-1; PENA-FIEL-Fafe, 1-0; SP. BRAGA-Peniche, 3-0; TORRES NOVAS-Varzim, 2-1; VILANO-VENSE-Gin. Alcobaça, 3-1.

Os embates Penafiel-Fafe e Torres Novas-Varzim careceram de prolongamento. Por seu lado, muito embora se tivesse jogado um tempo suplementar, a partida Cova da Piedade-Odivelas continuou empatado, pelo que terá de ser feito novo jogo, em data a indicar pela Federação.

Agora, segue-se uma longa pausa: a «Taça de Portugal» só volta ao cartaz do nosso futebol domingueiro a 18 de Março do próximo ano, com 11 dos 12

clubes apurados neste fim-de-semana (o outro fica isento, por sorteio...) e, além dos 16 clubes da primeira divisão nacional, ainda os representantes

de Angola (1), Moçambique (1), Cabo Verde e Guiné (1), Açores (1) e Madeira (1), num total de 32 presenças activas e uma «esperada».

Morreu Charles Atlas

Charles Atlas, que em 1922 foi eleito como «o homem de musculatura mais bem desenvolvida» (nos Estados Unidos), faleceu com 80 anos num hospital de Nova York, após longa doença.

Atlas chamava-se na realidade Angelo Siciliano. Emigrou da Itália para os Estados Unidos em 1904, quando tinha 12 anos: era então um rapazinho magro

e sem musculatura que pesava apenas 44 quilos. Um rapaz mais forte, um dia na praia, atirou-lhe areia à cara: e foi então que Angelo decidiu ginastizar-se e desenvolver os músculos, aperfeiçoando o seu próprio método a que chamou de **tensão dinâmica** e consistia em imitar os animais selvagens exercitando os músculos sem precisar de aparelhos ou qualquer outro equipamento.

Depois de ganhar o concurso como «O homem de corpo mais bem desenvolvido do mundo» mudou o seu nome para Atlas por sugestão dos amigos que o comparavam ao deus da mitologia grega.

Alguns anos mais tarde criou um curso de ginástica por correspondência que já teve, até agora, mais de 7 milhões de inscritos.

segurança + rentabilidade + valorização

invista em MIRAFLORES

o maior empreendimento imobiliário do país

gráfico de valorização

Valor em centos	1970	1971	1972	%
950			*	58,5
900			*	50
850				
800			*	33,5
750			*	25
700		*		17
650	*			8,5
600	*			



visite o nosso departamento de vendas:

HABITAT Empreendimentos Imobiliários S.A.R.L.

MIRAFLORES (Algés) Tels. 215756 - 216749 - 216788

TOTOBOLA

Lusit. Évora - Avintes	A
C. Piedade - Odivelas	X
T. Novas - Varzim	X
Naval-Alhandra	A
Braga - Peniche	A
Leça - Espinho	X
G. Vicente - U. Leiria	A
Penafiel-Fafe	X
Atalanta - Palermo	A
Florentina - Roma	A
Nápoles - Milan	X
Sampdoria - Bolonha	A
Verona-Cagliari	X

Corridas de S. Silvestre

O atletismo continental estará presente, neste final de ano, em quatro competições. Carlos Lopes correrá em Luanda (Angola); Carlos Tavares em São Paulo (Brasil); Morujo Júlio, Américo Barros, Vasco Pereira e Francisco Assis no Funchal (Madeira) e Fernando Mamede e Aniceto Simões em Madrid (Espanha) todos nas tradicionais provas de São Silvestre.

AGENCIA ADPEU
PASSAPORTE
Av. Liberdade 160

CAMISAS POR MEDIDA

O seu gênero a seu gosto
Hirondelle

R. Pedro Nunes, 39
(Ao SALDANHA)

DL/DESPORTOS

EM TODAS

BASQUETEBOLE: Para o Campeonato Regional lisboeta feminino, jogam-se esta noite os desafios Internacional-Nacional, Algés-Benfica e Sporting-Encarnação, todos no Pavilhão da Ajuda.

ELEIÇÕES: Na noite de 3 de Janeiro, na Associação de Andebol de Lisboa, para escolha de novo elenco directivo.

ALMADA: Nova sede do clube mais prestigioso da localidade.

de. Fernando Paixão e Juvenal Guerreiro, dirigentes do Almada Atlético Clube, usaram da palavra para saudar as entidades oficiais que compareceram ao acto.

VELA: José Manuel Quina (Finns), Afonso Santos-Helena Santos (Sharpies), Carlos Gil-Francisco Mourão (Snipes), Francisco Lufinha-Norton Reis (420), Joaquim Teixeira, Casimiro Madaleno e Jorge Campos (Vougas), Justino Ramos, João

Ribeiro (Vauriens), Mário Lourenço (Moths) e João Galvão-António Meneses (Cadetes) distinguiram-se nos «Torneios de Natal» realizados no Rio Tejo.

ITÁLIA: Mais uma jornada do campeonato de futebol, com o jogo Inter-Vicenza suspenso aos 68 minutos devido a nevoeiro, quando o Inter ganhava por 1-0. Outros desfechos: Atlanta,

1-Palermo, 0; Fiorentina, 2-Roma, 1; Juventus, 2-Ternana, 0; Lazio, 0-Torino, 0; Napoli, 0-A.C. Milan, 0; Sampdoria, 2-Bologna, 1; Verona, 1-Cagliari, 1.

MAIS DE CINCO MIL NOTAS!

A vida tem destas coisas e o totobola tem dado uns «empurrões» valentes, mas este entrou na história como o maior de sempre, até ao momento. Foi há algumas semanas atrás, como toda a gente estará lembrada, que, no concurso n.º 12, um felizardo conseguiu o único «treze» da semana e essa proeza valeu-lhe o prémio que constitui «record» de todos os tempos: a «bagatela» de quase cinco mil e trezentos contos (!). Agora, o totobola efectuou o respectivo pagamento e o sr. António Ferreira da Silva olha para os volumosos pacotes de notas sem saber bem por que ponta há-de começar a contá-los...

Aos quarenta e oito anos de idade, o sr. Silva vê aparecer-lhe na vida este grande «problema»: ser cinco vezes (!) milionário e arranjar processo de «arejar» a «massa» que parece nunca mais acabar... Já começou:

— Olhe, eu não tinha carro, utilizava um automóvel da empresa onde trabalho desde os meus doze anos. Claro que já comprei um para mim e comprei, também outro, que vou oferecer à minha filha que se vai casar. Também achei conveniente tornar-me proprietário de uns lotes de terreno e comprei três, pertinho do campo de futebol do Tirsense.

Recorda-se que o sr. António Ferreira da Silva vive e trabalha (é empregado de escritório, mais precisamente chefe do Contencioso de uma unidade fabril) em Santo Tirso, é casado, tem quatro filhos (o mais velho já com vinte e dois anos) e é adepto do Tirsense. Jogou com múltiplas (216 apostas) e aplicou um «x» fixo no seu clube. O Tirsense jogava, em «casa», com o Oliveirense e só a cinco minutos do fim conseguiu o empate...

— Foi o Manuel, se ele não faz aquele golo, eu não seria milionário...

... Será que o futebolista Manuel vai receber umas «broas»?



O CONCURSO DESTA SEMANA

SPORTING- F. C. PORTO

Depois de uma trégua de Natal em que houve lugar para tudo até para uma jornada de Taça voltam os Campeonatos Nacionais da I e da II Divisão, aquele a chegar agora à sua fase decisiva, com o início, esta semana, da segunda volta, e este a caminhar para a jornada número quatorze.

Teremos assim o esquema habitual neste Concurso n.º 17: sete jogos da I Divisão e seis da II, dos quais dois da Zona Norte e os quatro restantes da Sul.

1 — MONTIJO-ATLÉTICO — Com 11 pontos (4 derrotas, em casa, todas por 1-0) o Montijo ocupa o 12.º lugar. O Atlético, com 7 pontos, ocupa o último lugar, de parceria com o União de Coimbra, e na primeira volta foi já derrotado pelo seu adversário de agora por 3-1. Outro pormenor: em toda a primeira volta o melhor que a equipa da Tapadinha conseguiu fora de casa foram dois empates, em Aveiro e em Faro. Vitória muito provável, pois, para os montijenses, apesar da recuperação (lenta) agora iniciada pelo Atlético.

2 — LEIXÕES-BENFICA

Com 17 pontos o Leixões é, sensacionalmente, 5.º classificado, em igualdade de situação com os dois Vitérias — o de Guimarães e o de Setúbal. Mas se os matosinhenses (uma única derrota em casa, e essa mesmo na já distante jornada n.º 4) estão a fazer um Campeonato de brado, o Benfica está tão espectacular que acaba de cometer a proeza de chegar ao termo da primeira volta sem ter perdido um simples ponto que fosse. 2.º símbolo «2».

3 — BEIRA-MAR FARENSE — Duas equipas que, separadas por um ponto, na circunstância favorável aos aveirenses (10 contra 9) seguem na zona dos aflitos. O Beira-Mar, fosse pela saída de Ramim, fosse lá por que fosse, tem feito, ultimamente, melhores resultados, ainda que sem ter atingido um plano

aceitável. Farense, fora de casa, limitou-se a fazer até agora um único ponto. Ganham os aveirenses.

4 — UNIÃO DE COIMBRA-UNIÃO DE TOMAR — União de Coimbra, é último, com 7 pontos; União de Tomar é 11.º, com 11, e é também das tais equipas que fora de casa raro pontuam — um único empate, nessa circunstância, feito até à data. Muita atenção, todavia: a equipa de Coimbra venceu um único jogo em todo o Campeonato, facto ocorrido na jornada n.º 2, e que teve por cenário o Calhábé. Daí para cá o melhor que a turma de Andrade conseguiu na situação de visitada foram dois empates. Jogo, pois, para «dupla» «1X».

5 — SPORTING-PORTO — Nas Antas, no jogo da primeira volta, os «leões» conseguiram

uma vitória a ferros que se cifrou, claro, pela margem tangerencial. Agora os factos não devem sofrer alteração, já porque o Sporting beneficia do factor casa (o jogo não se disputa em Alvalade, é certo, mas joga-se em todo o caso em Lisboa) já porque o Porto (8.º lugar e 15 pontos feitos noutros tantos jogos) continua a fazer uma carreira extremamente irregular e bastante, mesmo bastante, modesta. Símbolo «1».

6 — BARREIRENSE-SETUBAL — Barreirense é 10.º classificado, com 12 pontos, e se é certo que em casa ainda só se deixou derrotar duas vezes, uma das quais, aliás, às mãos do Benfica, é verdade também que nessa situação só venceu duas vezes, aliás a adversários tão modestos quanto o São de União de Coimbra e o Farense. Setúbal vai no grupo dos quintos, com 17 pontos e apenas venceu um jogo fora, no Barreiro, frente à CUF. E «dupla»: «X2».

7 — BELENENSES-CUF — Belenenses é 2.º classificado, com 22 pontos, e o pior resultado que apresenta no Restelo é um empate frente ao Sporting; CUF, com 16 pontos, segue em 8.º lugar e apresenta uma única derrota fora. E, pelo menos, «dupla»: «1X».

8 — SALGUEIROS-FAFE — Salgueiros, com 10 pontos, (apenas 4 perdidos em casa) ocupa o antepenúltimo lugar na Zona Norte da II Divisão; Fafe é 2.º, com 19, e apresenta uma única derrota fora. Jogo com tendência para empate.

9 — TIRSENSE-PENAFIEL — Tirsense é penúltimo com 9 pontos; Penafiel é 7.º com 12. A equipa de Santo Tirso, na situação de visitada, apenas venceu um jogo mas também só perdeu uma vez. Penafiel, fora, nunca ganhou mas já empatou duas vezes. E símbolo «1».

10 — SINTRENSE-OLHANENSE — Duas equipas empatadas

em pontos e que agora caminham no grupo dos terceiros. A equipa de Sintra, depois de um início de época incerto em que não conseguiu uma única vitória em casa até à jornada n.º 6, parece ter acertado o passo pois venceu os últimos três jogos que no seu campo disputou. Olhanense tem situação idêntica: perdeu os três primeiros jogos que fez agora, venceu os dois seguintes, e empatou o último. Jogo equilibrado, enfim, em que o Sintrense parece justificar leve favoritismo.

11 — SACAVENENSE-ORIENTAL — Sacavenense é penúltimo, com 9 pontos, e perdeu os dois últimos jogos que disputou em casa. Oriental, com 17, caminha no grupo dos terceiros e se só conseguiu uma vitória fora do seu ambiente a verdade é que não perdeu também mais do que dois jogos. «Dupla»: «X2».

12 — SESIMBRA-MARINHENSE — Sesimbra, com 13 pontos, segue em 8.º lugar e ainda na última jornada foi vencer espectacularmente a Peniche por 3-0; Marinhense, com 19;

é primeiro. Sesimbra, em casa, de seis jogos que leva disputados, venceu três e empatou dois; Marinhense, fora, não perde há quatro jornadas. «Dupla»: «1X».

13 — COVA DA PIEDADE-PENICHE — Com 11 pontos o Cova da Piedade é 10.º; Peniche leva mais dois e é 9.º. A equipa da Cova da Piedade ainda só venceu um jogo em casa — mas empatou três. Peniche, por seu turno, nunca venceu fora mas empatou por quatro vezes. A tendência parece ser aqui também para empate.

Concurso n.º 18 7-1-73

- 1 CUF - Montijo
- 2 Guimarães - B Mar
- 3 Farense - U. Coimbra
- 4 U. Tomar - Sporting
- 5 Porto - Barreirense
- 6 Setúbal - Belenenses
- 7 Riopelle-Espinho
- 8 Sanjoanense-Varzim
- 9 G. Vicente - Académ
- 10 U. Lamas - Famalicão
- 11 Almada - U. Leiria
- 12 Portimon - Sintrense
- 13 T. Novas - Sesimbra

VAMOS FALAR DE SISTEMAS...

Uma «sociedade» de Nova Lisboa, Angola pede-nos o sistema de seis triplas e três duplas com a única condição de nas triplas saírem quatro símbolos «1». Acertando nos «fixos» e nas duplas e verificada aquela condição, nas triplas, obtêm-se treze resultados certos. Se nas triplas saírem três ou cinco símbolos «1» joga para o doze.

TRIPLA	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	X2	X2	X2	X2	X2
TRIPLA	1	1	1	1	1	1	X2	X2	X2	X2	1	1	1	1	X2
TRIPLA	1	1	1	X2	X2	X2	1	1	1	X2	1	1	1	1	X2
TRIPLA	1	X2	X2	1	1	X2	1	1	X2	1	1	1	X2	1	1
TRIPLA	X2	1	X2	1	X2	1	1	X2	1	1	1	X2	1	1	1
TRIPLA	X2	X2	1	X2	1	1	X2	1	1	1	X2	1	1	1	1

DUPLA	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X
DUPLA	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X
DUPLA	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X

O desdobramento faz-se, portanto, em 15 boletins de 32 apostas sendo o seu custo de 960\$00. As duplas apresentam-se para 1-x mas podem ser alteradas para 1-2 ou x-2 sem que isso modifique as garantias do sistema.

Nas épocas anteriores...

Nos Concursos n.º 17 das onze épocas anteriores verificaram-se as seguintes «chaves»:

1961-62	12X	11X	X2X	1111
1962-63	111	X21	X21	X1X1
1963-64	2X1	211	1XX	X122
1964-65	X22	112	X11	1X11
1965-66	11X	22X	111	X12X
1966-67	211	X21	111	212X
1967-68	211	XX1	X21	X111
1968-69	2X1	2X1	2XX	1112
1969-70	21X	111	11X	1X12
1970-71	122	112	X12	2111
1971-72	111	121	1X1	X111

- No jogo n.º 11 nunca saiu o símbolo «2» e nas duas últimas épocas não apareceu nenhum símbolo «X» nos seis primeiros jogos;
- Note-se a fraca tendência para «X» de todos estes Concursos;
- No jogo n.º 12 o símbolo «1» está a tornar-se «permanente».



MANECAS: ORDEM PARA ENTRAR

Com o número 16 nas costas e sob a ordem autoritária de Ronnie Allen, o angolano Manecas fez, finalmente, a sua estreia oficial no Sporting, jogando durante largo período da segunda parte do jogo com o Belenenses, na «Taça de Honra». Nem deslumbrou, nem desiluiu. Confirmou (apenas) o que

dele já se vira e que parece ser, de momento, o único possível: mexe bem na bola, sabe fintar e correr, mas carece totalmente de condição física para aguentar o choque e disputar a bola na grande área, contra defesas possantes que utilizam o corpo e não usam apenas da técnica para ganhar jogadas. Também se

lhe nota ausência total de sentido de jogo colectivo. Quando a bola está atrás de si, nos pés dos médios, foge rapidamente para a grande área, para junto dos pontas de lança, levando consigo o defesa que o marca e aumentando ainda mais a confusão à frente da baliza. Para além de lhe ser necessário ganhar peso, Manecas precisa que alguém lhe ensine a «abrir jogo», a desmarcar-se, a fugir para a ponta e esperar o passe onde há menos defesas a onde são maiores as possibilidades de êxito, para si e para a equipa. Em suma: que o ensinem a jogar como extremo direito, aquilo que efectivamente é.

Já se fazem contas para o Mundial-74

De 13 de Junho a 7 de Julho de 1974, 16 selecções nacionais disputarão em nove cidades da República Federal da Alemanha o título mundial de futebol, actualmente em poder do Brasil. Como responsável pela organização do torneio, a Federação Alemã de Futebol espera que surjam 2,3 milhões de espectadores nos estádios: um novo «record» no Mundial.

Não serão pequenos os investimentos exigidos pelo Campeonato. De acordo com os dados mais recentes, os custos para a construção e ampliação de estádios nas nove cidades sobem a 247 milhões de marcos.

Entretanto, o preço dos ingressos não são tão elevados como por ocasião dos Jogos Olímpicos (em Munique) está prevista uma receita de 44 milhões de marcos com a venda de bilhetes: o bilhete mais caro (o do jogo da final) não deverá custar mais de 800 marcos. Todavia, será o ingresso mais caro

jamais vendido para um jogo de futebol na República Federal da Alemanha.

AGRADECIMENTO DA FEDERAÇÃO DE ATLETISMO

Da Federação Portuguesa de Atletismo (e dirigido ao nosso director) recebemos um ofício onde nomeadamente se lê:

«Terminado o seu mandato, a Direcção cessante desta Federação, que no decurso da sua Gerência seguiu muito atenta todo o serviço informativo e noticiosos dedicado pelos órgãos de Informação à promoção do atletismo, testemunha a V. Ex.ªs o alto apreço por que foi considerado esse inestimável serviço, reconhecido até como elemento fundamental na consecução de todo o trabalho realizado, e pede aceitem a expressão do seu mais vivo agradecimento.»

EM DEFESA DO SINDICATO DE TREINADORES DE FUTEBOL

Ultimamente tenho assistido a polémicas entre o Sindicato Nacional dos Treinadores de Futebol e alguns dos seus filiados, questões que me têm chocado, pois não me parece conveniente trazerem-se a público assuntos meramente internos, que destacados dos locais e dos círculos onde deveriam ser discutidos, só criam confusão nos espíritos.

Vem isto (sobretudo) a propósito duma entrevista dada por Angelo Martins, seguida de um comunicado de alguns treinadores que pensam levar por diante uma remodelação no Sindicato.

Não venho a terreiro defender o Sindicato Nacional dos Treinadores (organismo a que tenho a honra de pertencer) nem atacar os distintos colegas que iniciaram a campanha de remodelação. O que se passa é que, na classe dos treinadores profissionais de futebol, impera um comodismo doentio que leva a maioria a nada fazer de positivo e quando pensa fazer alguma coisa, logo salta de espaldas bem afiada para ferir todos os demais, ainda que o não mereçam.

José Fernandes, actual e único presidente do Sindicato, tem-se prejudicado altamente apenas por zelar pelos interesses de todos nós, pois como colega de profissão passou a ser uma pessoa não grata à totalidade dos clubes e até a alguns organismos oficiais. O que é compreensível em face do modo como são encarados em muitos os dirigentes sindicais.

O que me repugna é a classe de treinadores, que na grande maioria tanto lhe deve, enfileirarem muitos distintos colegas entre os seus detractores.

José Fernandes, na qualidade de treinador de futebol e ao assumir a presidência do Sindicato, cerceou a possibilidade de voltar a dirigir equipas, com incalculável prejuízo para a sua vida. E, qual é a paga que recebe? Virem-no publicamente difamar?

Não quero, com isto, afirmar que José Fernandes não tenha cometido erros. Agora virem publicamente pedir contas, acusar José Fernandes de ter permitido a invasão de treinadores estrangeiros, acusá-lo (ainda) de tantos e tantos indocumentados exercerem a profissão, acho que é demasiadamente ingrato para o homem que, bem ou mal, tanto tem lutado pela classe. Perfilhando o sentido de honestidade para com os meus leitores, não poderia (por princípio algum) deixar de os informar que José Fernandes não é o homem mau que alguns querem fazer crer. Pelo contrário: muito cala ele...

O Sindicato Nacional de Treinadores de Futebol tem à volta de 400 filiados e apenas cerca de um quarto zelam efectivamente pelos seus interesses, o que me parece degradante. Mais ainda: não posso compreender como é que pessoas que não têm voto no Sindicato, por razões várias, levantam problemas à classe, difamando um homem

que parecer ser o único não comodista, entre os tais 400 filiados. Os outros, falam e discutem, mas candidataram-se para o elenco directivo do Sindicato é que não! Bem sabem quanto trabalho teriam de dispendir e os prejuízos que certamente viriam a sofrer... Em suma: é doloroso desprestigiar assim um organismo a que todos pertencemos e que merecer ser respeitado.

Como sócio em pleno gozo das minhas regalias e das minhas obrigações, estarei com a máxima atenção ao que se passar nas futuras eleições, para verificar se, na verdade, os homens se respeitam a si próprios ou apenas procuram através da imprensa lançar a confusão numa classe que, já por si, é bastante confusa ante uma análise menos profunda.

Também já vi escrito que não se prestam contas no Sindicato. Mas, acaso algum dos que tal disse ou escreveu perguntou se as cotizações actuais são suficientes para as despesas de manutenção?

Meus caros colegas: vamos raciocinar friamente e dignificar a profissão, o Sindicato e os seus directores, para que nos possamos orgulhar de ser treinadores de futebol. E que, até aqui, o tenho ouvido parece-me conter muita parra mas muito pouca uva...

ANTONIO MEDEIROS
(Treinador de futebol)

Dual ALTA FIDELIDADE EM TODOS OS TONS...



- ★ Amplificadores
- ★ Gira-discos
- ★ Sintonizadores
- ★ Colunas de altifalantes

Dual

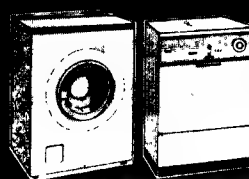
REVENDEDOR AUTORIZADO:

IMPERLUZ

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 172

QUALIDADE
PRESTÍGIO
GARANTIA

CASTOR



UMA LINHA INTELIGENTE
PARA GENTE EXIGENTE
- VEJA OS NOVOS MODELOS -
- MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
- MÁQUINAS DE LAVAR LOUÇA
- FRIGORÍFICOS
- SÃO REALMENTE SENSACIONAIS!
- A VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: RAFAEL BURGUETE, LDA. LISBOA - PORTO

cinemas

LISBOA

AJUDA
Moura, Travessa da Memória, 55 (Telef. 630944).

ALCANTARA
Bairro, R. Prior do Crato 25 (Telef. 661321); Biotfar, Rua D. João de Castro 27-B (Telef. 638824).

ALVALADE
Zil, Av. da Igreja, 8-D (Telef. 711780); S. João de Deus, Rua Pedro Ivo, 1-A (Telef. 725140); Roma, Avenida de Roma 85-A (Telef. 772468).

ANJOS
Confiança, Avenida Almirante Reis 46-A (Telef. 821653).

AREIRO
Garantia, Rua Padre Manuel da Nobrega, 5-A (Telef. 727300); Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (Telef. 726860).

AVENIDA DA LIBERDADE
Fernandes Rua de S. José, 187 (Telef. 326476).

AVENIDAS NOVAS
Alcantara, Avenida da República, 74-A (Telef. 773043); Vale, Avenida Marques de Tomar, 47 (Telef. 773043); Dália, Avenida Duque de Avila, 125 (Telef. 45225).

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascesso, Praça do Norte, 11 (Telef. 311216).

BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, R. B 75-A (Telef. 683694).

BAIXA
Azevedo, Rossio 31 (Telef. 327478).

BENFICA
Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros (ex-Rua C. à Rua da Casquinha), 28-A (Telef. 708242); União Estrada de Benfca, 592 (Telef. 700092); Alegria, Estrada de Benfca, 180-A (Telef. 780511).

CAMINHOS DE FERRO
Frazão, Rua da Cruz de Santa Apolonia 90 (Telef. 847019).

CAMPOLIDE
Pinto, Rua de Campolide, 11 (Telef. 682610).

CAMPO DE OURIQUE
Nobel, Rua de Infantaria 16, 98-B (Telef. 688907); União, Rua Saraiva de Carvalho 145-F (Telef. 663643).

CASTELO
Ziler, Rua S. Tomé 54 (Telef. 862835).

CHELAS
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Telef. 382241).

ENTRECAMPOS
Alcantara, Av. da República 4-A (Telef. 77379).

ESTEFÂNIA
Mundial, Largo de D. Estefânia 10 (Telef. 45578).

ESTRELA
Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo 66-B (Telef. 666971).

LAPA
César, Rua das Trinas, 102 (Telef. 662631).

LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 75 (Telef. 780480); Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (Telef. 971131).

OLIVAS
Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (Telef. 311237).

PENHA DE FRANÇA
Vitalis, Rua Morais Soares, 66-A (Telef. 848011).

PICHELEIRA
Luzmar, R. João Nascimento, Costa, 16-A (Telef. 728395-720703).

POÇO DO BISPO
Freitas, Rua Zofimo Pedroso 11-13 (Telef. 381136).

REGO
Bactista, Rua Francisco Tomás Costa, 3-C (Telef. 771873).

SANTO AMARO
Correia de Azevedo, Rua Luis de Camões, 42-B (Telef. 638625).

S. BENTO
Moz Teixeira, Rua do Poço dos Negros, 115 (Telef. 679961).

S. MAMEDE
Albano, Rua da Escola Politécnica 59 (Telef. 326750).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1 (Telef. 48642); Sousa Martins, R. Sousa Martins 25 (Telef. 55468).

XABREGAS
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Telef. 382241).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 2341000); Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020).

ALMADA
Magalhães, R. Capitão Leal, 8-A (Telef. 270242).

BAIXA DA BANHEIRA
Alfama, Est. Nacional, 174 (Telef. 224302).

BARREIRO
Modena, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (Telef. 2273443).

COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (Telef. 270121).

MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029).

MONTIJO
Moderna, R. Builho Pato, 60 Z (Telef. 230156).

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Telef. 229471).

SETUBAL
Bocagense, R. do Romeu (Telef. 23429).

Bairros, B.º Santos Nicolau (Telef. 23330).

BEIXAL
GGodinho, L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I-Lote 146-Bº Janeiro (Telef. 932756); Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (Telef. 932210); Igreja, P. da Igreja, 22-A (Telef. 937740); Jardim, Av. Conde de Oeiras, LojaX-1-Reboleira (Telef. 938424).

DAMAIA
D. João V - Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telef. 970461).

VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Telef. 972530).

QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (Telef. 950045); Correia, L. do Mercado, 3 (Telef. 950906).

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181).

MEM MARTINS
Quilma, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456).

SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Telef. 980832).

COLARES
Colares, Abreja (Telef. 299088).

9.º TURNO

SUB-TURNO A
Barreiros, Rua de Serpa Pinto, 8, Martino, Sucr. Praça Mar. Pombal, 122; Pombal, C. (da), R. da Pátria, 152; Prelada (Má), R. Central de Francos, 316; S. Roque da Lameira, S. Roque Lameira, 1111; Sá da Bandeira, Rua Sá da Bandeira, 236.

SUB-TURNO B
Ameal, R. do Ameal, 1227; Campo Alegre (do), R. do Campo Alegre, 723; Ferreira da Silva, Rua dos M. da Liberdade, 150; Península, Rua Chã, 100-102; S. Lázaro, Av. Rod. de Freitas, 297.

COIMBRA

TURNO D
Solum, Rua Carolina Michaelis, 20-tele. 33120; Nazaré, R. Ferreira Borges, 135-139-tele. 22605; S. Isabel, Av. Sá da Bandeira, 28-tele. 24916.

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.00 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
9.ª Semana de êxito «UM VIO-LINO NO TELHADO». Ecran gigante, som estereofónico de quatro bandas magnéticas

SATELITE 9tel. 562632
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo C - 14 anos) 5.ª Semana
A teoria e a prática do cinema aplicado na História «ALEXANDRE NEVSKI» de Eisenstein com Nicolai Tchekassov

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
As 15.15 - 18.30 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
«O JUIZ ROY BEAN» De justiça em injustiça impõe a sua lei. Com Paul Newman, Jacqueline Bisset e Ava Gardner. Color. Metro Alvalade

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.15 e 21.30
(Grupo C - 14 anos) 4.ª Semana
A obra-prima de Robert Rossellini «A TOMADA DO PODER POR LUIS XIV» (Metro-Alameda)

BERNA (Tel. 776098)
As 21.30 Horas - 20.ª Semana!
A Paramount Apresenta «O PADRINHO» Grupo D 18 anos
Hoje às 15.15 e 18.30 um maravilhoso Presente de Natal Grupo A 6 anos O COMBOIO QUE LEVAVA SAUDADES com Dinah Sheridan

CASINO ESTORIL (Tel. 264621/264948)
17.00 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«O PADRINHO».

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«CURVAS NA ZONA» e em complemento «BLUE».

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
Grupo D 18 anos 2.ª SEMANA
Estancolor Ele joga à sua maneira... Ela joga por fora... MEU MARIDO ESSE DESCO-NHECIDO com Kirk Douglas e Marlene Jobert

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo B - 10 anos)
«A COLINA DOS SARILHOS» Com Terence Hill e Bud Spencer (Colorado)

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.30 - 21.30
(Grupo D - 18 anos) 3.ª Semana
Alfredo Landa, Silva Koscina e Ira Fustenberg em «NAO DESEJADAS A MULHER DO DELICADINHO» Um escândalo em graça brejeira

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
2.ª Semana
Walt Disney apresenta «SE A MINHA CAMA VOASSE» Technicolor - Grupo A (6 anos)

EUROPA (Tel. 661018)
15.15 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
Um filme de Richard Brooks «OS PROFISSIONAIS» com Burt Lancaster, Lee Marvin, Jack Palance e Robert Ryan As 18.15 para toda a pequenada (Grupo A - 6 anos)
«VIVER LIVRE»

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B-10 anos) 2.ª Semana
O inimitável Cantinflas em «OS 3 MOSQUITEIROS».

CONDES (Tel. 322523/326710)
4 sessões diárias - 14 15-16.30 18.45 e 21.45
(Grupo B-10 anos) 2.ª Semana
A loucura feita cinema Louis de Funès e Yves Montand têm «A MANIA DAS GRANDEZAS».

S. JORGE (Tel. 54153/4)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
Charles Bronson «O MECÂNICO» Um Bronson sensacional!

LYS (Tel. 48560)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«ATÉ A MATERNIDADE» e em complemento «COLTS PARA OS SETE MAGNÍFICOS» (Metropolitano-Intendente)

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
As 15.30 - 18.30 e 21.30 Grupo A 6 anos «INIMITÁVEL! INESQUECÍVEL! LUZES DA CIDAD» com Charles Chaplin 2.ª Semana.

LONDRES (Tel. 731313)
14.00-16.30-19.00-21.45
Grupo D 18 anos
Colorado - A Estrela do ano Liza Minnelli 5.ª Semana CABARET (Adeus Bertine)

MUNDIAL (Tel. 538743)
18.30 e 21.45
Grupo D 18 anos 11.ª Semana
Triunfal do maior êxito de gargalhada de todos os tempos, com Lino Ventura e Jacques Brel «AVENTURA AVENTURA» um filme colorido de Claude Lelouch

APOLLO 70 (Tel. 763319)
15.00 - 18.15 - 21.45
Grupo D 18 anos Genial «O Grande Conquistador» com Wood Allen

AVIZ (Tel. 47183)
15.30 e 21.45
B 10 anos 48.ª semana «Record de exibição em Portugal!» «TRINITA» - Cow-boy insolente com Terence Hill e Bud Spencer color-Scope

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 e 21.45
(Grupo C - 14 anos)
Um filme de Richard Brooks «OS PROFISSIONAIS» com Burt Lancaster, Lee Marvin, Jack Palance e Robert Ryan

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«A FÚRIA DA RAZÃO» e em complemento «A VIDA ÍNTIMA DE QUATRO MULHERES» As 00.30 (Grupo D - 18 anos)
«O CAIXÃO»

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45
Estancolor - Grupo D 18 anos
Louis de Funès e Yves Montand têm «A MANIA DAS GRANDEZAS»
A Loucura feita cinema.

LEIA O JORNAL

motor

BARS BOITES

RESTAURANTES TIPOS

DANCINGS

PRINCEPE NEGRO — Dancing com variedades Calçada da Glória, 2 Telef. 389967

EL CID — Dancing com o conjunto «X 4» Rua Bernardo Lima, 18-A (Ao Conde Redondo), Tel. 585338

FANTASMA — Dancing-Caveau com variedades «Ballet Leny Dancer's Show todas as noites uma atracção surpresa. Rua Gomes Freire, 145-B. Aberto todos os dias até às 05.00

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinees» todos os dias. Encerra aos domingos. Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.

D. QUIXOTE — António Alberto (To-Bé), Virgílio gneves, Alberto até às 5 h da madrugada. Rua da Trindade, 9 Tel. 327109. Encerra aos domingos.

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.

SANZALA — Dancing. Duo Ouro Negro e Conjunto Blackground. Jantares e ceias até às 5 da manhã. Av. Marechal Carmona, 2 (C. Grande) Telef. 790177.

NINA — Dancing com atracções Rua Paiva de Andrade, 7-13 Tel. 4699/36197

IDEGA MACHADO — Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amoador, Tina Ferreira, Fernando Maurício Fados de Coimbra por Loubet Liberto Conde, Rafael Marques e José Vitela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

LUSO — Grande elenco de folclore, lado de Lisboa por Augusta Ermininda e José Luis Tomar; lado de Coimbra por Américo Silva. Em fado castiço Cristina Maria Travessa da Queimada, 10 Tel. 362889. Aberto todos os dias.

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana. Tocam: Carvalhinho e Júlio Gomes. Os Arautos. Folclore pelos Cinco. Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra às 2.ª feiras. Rua de Barroca, 133 Tel. 369760

FRAGATA REAL — Maria Valejo, Maria João Nelo e Joaquim Campos em Fado Lisboa, João Queiroz em Fado Coimbra, acompanhamento de António Barreira e Francisco Gonçalves. Artistas convidados Ana Roam-ninho, Natália Desojos e João Cabral. Trav. S. Miguel, 22-A-Nama-Tel. 665552

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.

FORCADO — Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. Ar condicionado. Rua da Rosa, 221-Telefone 368579.

BICO DOURADO — Boite de nuit, atracções internacionais, das 01 H. e 30 às 03 H. e 30, R. da Misericórdia, 12 Tel. 368649.

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia Silva, hoje e sempre Largo Trindade Coelho n.º 10 Encerra aos domingos Tel. 368649

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais Telefones 26426, 26428, 26458, 26461 e 26466.

CLUB 107 (Boite) — Rua da Madalena 107, Lisboa-Tel. 660078.

FONTORIA — Dancing. Música constante. Variedades internacionais. Rua de Alegria, 66 Tel. 35431

SAN-PAYO Bar-boite c/ música constante. Aberto até às 5 h da madrugada. Rua Rodrigues Sampaio, 34 Tel. 861482. (Ar condicionado).

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

COLISEU
21.30 (10 anos)
«Grande companhia de circo do Natal»

TEATRO MUNICIPAL S. LUIS
21.45 (14 anos)
«MISSA LEIGA»

VARIEDADES
20.45 e 23.00
«A cama dos comuns»

A. B. C.
20.45 (18 anos)
«E o fim da macacada»

VILLARET
21.45 (14 anos)
«Sua Excelência, o Pendura»

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«O princípio e o fim»

COMUNA
21.45 (14 anos)
«Para onde is?»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (10 anos)
«A Bíblia»

OLYMPIA
19.00 (10 anos)
«Sartana no vale dos Abutres»

JARDIM CINEMA
21.30 (10 anos)
«Zeppelin»

MAYER
21.00 (18 anos)
Morre, monstro, morre»

CINEARTE
21.00 (14 anos)
«Um homem na solidão»

LINHA DE CASCAIS

PADEIRA
Royal-cine
21.15 (14 anos)
«A Fúria de viver»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recados Desportivos
21.15 (14 anos)
«O Direito de vingança»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (14 anos)
«A Solteirona»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«Tarzan e os piratas»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«Vidas cruzadas»

PORTO/Cinemas

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Que se passa doutor»

TRINDADE
21.30 (14 anos)
«Um violino no telhado»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«O desafio de Pancho Vila»

JÚLIO DINIZ
21.30 (10 anos)
«Trinitá - Cowboy insolente»

RIVOLI
21.30 (10 anos)
«A mania das grandezas»

S. João
21.30 (10 anos)
«Se a minha cama voasse»

ESTÚDIO
21.30 (10 anos)
«Luzes da cidade»

ÁGUA D'OURO
21.30 (14 anos)
«As grandes manobras»

PASSOS MANUEL
21.30 (14 anos)
«Melody»

OLIMPIA
21.30 (10 anos)
Cantinflas em «Os Três Mosquiteiros»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (10 anos)
I Festival Internacional de Magia

COLISEU
21.30 (6 anos)
«Circo Hungria de Budapeste»

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (10 anos)
«A grande evasão»

GIL VICENTE
21.00 (14 anos)
«Até à maternidade»

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Quatro moscas de veludo»

3 DIAS NO ALGARVE E CEIA FIM-DE-ANO EM LAGOS

* Partida da estação de Lisboa-T. Paço às 7.35 de 30/12 (sábado) e regresso em 1/1 às 23.40. Comboio (1.ª classe) e autocarro com guia-assistente.

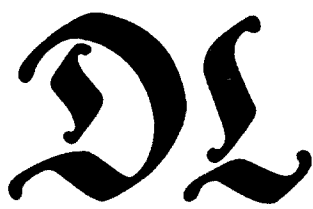
* Durante os três dias, visitas a Albufeira, Armação de Pera, Silves, Portimão, Praia da Rocha, Torralta, Lagos, Sagres, etc.

* Ceia de passagem-de-ano, espectáculo de variedades, alojamento e pensão completa em HOTEL DE 1.ª CLASSE EM LAGOS.

Preços (tudo incluído)

De LISBOA	1.150\$00	Coimbra	1.290\$00
Setúbal	1.130\$00	Santarém	1.200\$00
Aveiro	1.330\$00	Tomar	1.240\$00

DL/GERAL



RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 2.º, 4.º
TELÉF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA, TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

O trânsito em Lisboa hã cem anos...

«Aos 27 dias do mez de maio de 1872 a camara municipal de Lisboa, em sessão ordinaria nos paços do concelho, considerando que era da maior necessidade regular a direcção que devem seguir os vehiculos de rodas que transitam entre o largo do Conde Barão e a rua Vinte e quatro de Julho, a fim de evitar que se embarcaram uns aos outros, e incommodem o publico, caminhando em direcções oppostas pelo estreito boqueirão do Douro e rua Nova do Caes do Tojo; e tendo em vista que da medida a tomar não resulta prejuizo algum ao serviço dos mesmos vehiculos, resolveu o seguinte:

Artigo unico. E prohibido o transito de vehiculos de rodas pelo boqueirão do Douro, do sul para o norte, e pela rua Nova do Caes do Tojo, do nascente para o poente, sob pena de 1\$000 réis de multa.

Esta postura terá effeito tres dias depois de publicada no Diário do governo. E como não possa obrigar nem produzir o effeito legal, que se cumpra o determinado no 1.º do artigo 121.º do codigo administrativo, deliberou outrossim que ella subisse á approvação do conselho de distrito».

Diário do Governo de 17 de Agosto de 1872, conforme suplemento à folha oficial agora publicado).

ESPAÑA: O ANO MAIS FRIO

MADRID, 26 (F. P.) — 1972 de Janeiro, a média da temperatura em Madrid foi de 13 graus, como um dos anos mais húmidos e frios do século. Desde a meteorologia espanhola.

Desde D. Luiz I que "de pères en fils,, se perpetua a tradição que assegura à marca **FABRICA ANCORA** a sua inegualável alta qualidade.

RHUM VIEUX
LIGHT DRY

FABRICA ANCORA
LISBOA

Navios e aviões procuram um cargueiro que lançou um SOS

JUNEAU (ALASCA), 26 — (ANI) — Uma verdadeira esquadra e alguns aviões procuram no golfo do Alasca, batido pelo vendaval, o cargueiro «Pacover», de 13 000 toneladas, que no domingo de manhã anunciou estar a afundar-se com trinta tripulantes, quase todos coreanos.

São catorze os barcos e seis os aviões empenhados nas buscas, numa zona a oito-

centas milhas de Kodiak (Alasca). O vento tem rajadas de cem quilómetros à hora e as ondas atingem quase dezasseis metros de altura.

O cargueiro, com bandeira liberiana, depois de lançar o S.O.S., não voltou a ser ouvido.

Outros dois cargueiros liberianos e um navio norueguês juntaram-se a dois barcos da guarda costeira nor-

te-americana e uma unidade naval canadiana, já na zona de buscas. Outros nove barcos, que modofocaram o rumo em que seguiam, convergiram para a mesma área.

Quanto aos seis aviões, são dos serviços de busca e salvamento, com muita aparelhagem electrónica para a detecção de navios.

Enquanto os navios são prejudicados, nas buscas, pelo temporal, os aviões encon-

tram nuvens, que descem até quinhentos metros de água.

O «Pacover» largara de Vancouver, na Colúmbia Britânica (Canadá), no dia 17, para o Japão.

Levava uma carga de vinte toneladas de carvão e, nos estaleiros nipónicos, seria convertido em cargueiro a granel. Estava afretado pela companhia Yamaxita-Xinnihon, de Tóquio.

RESULTADOS DO TOTOBOLA

Com 13 resultados certos registaram-se na edição do Totobola de ontem 63 concorrentes, cabendo a cada 55 418\$10, 51 são da Metrópole, 3 de Angola e 9 de Moçambique.

Com 12 resultados foram apurados 1 433 (1 127 da Metrópole, 143 de Angola e 163 de Moçambique) a quem coube 2 436\$30.

FOI LOUVADO O ALMIRANTE MILHEIRIÇO

Foi louvado pelo ministro da Defesa Nacional o contra-almirante Jacinto Neto Milheiriço, «porque, exercendo desde 1968 as funções de presidente da Comissão Executiva da Infra-Estruturas O. T. A. N. (C. E. I. O. T. A. N.) e da Comissão para o Reequipamento Extraordinário do Exército e da Força Aérea (C. R. E. E. F. A.), em ambas as funções desenvolveu a melhor actividade e extrema

dedicação pelo serviço, muito concorrendo para a edificação e instalação do Comando Iberlante e ainda de outras estruturas ligadas à O. T. A. N., além de exercer com acentuado bom senso a direcção das importantes aquisições a cargo da C. R. E. E. F. A. Foi, assim, um excelente auxiliar do Ministro, que ao almirante Neto Milheiriço fica devendo a importante e oportuna colaboração que lhe deu.»

Remodelação no G.I.T.A.

Por diploma publicado hoje no Diário do Governo, foram amplamente remodelados os textos legais que disciplinam a actividade do Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis (GITA), dado carecerem de «adaptações ditadas quer pelo tempo decorrido sobre a sua vigência, quer pela evolução do sector dos transportes, quer ainda pela evolução das estruturas orgánicas com que o Grémio se relaciona ou insere».

As alterações incidem fundamentalmente no exercício de direito de voto, nas condições de elegibilidade, no mentante e pe-

riodicidade do pagamento da quotas, no aumento dos membros da direcção e funções do presidente, orgânica do conselho geral, na aplicação de penalidades e na ampliação da assistência técnica aos agremiados.

O GITA passa a ser constituído, obrigatoriamente, por todas as entidades singulares e colectivas que exerçam ou venham a exercer no Continente a indústria de transportes em automóveis nas modalidades de transportes de aluguer, de aluguer de veículos sem condutor e de carreiras de serviço público.

Fidel: Natal na Terra Nova

GANDER (Terra Nova), 26 (R) — O primeiro ministro cubano, Fidel Castro, brincou com bolas de neve, deslizou num «toboggan» e ajudou duas jovens a empurrar o seu automóvel, enterrado na neve, ao fazer inesperadamente escala por esta cidade, na viagem de regresso a Havana, vindo de Moscovo.

O avião devia ter feito escala em Montreal para se reabastecer, mas o programa foi alterado devido ao mau tempo. Durante as três horas de permanência aqui, as autoridades locais levaram Fidel Castro a visitar a cidade, que se encontrava coberta de neve.

O dirigente cubano, sempre vigiado por polícias canadianos e pelos seus próprios agentes de

segurança, confraternizou alegremente com as pessoas que andavam na rua, atirando bolas

de neve a alguns garotos e aceitando o seu convite para deslizar num «toboggan».



O DIA MAIS FATIGANTE

Um «Pai Natal» fatigado, sem as botas, para aliviar os pés, exhibe as meias que não aguentaram intactas o dia mais fatigante de Santa Claus (Telefoto UPI/Telimprensa «DL»)



AUXÍLIO PORTUGUÊS PARA MANÁGUA

Estão a seguir para a Nicarágua medicamentos, roupas, leite em pó, tendas de campa-

nha e produtos vitamínicos, em vários aviões, um dos quais partiu ontem à tarde, saindo o segundo amanhã de manhã. O produto das dádivas atinge os dois mil contos.

Mal teve conhecimento das primeiras notícias sobre o terramoto que destruiu a capital de Nicarágua, o Ministério da Saúde e Assistência formou uma comissão de auxílio às vítimas daquele sinistro, à frente da qual se encontra o dr. Coreolano Ferreira, que em D. Raquel Ribeiro, pela Santa Casa da Misericórdia e em D. Amélia Pita e Cunha, pela Cruz Vermelha Portuguesa, além do director dos serviços de manutenção do Exército, excelentes bases de colaboração.

UM ESTILO NOVO

OFEREÇA, UM

TAPETE PERSA*

*COM CERTIFICADO DE ORIGEM

PREÇOS ESPECIAIS PARA AS FESTAS

A PERSIA ANTIGA

R. da Imprensa Nacional
116 B (à Esc. Politécnica)
Lisboa 2 - Telef. 674493

As Finanças Economia

para a Economia

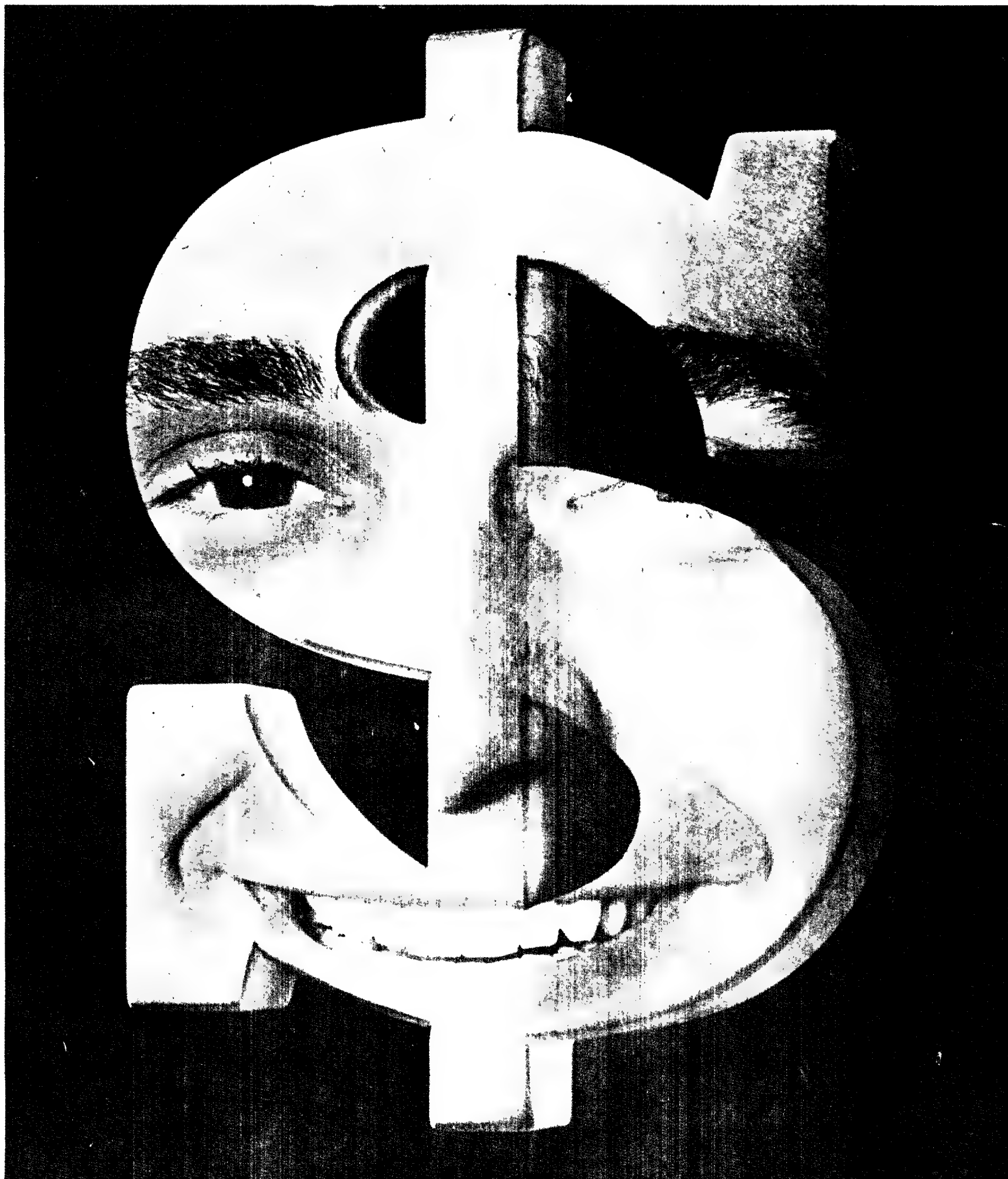
A comunicação do ministro das Finanças e Economia, feita há dias, após reunião com representantes da banca comercial, e dirigida à informação merece estudo e reflexão. Dando a direita ao Secretário de Estado da Informação, e rodeado pelos Secretários e Sub-secretários da sua pasta, o Ministro começou por falar em informação e objectividade, e entrou na caracterização da situação económica portuguesa e expôs as medidas a tomar, entretanto saídas no Diário do Governo.

A conferência de Imprensa que se seguiu, levou também o Secretário de Estado do Tesouro a fazer longa exposição sobre mecanismos financeiros, portanto na linha das medidas de ordem financeira e monetária que tinham sido anunciadas. Poderá portanto dizer-se que a economia foi encarada pela perspectiva financeira.

A intervenção, nesse campo não aparece nada estranha, de tal modo vem sendo evidente aí se encontrar um importante nó de estrangulamento da actividade económica portuguesa. Pareceria, sim, estranho que se vislumbresse a clara intenção de intervenção estatal na actividade económica e propósitos de claro crescimento, e o mecanismo de crédito continuar a poder definir-se (sem ser caricaturalmente) como ausente de «aparelhos», efectivos de crédito para investimento.

Sem quaisquer propósitos de auto-citação, porque tivemos a oportunidade de fazer um primeiro comentário que nos parece ser pertinente neste local de diferente leitura, transcrevemos parte desse comentário. Assim introduzimos dois trechos que, cimentados em posições teóricas bem diferentes e naturalmente fazendo considerações divergentes, poderão ser peças úteis para a reflexão a partir das posições e medidas do Ministério das Finanças e Economia, que o mesmo é dizer sobre o terreno em que nos movemos, vivemos.

Noutros lugares e oportunidades procuraremos algo do muito que há a aproveitar deste primeiro encontro com a informação. Para agora, não queremos deixar de chamar a atenção para o significado de se «mexer» na taxa de desconto. A manipulação das taxas de desconto, se prática estranha que frequentemente se concretiza, como intervenção na conjuntura económica, pode bem dizer-se que, pela «nossa economia», só com mil cuidados é «beliscada». A ligeira subida agora anunciada, se não novidade, merece referência, sobretudo porque revela claramente quais as duas direcções em que se pretende orientar a intervenção.



Nas páginas

4/5

O ESTÍMULO À POUPANÇA
ATRAIR E RETER
ANÁLISE DA INFLAÇÃO

Na página

8

ACTIVIDADES ECONÓMICAS
COMÉRCIO EXTERNO DE PAPEL E CARTÃO
MOVIMENTO DE SOCIEDADES

Na página

3

A FUNÇÃO DO ECONOMISTA
NA VIDA PORTUGUESA

SOBRE O PROBLEMA DA HABITAÇÃO

1) O modo como correntemente tem sido encarado o problema da habitação não pode, **nunca**, conduzir à sua solução. Não é tendo em mira um fim utópico — de cada um habitar uma casa sua propriedade — que, em cada momento, cada um poderá ter a habitação adequada. E, tratando-se de um problema social, só entidades sem fins lucrativos devem ser ajudadas na sua solução.

Bastaria atentar em quem foi beneficiado com os terrenos cedidos em condições especiais pela Câmara de Lisboa, nomeadamente na zona da Avenida dos Estados Unidos, ou pelos empréstimos da Caixa Geral dos Depósitos e das Caixas de Previdência e pelas isenções fiscais inerentes, para concluir que o sistema que tem sido usado foi bem retratado, há anos, num artigo na **Seara Nova**, quando se disse que tal sistema tinha finalidades contrárias às do Socorro Social: **os que não podem para os que não precisam**.

Na realidade, os dinheiros e favores públicos (do Estado, da Caixa Geral de Depósitos, das Câmaras e das Caixas

de Previdência) estão a ser utilizados em condições excepcionalmente favoráveis pelos que não precisam (os que estão em condições de se comprometerem com os encargos da propriedade resolúvel, muitas vezes só para duplicarem a habitação própria).

Só a normalização do mercado das rendas, com o aumento dos prédios disponíveis para o efeito, propriedade de entidades sem fins lucrativos, conterà o meio adequado à solução do problema, pelo que todas as facilidades, favores e dinheiros de que se possa dispor, devem ser encaminhados para o fomento da construção de prédios para arrendar e para beneficiação (proibida a demolição de todos os habitáveis) dos existentes, constituindo propriedade intransmissível de entidades sem fins lucrativos: Fundos de Habitação, Caixas Económicas e de Previdência, Câmaras e Autarquias locais e Cooperativas de Habitação (cooperativas de casas para arrendar e não para tornar proprietários os que não precisam).

• SOBRE A PRODUTIVIDADE

2) Toma foros de verdade axiomática a afirmação de que não traz utilidade, nem se deve autorizar, o aumento de salários sem contrapartida no aumento da produtividade do trabalho a remunerar, pois, de outro modo, resulta o aumento da inflação.

Tal verdade só o seria, primeiro, se o salário não pudessem ainda ser aumentado à custa de uma mais equilibrada distribuição dos resultados já produzidos e, depois, se todos os outros factores de inflação fossem também congelados.

Ora, a partir do Decreto-Lei n.º 55/72, de 16 de Fevereiro de 1972, deixou de haver qual-

quer condicionamento ou restrição à incorporação das reservas de capitais sociais nas sociedades (que até aí tinha de ser autorizada, em cada caso, mediante exame à escrita), e o resultado disso, nessas novas condições ou mediante autorizações facilitadas, já o Diário de Lisboa o registou em relação aos Bancos e outras grandes empresas: o aumento do valor do capital a remunerar, assim escriturado, atingiu centenas de milhares de contos, daí resultando muitas dezenas de milhares de contos de dividendos a pagar a mais, e que constituem, assim, novos encargos sem qualquer contrapartida de produtividade, ou outra, real.

As Finanças na economia

É considerado indispensável conter o crédito bancário, na sua expansão a cadências bem superiores às do Produto Nacional Bruto, assim se procurando lutar, através da contenção de um «excesso de liquidez», pelo lado da procura. Entretanto, por esta mesma via e pela criação do depósito de poupança sistemática, se intenta dirigir a poupança para «colocações» mais estáveis, menos líquidas, que possibilitem a orientação para o investimento, assim se procurando lutar, através estímulo ao alargamento do prazo das poupanças depositadas, pelo lado da criação da possibilidade de investir, de produzir, de criar oferta.

Se à «ideia» de crescimento económico se ligava a de pressão sobre os preços, e as políticas tinham um sinal corrector, se à «ideia» de estabilidade monetária e financeiro se ligava a de relativa estagnação, e as políticas tinham um (outro) sinal corrector, a concorrência das duas «ideias» (além de características específicas nacionais) não só levam à adopção planetária de nova terminologia (estagnação), mas também à necessidade de conseguir efeitos correctores em dois sentidos. Mesmo com o recurso a fórmulas e manipulações já bastante experimentadas, e em duses de grande cuidado e respeito pelo passado próximo.

A C. P. INFORMA:

BILHETES DE FIM-DE-SEMANA

Por motivo dos festejos de «Ano Novo» os bilhetes de «fim-de-semana», têm validade, para início da viagem de ida, desde as 17 horas do dia 29 de Dezembro (sexta-feira) até às 12 horas de domingo, dia 31, e para início da viagem de regresso, desde as 12 horas do mesmo domingo até às 24 horas de terça-feira, dia 2.

3K

OFERTAS DE NATAL

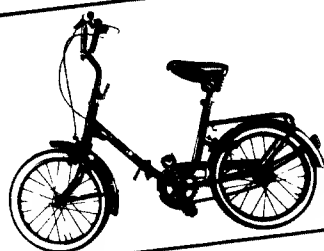
Rua Pascoal de Melo, 47
LISBOA

3 RODAS SOBRESSALENTES EM CADA VAUXHALL VIVA...



...MAS DUAS SÃO DE UMA BICICLETA

A AUTO-INDUSTRIAL, no seu 72.º aniversário, oferece GRÁTIS uma bicicleta articulada na compra de um Vauxhall Viva. Brinde de Natal, que dará tanta alegria aos seus filhos como o Viva a toda a família: a si, pelo prazer e segurança da condução; aos seus pelo espaço e conforto; a todos pela experiência e pelo prestígio Vauxhall.



AUTO INDUSTRIAL



GRÁTIS

Esta oferta é válida de 6 de Novembro a 6 de Janeiro de 1973, em qualquer dos stands da AUTO-INDUSTRIAL.

Modelos:
VIVA 1300 de 2, 4 portas e Caravan
Cilindrada: 1256 c.c.
VIVA 1800 SL de 4 portas.
Cilindrada: 1759 c.c.

COIMBRA - LEIRIA - CALDAS DA RAINHA - TORRES VEDRAS - ESTORIL - Av. de Nice - Tel. 26 35 50/26 33 96 - LISBOA - Av. Duque de Loulé, 93/95B - Tel. 53 80 82/56 25 51

VAUXHALL - Um produto da General Motors, o maior fabricante mundial de automóveis.

Continuamos a publicação da mesa-redonda, promovida pelo Sindicato Nacional dos Comerciantes, sobre a função economista na vida portuguesa. Foram 21 perguntas para uma questão a debater. No DL/Economia da passada semana apresentaram-se quatro, nesta semana mais algumas. Não há a intenção de fazer um «folhetim» mas iremos publicando extractos desta mesa-redonda porque levanta verdadeiras questões da vida portuguesa e esperamos que suscite reacções de quem vê a vida portuguesa pela óptica da economia.

Pois, sem desprimor para a importância do assunto e da resposta, mas como o tempo é escasso e até por que me parece que a resposta foi bem clara, evito comentários e vai fazer uma pergunta que continua relacionada com a anterior, e é a seguinte: embora os aspectos quantitativos e qualitativos da gestão das empresas, justifiquem a presença de economista, há sempre lugar para técnicos de outras especialidades. Acabámos de verificar isso sobejamente. No entanto gostaria que o dr. Mário Adegas também manifestasse a sua opinião a este respeito:

Pois parece-me que até pelas palavras que aqui já foram ditas e é do conhecimento de todos, a presença dos economistas nas empresas é efectivamente indispensável. Basta dominar o conceito de gestão e conhecer os objectivos das empresas. Porém, nas empresas, o economista também não pretende estar só; nem hoje nem nunca o pretendeu. Com efeito, reconhece-se, por exemplo, que a presença de engenheiros, para determinar níveis de produção ou precisar certos tipos de produção numa actividade industrial ou em outros sectores é indispensável. Portanto, reconhece-se que os engenheiros, os sociólogos os juristas têm também o seu lugar na empresa. O que parece que se queria acentuar aqui é a necessidade que os economistas sentem da não intromissão das especialidades de umas ciências no campo das outras. No fundo, pretendem é demimitar o seu campo de acção, vasto como já aqui foi referido, mas delimitá-lo bem para que lhe fique reservado. Claro que também já aqui foi acentuado o problema dos médicos e que se pode referir novamente. Quer dizer: um economista não fará clínica médica, não se apresenta nos tribunais a fazer advocacia, não faz cálculos de betão armado. E portanto eu deixo no ar esta pergunta: a inversa não se praticará com frequência?

Penso que, para já, este ponto está relativamente clarificado. Vamos, portanto, continuar a seguinte questão será: parece que a gestão das empresas, se bem que encarada principalmente segundo os aspectos quantificáveis, exige cada vez mais o trabalho de equipa de técnicos de diferentes especialidades?

anteriores, alguma coisa foi dita sobre o assunto, mas eu gostaria que o dr. Rogério Ferreira se pronunciasse a este respeito e ató podíamos ligar a pergunta seguinte, pois esta questão levanta outra: até que ponto os diferentes cursos universitários, quando apreciados sobre a perspectiva da gestão dos recursos humanos e materiais das empresas, asseguram a existência de uma linguagem comum que facilite esse trabalho de equipa? Visto que todos estamos de acordo que tem de haver um trabalho de equipa, pergunta-se ainda: os cursos universitários que mais incidem sobre a vida das empresas têm na sua própria estrutura alguma coisa que assegure esse linguagem comum?

Vou começar precisamente pela parte fina da pergunta, e respondo que efetivamente parece que são os cursos universitários de gestão empresarial os mais adequados para dar essa linguagem comum, que facilitaria os tais trabalhos de equipa nas empresas. A linguagem do economista é uma linguagem de valores, de conceitos económicos, conceitos que o economista apreendeu como estudioso e através de experiências, regras e leis da economia e de outras disciplinas da gestão empresarial.

O economista é um homem que faz a apreciação económica, esta é que dá o tom à gestão, é que mede a eficácia, o êxito ou porventura a deterioração da empresa. O economista, na sua formação, através da interligação das disciplinas que estuda e onde pratica as formas de valorizar a gestão e de fixar os objectivos dela, necessita hoje, para o seu bom desempenho, de ser um trabalhador incansável, pois o conhecimento económico não se adquire sòmente através de estudos especializados, mas também através de experiências e vivências, o que exige o conhecimento de outras matérias, em particular das de natureza social e de outras de carácter instrumental como, por exemplo, a matemática e a contabilidade.

Orla não há dúvida que tudo isso dificulta as delimitações dos campos do economista. É claro que, a nosso ver, não há contradições entre especialização e cultura, entre tecnocracia e humanismo.

O nosso colega Alves Conde já insistiu nesse ponto e portanto eu não o vou fazer mas, referendo o economista André Marshall, direi que não pode negligenciar-se nenhuma das influências existentes sobre os fenómenos que o economista trata. O economista tem de ter conhecimento de sociologia e ser culto, e isto

leva-me a contrapor um pouco algumas idéias aqui referidas pelo nosso colega Mário Adegas, que é precisamente o facto de a economia não se definir pelos seus limites, mas pelo seu objecto. A economia pretende fazer um estudo das formas como o homem se organiza e colabora com vista à produção e repartição dos bens e serviços capazes para satisfazer as suas necessidades.

Claro que o afirmado também é reversível em relação a outros cursos universitários e à generalidade das pessoas de hoje, pois dentro de idéias correntes de promoção social, de realização humana, de democratização de ensino, há um cada vez maior acesso à cultura e, por outro lado, se o saber é cada vez mais vasto e complexo, exigirá de nós cada vez mais estudos, mas cultura e (digamos) uma aprendizagem permanente.

Ora isto demonstra que devem estar superadas tendências individualistas ou classistas. É claro que isto não obsta que não se ponham interrogações como a do nosso colega Mário Adegas, se de facto os economistas fazem cálculos de betão armado?

Pois efectivamente não fazem. Mas isso não leva a abstrair-se da necessidade de espírito de equipa. Essa necessidade exige, de cada um de nós, humildade, como profissionais de economia e como cidadãos, uma certa preocupação de apagamento individual em favor do colectivo.

O economista tem as técnicas e linguagem do econômico, mas têm de considerar as técnicas e linguagem do sociólogo, do jurista, do urbanista, em suma das diversas especializações que terão de colaborar na realização das obras comuns.

— Pois poderemos sintetizar que, para que esse trabalho de equipa seja frutuoso, para que haja portanto a tal colaboração, a tal cooperação, é preciso uma linguagem comum. Poderemos citar, como exemplo de linguagem comum, a sociologia, a economia e até o próprio direito. Levanto agora a seguinte questão: até que ponto se sente a necessidade de estudar economia noutras especialidades, uma economia básica e esses especialistas só pelo simples facto de possuírem um conhecimento rudimentar pensam que são economistas?

Ainda que houvesse muito para dizer sobre a função do economista na empresa privada, vamos agora falar do papel do economista na

administração pública. Vamos, por isso voltar um pouco ao início da nossa conversa e damos novamente a palavra ao nosso colega Alves Conce.

— Nesta parte sinto-me um pouco menos à vontade, uma vez que a minha passagem pelo sector foi feita apenas como consultor. Eu diria muito em resumo que também no sector público a tarefa do economista continua a ser bastante complexa. Temos campos tais como o da diplomacia económica, o problema dos planeamentos económicos, o problema da gestão das finanças públicas, problemas de informação de políticas de toda a natureza: industriais, agrícolas, monetárias, turismo, urbanização, etc.

Eu tenho a impressão que para fazer um confronto com o economista da empresa, aqui o economista aborda em geral problemas de muito maior amplitude, não digo que sejam necessariamente mais complexos. Talvez o sejam, na maioria dos casos, os chamados fenómenos macro-económicos e por vezes têm condicionalismos maiores que nas empresas, uma vez que se jogam interesses muito grandes, oposições, conflitos entre várias forças em presença, em que temos, num lado o sector público, e outras vezes o sector privado e, ainda dentro deste, várias entidades. Todos estão lembrados dos diversos casos dos concursos de adjudicação, da série de questões que se levantam em que se impugnem relatórios

Continua na página seis

A MAIS ALTA PRECISÃO SUÍÇA

Exactitud
Precisión
Seguridad



Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa



Vendemos a preços tão baixos durante o período das Festas de Natal e Ano Novo que isto representa uma gratificação suplementar para os nossos estimados clientes

**Venha quanto antes
e poderá comprar agora
e pagar depois**

estabelecimentos

Cancela

CALCADA DO COMBRO, 17 a 31 LISBOA

ELIAS: Avenida D. Afonso Henriques, 20 - Almada - Av.º Combatentes da Grande Guerra, 85 B - Alges - Rua José Joaquim Marques, 102-106 - Montijo

O ESTÍMULO À POUPANÇA

Uma elevação geral nas taxas de juro pode produzir outros efeitos sobre o curso de uma fase de prosperidade, um dos quais talvez obstrua e o outro contribua para a política do Banco Central. Ambos nascem do facto de que a elevação não só afecta as taxas de empréstimo dos bancos como também as taxas pagas aos seus depositantes. Muita gente não consegue, na Inglaterra receber juros sobre as suas contas correntes, mas os depósitos a prazo, que podem ser sacados com aviso prévio de sete dias, rendem juros fixados por um acordo entre os bancos a uma taxa de 2 por cento inferior à taxa de desconto e, por esse motivo ela sobe, quando aquela última também sobe. Os depósitos a maiores prazos rendem taxas mais

altas, principalmente quando os depositantes são estrangeiros.

Se as taxas de juros subirem em Inglaterra, digamos em comparação com a França, ela transforma-se num bom campo para fazer empréstimos, mas num mau país para se pedir empréstimos. Os franceses terão interesse em obter dinheiro inglês, e os que o conseguirem não mostrarão desejo de desfazer-se dele. E o que é mais, os ingleses que precisam de tomar empréstimos preferirão fazê-lo na França e não na Inglaterra e venderão os seus direitos sobre a moeda francesa assim conseguidos em troca do dinheiro inglês de que necessitam para manejar seus negócios. Assim, a taxa de câmbio passará a ser favorável à Inglaterra e contrária à França. Num regime de padrão-ouro, isso pode chegar ao ponto de fazer que se torne mais barato enviar ouro para a Inglaterra, originário da França, do que adquirir direitos à moeda inglesa.

Essa atracção exercida sobre o ouro do exterior foi, no passado, realmente o motivo principal que levou os Bancos Centrais a elevarem sua taxa de câmbio, nas últimas fases de prosperidade. A moeda suplementar criada durante essa

fase confere ao povo do país um maior domínio sobre as mercadorias que são objecto de comércio internacional, estimula as importações e reduz as exportações, e coloca o país em situação de inferioridade nas trocas, provocando finalmente uma evasão do ouro. A elevação da taxa de juros apresenta-se assim ao Banco Central como uma medida correctiva destinada a restaurar o **status quo**, e como tal cumpre bastante bem sua limitada missão. Mas estamos forçando a visualização de um estado de coisas em que o Banco Central intervém muito cedo no período de prosperidade a fim de evitar as liberalidades do desenvolvimento. E, nesse caso, o resultado incidental de um aumento nas taxas de juro em relação à atracção do ouro estrangeiro talvez constitua obstáculo positivo ao Banco Central para a realização da tarefa que se atribuiu. O resultado da importação do ouro será aumentar os depósitos dos bancos exactamente quando o Banco Central estiver procurando reduzi-los e exigir assim maiores esforços de sua parte. Essa consideração, no que possa caber, é contrária ao uso do gume das taxas de juros, enquanto for possível utilizar-se o da venda dos títulos.

A elevação das taxas de depósito tem ainda

um efeito menos discutível. Leva os depositantes em geral a moderarem a velocidade com que fazem circular os seus depósitos. Os que possuem dinheiro em conta corrente podem ser induzidos a transferi-lo para uma conta a prazo fixo, e os que já a têm podem ser levados a utilizá-la na aquisição de acções de companhias industriais que depositarão o dinheiro numa conta corrente, ou farão pagamentos a outros que levarão o dinheiro ao banco com o mesmo objectivo. Para os próprios banqueiros, pode parecer que é o aumento das taxas que provoca a elevação da soma total dos seus depósitos. Bem sabemos que assim não é, e sabemos também que tal atitude dos depositantes aumenta a economia real que estão voluntariamente pondo à disposição da indústria por intermédio dos bancos. Se, portanto, não ajuda a extinguir as chamadas de uma fase de prosperidade, pelo menos — ao contrário da importação de ouro — proporciona uma porção módica de combustível **autêntico**, com o qual se pode avivá-las, sem acentuar a elevação dos preços.

(Sir Dennis Robertson — A MOEDA — Manuais de e c o n o m i a de Cambridge-Zahar Editores)



Atrair e reter

Perante uma tal engrenagem, é prática corrente, para melhorar a balança de pagamentos, os Governos capitalistas, que procuram a «confiança» do capital financeiro, aumentarem a taxa de juros que serve os capitais colocados a curto prazo, o que constitui um prémio capaz de os atrair, «do estrangeiro», ou de os reter, no país.

Segundo a tradição dos países capitalistas europeus, o acto oficial através do qual se opera esta elevação das taxas de juro é a decisão do banco central de aumentar as taxas de desconto.

O desconto consiste no adiantamento de dinheiro feito por um banco a um detentor de efeitos comerciais: o efeito comercial apenas dá ao seu detentor a garantia de ser pago no vencimento pelo signatário (por exemplo no prazo de 90 dias). Quando o banco desconta esse efeito compra-a ao detentor imediatamente, através de dinheiro contabilizável; portanto, adianta dinheiro, até que o signatário pague no vencimento. É óbvio que, deste dinheiro adiantado, é deduzido pelo banco um juro corrente. As taxas que determinam este juro são as «taxas de desconto». Como o banco central redescorta aos bancos uma grande parte dos efeitos que eles próprios descontaram a particulares, a taxa de desconto é fixada pelo banco central,

segundo directivas do Governo. Todos os outros empréstimos de dinheiro fazem-se naturalmente a taxas mais ou menos diferentes, mas, a maior parte delas variam (pelo menos para os empréstimos imediatos ou a curto ou médio prazo) em função das variações das taxas de desconto: aumentam se estas aumentam; baixam, se estas baixam.

(...) Em teoria, o aumento das taxas de desconto incita os capitais a dirigirem-se em maior proporção para os empréstimos a curto prazo e, portanto, menos do que anteriormente para os investimentos produtivos. O aumento torna «o dinheiro caro» e os empréstimos dispendiosos, facto que perturba os investimentos das empresas e, mais ainda, a sua tesouraria. Por conseguinte, exerce um efeito contraproducente sobre a produção e sobre os melhoramentos de equipamento. Torna demasiado pesados, em especial, o custo das realizações das colectividades locais (comunas, departamentos) e agrava as suas dificuldades financeiras.

Em definitivo, para atrair os «capitais flutuantes» compromete o futuro económico do país.

A instabilidade monetária internacional leva os diferentes países capitalistas a entregarem-se a uma corrida geral para o aumento das taxas de juro, ao mesmo tempo devida a uma rivalidade (que toma o aspecto de uma guerra das taxas de desconto) para se disputarem os capitais flutuantes, e a uma restrição do crédito. Todavia, a inflação internacional desenvolve-se, paralelamente. Ora, em período de inflação rápida, nem sequer o aumento das taxas de juro consegue dissuadir as pessoas que pedem empréstimos de conseguirem que lhes sejam abertos créditos, visto que a degradação do poder de compra da moeda reduzirá o valor real da sua dívida quando chegar a data de vencimento do reembolso. O efeito técnico procurado (redução espontânea do crédito pelo seu encarecimento) nem sempre é obtido. Pelo contrário, ao elevar os custos de produção, forçando desta forma a alta de preços, o aumento das taxas de desconto pode agravar a corrida para a inflação.

Os práticos alemães da economia mencionaram a dificuldade (por eles verificada empiricamente) de conciliar a expansão económica, a estabilidade dos preços e o equilíbrio dos câmbios externos, o «triângulo mágico» da produção, dos preços e da balança de pagamentos. Observaram que, se se orientarem os esforços sobre dois destes objectivos, o terceiro escapa ao controlo.

No entanto, é importante ver bem que os limites assim impostos à expansão económica na estabilidade estão ligados a um tipo de relações de produção determinado.

(Jacques Kahn — Para compreender as crises monetárias — Estampa)

3K

BRINDES DE NATAL

Rua Pascoai de Melo, 47
LISBOA

O SEU BRINDE DE NATAL!

em

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

junto à placa da Flamengo a 10 km da P. Marquês de Pombal

ou

SÃO SEBASTIÃO DE GUERREIROS

2 km após Loures e a 15 km da P. Marquês de Pombal

um apartamento de luxo, de 2 ou 3 assoalhadas, alcatifadas, paredes forradas a papel ou pintadas a sua escolha, caixilharias de alumínio, cozinha tipo americano equipada com armários sif. louças modernas tipo italiano, azulejos de cor, aquecimento eléctrico

DESE 250 CONTOS

ASSISTENCIA TOTAL E GRATUITA NA DECORAÇÃO DO SEU LAR



VEJA NO LOCAL O ANDAR MODELO
CORRETORES DE SERVIÇO DIARIAMENTE

damos-lhe a possibilidade de se tornar proprietário de imóveis no valor de

OFERTA ESPECIAL

1.000 contos

SÓ DURANTE O MÊS DE DEZEMBRO

EXCEPCIONAIS CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

10	20	70
no acto do contrato de compra e venda	na altura do recebimento das chaves	em 3 ou 10 anos



SOCIEDADE PORTUGUESA DE OBRAS DE CONSTRUÇÃO, LDA.

TELF. 35438 306257 35521
ROSSIO 74, 9° LISBOA

ANÁLISE DA INFLAÇÃO

Todos os governos lutam com a inflação e estudam um certo número de medidas destinadas a combatê-la. O cepticismo, confirmado pela experiência, que reina actualmente sobre a capacidade dos poderes públicos para travar o mal, sem dúvida, como causa primária a ausência de uma explicação convincente das suas origens. Jacqueline Faudá-nos aqui os resultados da sua análise.

Em todos os países o crescimento é acompanhado pela inflação. Quanto à estagflação, ela resulta de um atraso cronológico das variações da taxa de inflação relativamente à da taxa de crescimento, atraso que é de um a três anos consoante os países.

Este acompanhamento parece ser aceite pelos teóricos com um mal mínimo inevitável, e as políticas económicas tentam adaptar-se a ele, até ao momento em que a aceleração da taxa de inflação deixa supor a existência de um mecanismo perverso, desconhecido e inquietante. Este acompanhamento, de que vamos fazer a análise monetária em termos de liquidez, pondo em evidência uma perturbação inicial: qual é o verdadeiro impacto da taxa de juro?

TAXA DE CRESCIMENTO E AUMENTO DE LIQUEZ

Sabe-se que o crescimento se traduz por um aumento das quantidades de bens e serviços produzidos e consumidos.

Qual o aumento de liquidez que o deve acompanhar? A resposta «normal» é a seguinte: uma taxa de crescimento idêntica. Para mais 5 por cento ao ano de crescimento (é aproximadamente a taxa anual média francesa há vinte anos), são necessários mais 5 por cento de liquidez.

Esta resposta é «normal», considerando duas constatações. Primeiramente verifica-se, a partir de 1950, que as «frequências de utilização» da liquidez se mantêm praticamente na mesma ordem de grandeza em média (isto é, uma «tendência» nula, com flutuações conjunturais de mais ou menos alguns anos). Recordamos que a frequência de utilização é aproximadamente de um mês para a moeda no sentido estrito de meios de pagamentos, e de dois a três anos para a quase-moeda, bancária e não bancária (como os depósitos em caixas de aforro). Diz-se também que moeda e quase-moeda constituem liquidez, isto é, diretos financeiros cuja conversão em meios de pagamentos é possível, à vista ou a curto prazo, sem limitação, e certo quanto à sua taxa (o montante nominal exacto está assegurado).

Em segundo lugar, o volume das transacções segue paralelamente o crescimento em produtos na maior parte dos países (entre os quais os Estados Unidos e a Inglaterra), sendo uma excepção constituída pela França onde o desenvolvimento económico rápido se faz acompanhar de um número aumentado de fases produtivas e de transacções monetárias (seja mais 1 ou 2 por cento ao ano, em França).

Nestas condições, se desde 1950 se constata que a liquidez aumentou de 13 por cento aproximadamente, em França, é precisamente porque um fenómeno «anor-

mal» se manifestou: a inflação, alta do nível geral dos preços e depreciação do poder de compra da moeda ao ritmo de 5 por cento ao ano em média.

Como se efectua a criação de liquidez? Sabe-se que cada moeda nacional já não está garantida em ouro, salvo indirectamente quanto a uma parte das reservas do Banco Central em liquidez oficial internacional, reservas que não constituem, aliás, elas próprias, senão uma parte muito diminuída das «contrapartidas» da moeda. Com efeito, moeda e quase-moeda são hoje garantidas, de qualquer modo, pelo endividamento de agentes económicos junto das instituições financeiras (efeitos em depósito no banco central, créditos consentidos pelos bancos e organismos especializados...). São, pois, as dívidas de uns, principalmente dos produtores de bens ou serviços (incluindo as administrações) que estabelecem o valor da liquidez detida por outros.

No crescimento, o sistema é o mesmo. São novas dívidas, uma vez resgatadas as antigas, que garantem nova liquidez criada.

Então, por que se cria mais do que o crescimento exige? Para obter resposta, recordemos primeiramente que os endividamentos são agravados por uma taxa de juro.

De uma forma geral, a taxa de juro é uma remuneração ligada ao empréstimo de dinheiro. Quem empresta? Principalmente as instituições financeiras. Elas fazem notar que devem, por seu turno, remunerar os seus depositantes. Para a massa das disponibilidades ou montantes habituais de depósitos e de créditos em circulação, esta observação está, por certo, justificada; porém, para o crescimento líquido da liquidez, criada ex nihilo, com, em contrapartida, uma criação simultânea de crédito, o argumento não serve... Ao nível nacional não são os novos depósitos que fazem os novos créditos; mas são os novos créditos (às empresas privadas, ao Estado...) que, após utilização e circulação, constituem nova liquidez (notas, depósitos bancários e em caixas de aforro, bônus a curto prazo).

O CASO DOS DEPOSITANTES...

Consideremos, pois, esta liquidez, ou, pelo menos, a parte dela que é remunerada por uma taxa de juro. Quer esteja há muito ou de novo em circulação, porque é que determinada liquidez é remunerada? Suponhamos por um momento que, através de uma política eficaz, baseada no diagnóstico que estamos em vias de formular, a inflação desapareça. O argumento segundo o qual o juro do empréstimo, em caixas de aforro por exemplo, serve para compensar, mais ou menos, a taxa de depreciação do poder de compra da moeda,

também não se aguenta...

Sob esta reserva, que significa a taxa de juro? Recordemos que, para Keynes, a taxa de juro remunera a renúncia à liquidez, isto é, o facto de ter convertido a sua liquidez em títulos financeiros, que já não têm a característica de ser líquidos ou de ser convertíveis pelo seu montante nominal exacto, em meios de pagamento; renúncia-se, com efeito, à liquidez quando se compram acções ou obrigações que são negociáveis, na verdade, mas com a incerteza da cotação bolsista. O que vai, então, remunerar a taxa de rendimento dos valores mobiliários, é a justeza da escolha dos seus compradores. Se os emissores destes valores atingem, seguidamente, os objectivos económicos que haviam anunciado no momento da emissão, podem pagar dividendos ou juros com os quais

quidez não é normal. Ela perturba os mecanismos de criação monetária.

E DOS QUE PEDEM EMPRESTADO

O endividamento custa caro: as taxas de juro estendem-se de 5 por cento (casos muito privilegiados) a 10, 15 e mais por cento ao ano; a sua média não é conhecida, pois trata-se de um segredo a favor de quem (?) oculta estes dados. Perante este preço elevado, os agentes económicos têm repugnância em se endividar. Tentam procurar o dinheiro fresco de que o seu crescimento normalmente necessita, através de outros meios que não o empréstimo. As empresas podem recorrer ao mercado financeiro, emitindo títulos. Porém, as subscrições são insuficientes. E, isto, principalmente porque, por outro lado, lhes são oferecidas colocações líquidas remuneradas



os subscritores tinham contado.

Recompensa por ter «jogado» nas empresas ganhantes, tal é a significação económica profunda da existência de uma remuneração em proveito do prestador de dinheiro, no sistema capitalista.

Não esqueçamos a proibição tradicional desde a Antiguidade (do ponto de vista ético, e frequentemente institucional) da taxa de juro. Como pretender, hoje em dia mesmo, o uso simultâneo de uma coisa (o carácter líquido da liquidez) e o não uso dessa coisa (abandono dessa liquidez, pela sua colocação à disposição de quem pede empréstimo, que remunera este empréstimo, a liquidez constitui, por natureza, um «volante de tesouraria» para as receitas e despesas de cadência diária, mensal, anual, decenal... O carácter de «liquidez» exclui o carácter de «património de realiação».

A existência de uma taxa de juro remunerante da li-

das (anormalmente...). Keynes já o tinha notado: o capital «mantém-se raro porque a taxa de juro ligada à moeda permite a esta fazer-lhe concorrência».

Que faz, então, a empresa que quer crescer, tanto ou mais do que as outras? Foi encontrado um remédio mágico: autofinanciamento. É claro, isto significa que ela vai levantar, a partir dos preços de venda dos seus produtos, este dinheiro fresco de que tem necessidade. Assim, em lugar de baixar os seus preços de 5 por cento, por exemplo, se realiza em média 5 por cento de progresso de produtividade por ano, como é o caso da França, vai, na melhor hipótese manter os seus preços de venda. Se, por todas as outras empresas escolhessem o mesmo tipo de financiamento e tomassem, mais ou menos, a mesma decisão, deveria constatar-se uma quase estabilização do custo de vida. Porém, este progresso de produtividade, que efectivamente teve lugar é reclamado em

parte pelos assalariados destas empresas; se o custo de vida se mantém e a produtividade do trabalho aumenta de 5 por cento, uma alta dos salários de 5 por cento não pode parecer normal. Efectua-se. As nossas empresas refazem as suas contas... «Os nossos encargos salariais foram aumentados de 5 por cento», vão elas dizer, «e vemo-nos na obrigação de prosseguir, e de aumentar os nossos preços de venda de 5 por cento (tendo em conta o facto de que os nossos fornecedores fazem o mesmo).»

Alta do nível geral dos preços de 5 por cento, eis a inflação instalada. E os mecanismos, tão frequentemente descritos, de propagação da inflação, através dos custos e da procura, vão desempenhar o seu papel.

Certamente que se poderia fazer notar a estas empresas que o encargo salarial não cresceu de 5 por cento, pois a produtividade do trabalho cresceu outro tanto; uma alta de salários paralela à da produtividade não podia exercer-se sem modificações dos preços de venda? As quantidades produzidas aumentadas de 5 por cento pela produtividade e a quantidade vendidas aumentadas de 5 por cento, as receitas das vendas foram aumentadas de 5 por cento ao preço de venda imutável... então, por que aumentar o preço de venda? As nossas empresas vão replicar: «O nosso crescimento de 5 por cento implica, de facto, novos encargos para além dos salariais. As quantidades de fornecimentos, de equipamentos, de despesas gerais, aumentam também de 5 por cento em média; cobri-los-emos, evidentemente, pelas receitas aumentadas de 5 por cento em volume; esperando, porém, vender mais, pois temos necessidades de tesouraria.»

A FUGA PERANTE O ENDIVIDAMENTO

Eis reencontrada, ao nível vivido por cada agente, a realidade assinalada desde o início. O crescimento real faz-se acompanhar muito normalmente por um aumento das tesourarias em liquidez. Mas, como vai efectuar-se esta criação normal de liquidez, dado que aos agentes económicos repugna aumentar o seu endividamento (oneroso) que este endividamento aumentado é contabilisticamente necessário para a criação de liquidez?

Agora que a questão está formulada, formulemos também a resposta. A criação de liquidez vai fazer-se da mesma maneira, mas em piores condições. As necessidades de liquidez ligadas ao crescimento, vão juntar-se aquelas que estão ligadas à inflação... E a repugnância pelo endividamento vai traduzir-se por um superendividamento, isto é, um endividamento ainda mais importante do que teria podido ser normalmente para um crescimento sem inflação.

O verdadeiro mecanismo cumulativo da inflação contemporânea é, sem dúvida esse. O autofinanciamento arrasta a inflação. E a inflação aumenta as necessidades de financiamento...

Entra-se neste círculo vi-

cioso do financiamento do crescimento, pela existência de uma taxa de juro não nula sobre a liquidez. Tem-se definido como a «fuga perante a moeda», a consequência da inflação e a engrenagem possível da hiperinflação. Nós definimos como a «fuga perante o endividamento», a causa da inflação.

É porque o endividamento é demasiado caro, que há o superendividamento. Este paradoxo é construído pelas empresas que se autofinanciam.

Com efeito, a inflação ligada ao autofinanciamento aumenta as necessidades de liquidez. Recordemos que a inflação arrastaria, se não fosse compensada por uma criação suplementar de liquidez, uma deflação ou decréscimo por levantamento antecipado sobre as despesas habituais para constituir o volante de tesouraria nominal correspondente à inflação... Então, sendo o crescimento a realidade perseguida e atingida, este decréscimo potencial é compensado efectivamente por uma criação suplementar de liquidez. E as empresas, apesar do seu autofinanciamento, devem pedir empréstimo às instituições financeiras.

É isto que lemos todos os anos no quadro das operações financeiras da contabilidade nacional. E ali se lê, também, que o crescimento das dívidas das instituições financeiras (liquidez emitida) é igual ao crescimento dos seus créditos (endividamento aumentado dos agentes não financeiros). O excesso de liquidez, ligado à inflação, traduz-se bem por um excesso de endividamento.

Em conclusão, constatamos que o financiamento do crescimento não está sequer assegurado pelos mecanismos próprios do sistema capitalista. Eles implicariam, de facto, que os particulares aceitassem endividar-se para pedir empréstimo a uma liquidez que comprometeriam em colocações não líquidas junto desta ou daquela empresa em cujo crescimento apostariam. O dinheiro fresco penetraria, assim, na economia através da Bolsa. E as empresas, sendo financiadas pela Bolsa, não teriam necessidade de se autofinanciar. Na ausência da inflação, o montante de endividamento dos particulares seria igual ao montante da liquidez necessária ao crescimento e nada mais...

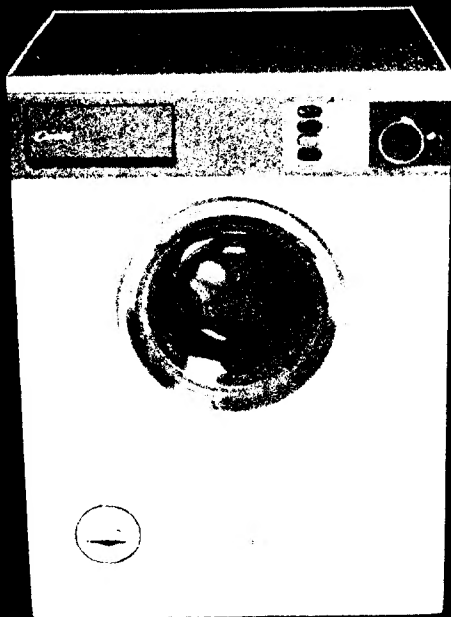
De facto, para financiar o crescimento, o sistema capitalista implica a existência de apostadores prontos a perder em nominal o montante da sua parada, se se enganarem quanto ao crescimento previsto desta ou daquela empresa. Sendo o montante das suas apostas insuficiente, as empresas devem endividar-se directamente junto das instituições financeiras.

Em definitivo: com a existência da taxa de juro, preço de dinheiro não emprestado (no caso de colocações em liquidez) ou emprestado praticamente sem risco de perda em nominal (obrigações), o sistema capitalista não financia o crescimento, e provoca uma inflação cumulativa.

maquina de lavar roupa

Candy

**+ automática
+ económica
+ fácil**



maquina de lavar roupa

Candy

**a única
com
economizador**

A FUNÇÃO ECONOMISTA

e conclusões, pois houve interesses supostamente preteridos, outros diriam mesmo ofendidos.

Também tem acontecido que economistas têm sido chamados a acções governamentais, neste caso, como é evidente, o economista fica limitado por outros condicionamentos que se impõem, nomeadamente o político, o que não quer dizer que, nesta função, não se faça sentir a sua formação de economista. Pois o economista no sector público pode ter tarefas, mas com objectos bem marcados, por vezes fazendo parte de um grupo de trabalho, tendo uma tarefa específica, mas, de uma maneira geral, tenho a impressão que o economista de administração pública tem que ter a preocupação de um interesse comunitário. Deve procurar que, com a sua atitude, (sempre isenta, como é natural) procure alcançar os maiores benefícios económicos e sociais para essa comunidade, relegando para plano secundário, embora não ignorando, interesses particulares em jogo.

Tenho também ouvido por vezes — de economistas e de não economistas — que a função do economista fica fortemente invalidada quando, por uma decisão política, o que o economista aconselha não é seguido. Tenho a impressão que certas sensações de frustrações não são, na maioria dos casos, justificáveis. O economista fez o seu trabalho, concluiu-o e, como a mim próprio me aconteceu nessa função de consultor a fazer parte de comissões, indicou precisamente o contrário de que o poder público decide. Nesse caso, bastou-me para mim e para colegas meus, a satisfação de ter procedido bem, correctamente, ter posto claramente as ideias e, por vezes, até a de não ter visto as premissas contrariadas. Se existiram condicionamentos de outra ordem que tiveram de

ser equacionados pelo tal poder, acho que o economista não tem de ficar frustrado.

Tenho ainda aqui que referir duas funções que só vi no campo da administração pública, por ser a mais corrente entre nós, o que não quer dizer que o sector privado não as patrocine e na maioria dos países até direi que mais intensamente ou pelo menos tão intensamente como no sector público: são as funções do economista no ensino e na investigação. É também um campo em que o economista tem prestado relevantes missões. Entre nós, como se sabe, o ensino tem ainda indole fortemente pública, mas o campo da investigação em empresas privadas não deixa de já ser uma realidade e, por vezes, em patrimónios não lucrativos, como fundações, etc.

MÁRIO BAPTISTA

— Poderemos concluir, em relação à intervenção do nosso colega Alves Conde, que se nas empresas privadas a missão do economista é discutida, mas vai sendo conquistada, usando para isso todos os argumentos válidos que estão ao nosso alcance, talvez na parte de administração pública a posição do economista esteja ainda fortemente contrariada. Parece-me que é uma conclusão que não nos repugnará tirar, e podemos pôr à discussão esta conclusão. O que é que isso representará para o progresso e desenvolvimento económico nacional?

Posto isto, há um outro problema que gostaria de colocar aqui: podemos esboçar os aspectos específicos em que as habilitações do economista prevalecem, no que diz respeito à administração pública, sobre os técnicos de outros ramos do conhecimento. Gostaria de ouvir sobre este assunto a opinião do nosso colega Mário Adegas.

MÁRIO ADEGAS

— Parece-me que nós não podemos dissociar a análise do economista do campo da habilitação académica, como condição indispensável para o desenho cabal da profissão, porque senão parece-me que a confusão ainda será maior e então ao falar de prevalecer, não significa pretender um grau de superioridade, mas referenciar bem os aspectos em que a preparação específica do economista tem matérias essenciais que depois justificam uma profissão, e poderia pôr estas interrogações: não há nenhum universitário que tenha a ciência económica como base, não há nenhum curso universitário que dê tanta importância à contabilidade geral e à contabilidade pública como o de economista e portanto conheça ou possa medir eficiências de gestão nas empresas e na administração pública. Tam-

bém nenhum curso estuda como o nosso a estatística ligada à economia. Portanto, parece-me que essas preparações levam a que o economista prevaleça em actividades que dependem directamente destes conhecimentos, não no campo da superioridade intelectual, mas sim no campo de base de preparação que se faz ao longo de todo o curso.

Parece-me mesmo que muito do nosso atraso nas empresas e no sector público tal vez resulte da grande confusão no exercício de profissões. Quer dizer, as pessoas desempenham profissões para que não estão convenientemente preparadas em diversos ramos da hierarquia pública e privada. Portanto nos ramos em que prevalecem aqueles conhecimentos a que já fiz referência, os economistas devem reivindicar uma certa, (e porque não uma total?) superioridade no desempenho da profissão.



Como se mede a contrapartida da produtividade?

HABILITE-SE

A

12 000

CONTOS

de bens imóveis

**SÓ
DURANTE
O MÊS DE
DEZEMBRO**

**na compra de um
andar de 2 ou 3
assoalhadas nas**

**URBANIZAÇÕES
SPOC**

**EM
SANTO ANTÓNIO
DOS CAVALEIROS
OU
SÃO SEBASTIÃO
DE GUERREIROS**

**PROCURE
ANÚNCIO**

ESPECIAL NAS PÁGINAS DESTA JORNAL

COMISSÃO DE CRÉDITOS E SEGURO DE CRÉDITOS À EXPORTAÇÃO

Em sessão ordinária, reuniu-se a Comissão de Créditos e Seguro de Créditos à Exportação Nacional, do Fundo de Fomento de Exportação, da qual fazem parte o dr. António Amaro d Matos, presidente do Fundo, representantes dos Ministérios das Finanças, do Ultramar e da Economia, da Companhia de Seguro de Créditos e da Corporação de Crédito e Seguros.

Entre outros assuntos de interesse foi aprovada uma proposta da Companhia de Seguros de Créditos no sentido de ser concedida uma garantia do Estado para riscos políticos e extraordinários de uma operação de crédito à exportação, no montante de cerca de cento e sessenta e cinco mil contos, e cujo seguro será realizado pela mesma Companhia.

Actividades económicas

COMÉRCIO EXTERNO DE PAPEL E CARTÃO

Vamos passar em revista a evolução do comércio externo português de papel e cartão (importação e exportação) bem como a sua composição, relativamente aos anos compreendidos entre 1965 e 1971. Consideraremos unicamente o comércio com o estrangeiro, excluindo portanto da análise os fluxos de mrcardoria destinados ao Ultramar ou dele provenientes.

Como é do conhecimento geral, o comércio externo de papel e cartão tem registado um permanente e volumoso «déficit», o qual se agravou progressivamente nos últimos anos, passando de 180 para 412 mil contos. Esta evolução traduziu-se por uma diminuição da cobertura das exportações pelas importações (de 26,7 para 23,5 por cento).

Durante o período em estudo, as importações progrediram com grande rapidez, traduzindo a incapacidade da indústria nacional em satisfazer integralmente a procura interna. Esta cresceu durante os anos sessenta a uma taxa que rondou os 9 por cento, com uma certa aceleração nos últimos quatro anos desse período; entretanto, a produção nacional cresceu a 6,6 por cento ao ano, com um ligeiro arrefecimento entre 1966 e 1970. Essa incapacidade da oferta em responder à procura atingiu maior gravidade nos papéis higiénicos, sanitários e especiais e nos papéis e cartões de embalagem.

Quanto às exportações, elas mantêm-se a um nível baixo, o que permite que qualquer pequeno aumento se traduza em

taxas de crescimento elevadas mas, como é óbvio, não significativas. De facto só a evolução dos artigos de papel tem algum significado, tanto pela continuidade dos progressos verificados, como pelo nível atingido pelas respectivas cifras (83 mil contos em 1971), se bem que, entretanto, a balança comercial desse tipo de produtos tenha passado de um ligeiro «superavit» para um nítido «déficit».

De todos os tipos de papel e cartão, só os papéis de impressão e escrita experimentaram uma melhoria do seu saldo, o qual diminuiu ligeiramente. Todos os restantes viram agravada a situação, passando dois deles (papéis e cartões de embalagem e artigos de papel) de saldo positivo para negativo.

A cobertura das importações pelas exportações melhorou, no entanto, em quase todos os grupos, à excepção dos papéis de embalagem e os artigos de papel.

Procederemos, em seguida, a uma desagregação dos grupos que até aqui temos vindo a considerar, afastando no entanto dela, por agora, os artigos de papel e cartão que me-

recem certamente uma análise à parte, a realizar futuramente. Nessa desagregação consideramos unicamente, como é óbvio, os seus grupos cujos valores de exportação e importação tenham um mínimo de importância.

Verifica-se que, praticamente em todos eles, o saldo é negativo. As excepções são: em 1965 o papel kraft, com um saldo positivo de dezoito mil contos e em 1971, o papel de forrar cortado e o cartão «não especificado» com saldos positivos de dois mil e duzentos contos e três mil e seiscentos contos, respectivamente. Idêntica observação feita para 1968, mostra-nos todos os subsectores deficitários, o que prova que é essa a sua situação normal, aparecendo, de vez em quando, alguns superávites ocasionais. Assim, vários subgrupos viram diminuídos, entre 1965 e 1971, os seus saldos negativos (ou transformados mesmo em saldos positivos) mas essas alterações devem, na maior parte dos casos, serem consideradas meras oscilações conjunturais, à excepção talvez do «papel de qualquer qualidade para livros ou revistas» e do «cartão não especificado, fabricado mecanicamente».

Os maiores défices encontram-se no «papel de impressão comum com o peso de 45 a 60 gramas por m² para periódicos, em carretéis» (135 mil contos), no «papel, cartão e

catolina engomados, revestidos, ou impregnados» (114 mil contos). Foram também esses os défices que maior acrésci-

mo absoluto manifestaram, juntamente com o do papel Kraft.

Nota-se também que esse sub-sector do papel kraft é o

único em que as exportações nacionais ultrapassam os dez mil contos (cifram-se em trinta e um mil contos). (P. C.).

A C. P. INFORMA:

ANO NOVO 1972/73

Serviço especial Lisboa-Porto

Por motivo das Férias do NATAL e ANO NOVO efectuar-se-ão, além das circulações regulares, mais os seguintes comboios, com 1.ª e 2.ª classes, entre Lisboa e Porto nos dias que, para cada uma, se indicam:

A	B	C	D	P		E	F	G	H	I
0-10	11-25	23-16	23-40	P	Lisboa (Santa Apolónia)	C	5-02	5-45	15-10	21-20
0-34	11-48	23-39	0-06	C	Braço de Prata	C	4-54	5-37	15-02	21-12
1-07	12-21	0-14	0-42	C	Vila Franca de Xira	P				
				C	Santarém	P				
				C	Entroncamento	P	3-36	4-26	13-41	20-05
1-50		0-57	1-30	C	Fátima	C	3-31	4-24	13-35	20-00
2-06		1-12	1-48	C	Albergaria dos Doze	P	3-16	4-09		19-45
2-19		1-25	2-06	C	Pombal	P	3-02	3-54		19-31
2-32		1-36	2-18	C	Soure	P	2-47	3-38		19-16
2-43		1-46	2-30	C	Alfarelos	P	2-36	3-26		19-05
2-48		1-47	2-40	P		C	2-26	3-16		18-55
3-01	13-58	2-00	2-53	C	Coimbra - B	P	2-25	3-15		18-53
3-09	14-01	2-20	2-58	C		C	2-10	3-00	12-18	18-38
3-20	14-12	2-31	3-09	C	Pampilhosa	P	2-08	2-58	12-16	18-33
3-23	14-14	2-34	3-14	P		C	1-54	2-44	12-04	18-19
3-32	14-23	2-43	3-23	C	Curia	P	1-53	2-40	12-02	18-17
3-46	14-37	2-58	3-37	C	Oliveira do Bairro	P	1-43	2-27	11-52	18-07
4-08	14-58	3-20	3-58	C	Aveiro	P	1-29	2-12	11-38	17-52
4-25	15-14	3-36	4-14	C	Estarreja	P	1-08	1-48	11-17	17-30
4-41	15-29	3-52	4-29	C	Ovar	P	0-54	1-31	11-03	17-15
4-58	15-46	4-10	4-46	C	Espinho	P	0-42	1-18	10-51	17-02
5-17	16-04	4-28	5-03	C	Vila Nova de Gaia	P	0-28	1-01	10-37	16-47
5-30	16-15	4-40	5-12	C	Porto (Campanhã)	P	0-10	0-42	10-19	16-29
						P	0-01	0-30	10-11	16-20

Todos estes comboios têm ligação de e para Coimbra

A — Em 18 e 23 de Dezembro.

B — Em 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 29 e 30 de Dezembro e 1, 2 e 5 de Janeiro.

C — Em 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31 de Dezembro e 1, 2, 3, 4 e 5 de Janeiro.

D — Em 16, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 29, 30 de Dezembro e 1 de Janeiro.

E — Em 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31 de Dezembro e 2, 3, 4, 5 e 6 de Janeiro.

F — Em 18, 26 de Dezembro e 2 de Janeiro.

G — Em 18, 20, 22, 23, 26, 30 de Dezembro e 2 de Janeiro.

H — Em 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 29, 30, 31 de Dezembro e 1, 2, 5 e 6 de Janeiro.

MOVIMENTO DE SOCIEDADES

A Direcção Geral do Comércio fez publicar no Diário do Governo III Série, número de 20 de Dezembro, a relação das sociedades cuja constituição, modificação, dissolução ou cancelamento foram inscritos no mês de Outubro de 1972.

Durante este mês, foi inscrita a constituição de 15 sociedades anónimas e de 143 sociedades por quotas, e foi inscrita a dissolução de uma sociedade anónima (com o capital de 4500 contos) e sete sociedades por quotas, e o cancelamento de outra.

Entre as quinze sociedades anónimas merece destaque a Brisa-Auto-Estradas de Portugal, S. A. R. L., sociedade que nasceu do Consórcio Técnico-Financeiro Brisa, que se apresentou ao concurso das auto-estradas e a quem foi adjudicada a construção, por decreto de 22 de Novembro último.

O capital da nova sociedade é de 100 contos, manifestamente pequeno em confronto com a dimensão do empreendimento e as personalidades e entidades a ele ligadas (ver DLEconomia de 28 de Novembro, «Auto-estradas para a Brisa»).

Para um empreendimento total na ordem da dezena de milhões de contos e «receitas a garantir» que partem em progressão de 136 mil contos em

1976 até mais de dois milhões em 1997, 100 contos de capital social aparece número insólito.

Claro que a inscrição foi anterior à adjudicação, pelo que decerto a sociedade modifica-

rá a dimensão do seu capital, apesar do crédito bancário de que dispõe...

Também em Outubro se registou Sojornal, a empresa do jornal de sábado «Expresso», com o capital de seis mil contos e Soteis-Sociedade Internacional de Turismo, S. A. R. L. com o capital de 90 mil contos.

Nas sociedades por quotas, os valores mais altos de capital das novas sociedades são os de Azupal-Azulejos Castelo de Pombal, L.d.ª, com sede em Pombal e o capital de 10 mil contos, e Oceanalgarve-Sociedade Turística, L.d.ª, com sede em Faro e o capital de 20 mil contos.

A C. P. INFORMA

3 DIAS NO MINHO
E CEIA FIM-DE-ANO EM OFIR

- * Partida de Lisboa-St.ª Apolónia às 8.45 de 30/12 (sábado), com almoço no comboio, e regresso em 1/1 às 23.05. Visita ao Minho em autocarro com guia-assistente.
- * Cesta de passagem-de-ano, espectáculo de variedades, alojamento e pensão completa num grande HOTEL DE OFIR, de 4 estrelas.

Preços (tudo incluído)

De LISBOA	1.290\$00	Colimbra	1.200\$00
Setúbal	1.270\$00	Santarém	1.260\$00
Évora	1.400\$00	Tomar	1.240\$00



não pense mais!

BAPAL Av. Óscar Mont. Torres 35a Lisboa

ACESSÓRIOS E UTILIDADES PARA AUTOMÓVEIS

Sugestões: preços a partir de: cabides 7.50; batentes de porta 17.50; porta-chaves 18.00; limpa-vidros 22.50; capas p/ volante 22.50; totalizadores de km 35.00; cinzeiros 36.00; espelhos 50.00; almofadas 60.00; bússolas, extintores 75.00; luvas de cond. 120.00; trancas anti-roubo 120.00; etc. etc.

APOIO AO FOMENTO INDUSTRIAL

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

UM BANCO VOLTADO AO FUTURO